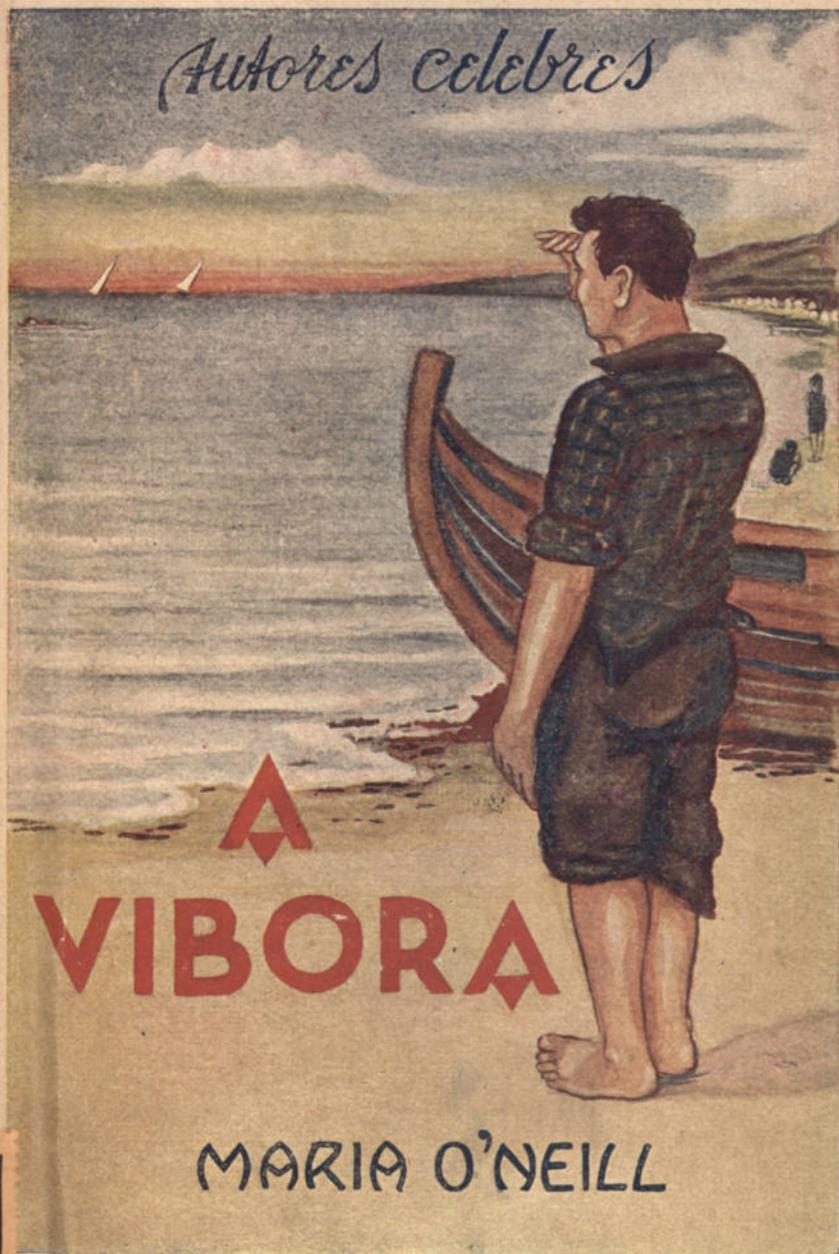


L 23361

Autores celebres



**A
VIBORA**

MARIA O'NEILL

Handwritten markings at the top of the page, possibly a date or page number, including the number '11'.

Lo

23361

A VIBORA

—•— TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTÓNIO MARIA PEREIRA —•—
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
—•— —•— LISBOA —•— —•—

18/11/1911

A VIBORA

18/11/1911

18/11/1911

AUTORES CELEBRES

MARIA O'NEILL

A VIBORA

ROMANCE

P. 108.296

L

Nos seus olhos, muita luz;
Nos lábios, um riso amêno;
No todo, infinita graça...
Mas, dentro d'alma, venêno.

23361

F. COSTA.

1930

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA



AUTORES ORIGINALES

MARCA SUEÑA

A VIBORA

ROMANCE

Q. 142898
L
57761

El autor de esta obra es
titular de los derechos
de propiedad intelectual
que en ella se expresan.

FABRICA ANTICUA MARIA FERREIRA

1900 - 1901

LINDA

1

A historia de uma mulher é sempre um romance.

LA CHAUSSÉE.

Era por uma tarde tépida de verão. O sol mergulhava nas aguas verde-negras e as ondas sussurrantes vinham desmaiar na praia, lamentando-se constante e monotonamente da triste agitação a que estão condenadas. Barquinhos pequenos e ligeiros aproavam a terra, e grupos de banhistas, disseminados pelo vasto areial, conversavam animadamente. As crianças cochichavam entre si, apanhando conchinhas pela beira d'água, ou construindo palácios de areia. Os rapazes e as raparigas trocavam promessas n'um olhar, e os velhos, fingindo nada vêr, recordavam, fitando as aguas fugitivas, a mocidade desaparecida tambem a fugir. De pé, no balouço, um rapaz ainda imberbe, subia até atingir a altura do pau de suporte, enquanto outros, a pequena distancia, se entretinham com uma guitarra. Um

homem e uma senhora apareceram na prancha de madeira que ladeiava as barracas. Êle já não era novo, mas elegante e distincto. O cabelo branco, assim como a barba, dava-lhe um ar de respeitabilidade que impunha. No seu braço apoiava-se uma mulher de rara beleza e de porte altivo. Era trigueira, tinha os cabelos d'um negro retinto e olhos azues muito claros. A figura era esbelta. Sentaram-se, conversando sobre futilidades, isolados de todos os grupos. Por fim estabeleceu-se entre êles um longo silêncio e ambos pareceram preocupados. Êle fumava o charuto, com ar de quem meditava, mordendo-o de quando em quando e ela, com a ponteira do guarda-sol, traçava no chão várias figuras.

O velho começou a seguir o movimento da sombrinha e os desenhos que a jovem traçava no chão. Um manifesto desagrado se lhe espelhou na fisionomia, e, atirando fóra o charuto n'um movimento de raiva impulsiva, bradou :

— E' então isso que te seduz?

— O quê, meu tio? perguntou Florência sobre-saltada.

— Carruagens, chapéus, viagens...

— Quem lh'o disse?!

— Tu, que inconscientemente acabas de traçar na areia um vapor minúsculo, um carrinho, e um grande chapéu.

Florência reparou então nos seus desenhos e desatou a rir dizendo :

— Como os nossos actos ás vezes são indiscretos!

— E' então a tudo isso que tu sacrificas a minha paternal amizade e o carinho de Gilberto?

— Não me censure, meu tio. Eu não compreendo a vida pobre — que quere? — habituaram-me a vêr em volta de mim um luxo que me atrae e que não possuo. O meu vestido de cassa, ao pé dos ricos vestidos das minhas amigas, desgosta-me. Quando saio de casa d'elas e comparo a sua vida á minha, sinto-me infeliz... tenho inveja...

— Mas pensaste tu bem no preço por que queres comprar tudo isso? Sabes o que é ligar a vida á duma criatura como Reinaldo?

— Não deve ser uma cousa summamente agradavel, imagino; mas... se é o único meio de me tornar rica, confesso-lhe que não hesito.

— Pobre Gilberto! Como eu o lamento!...

— Pelo contrário, meu tio, êle deve sentir-se feliz por não casar comigo. Eu não saberia nunca amá-lo como êle é digno de ser amado e, se por estúpida dedicação me ligasse a êle, seríamos ambos, dois desgraçados. Quanto ao tio, está ainda muito bem conservado. Não carece de afeições filiaes por ora... e eu, por casar rica, não deixo de ser sua amiga...

— E' então um caso decidido?

— E'. Mas, para tranquillidade do seu affecto por mim, affianço-lhe que meditei muito e não

me esqueci de avaliar o menor contra deste enlace.

— Está bem. Devo pois responder-lhe?...

— Que aceito, mas em determinadas condições. Quero um dote...

O velho ergueu-se como impellido por uma mola, o sangue affluu-lhe violentamente ao rosto e murmurou por entre dentes num tom intraduzivel:

— Eu não negoceo mulheres. Se queres vender-te, ajusta tu o preço, mas poupa essa vergonha aos meus cabelos brancos.

Um imperceptivel sorriso de ironia, logo reprimido, assomou aos lábios de Florência. Ia a retorquir, mas a chegada duma terceira pessoa fê-la desistir desse propósito.

Pela prancha de madeira dirigia-se para elles um homensinho baixo, loiro, de aspecto feminil e ar insignificante, envergando um fato de flanela branca. Era precedido por dois lindos galgos que corriam desabaladamente pela areia.

— Elle aí vem, murmurou D. Pedro de Castende, era este o nome do tio de Florência, indicando o recémvindo á sobrinha e fazendo um esforço para suster a imensa indignação que o agitava.

Reinaldo de Melo, barão de Soutelinho, aproximou-se de Florência, apertou-lhe a mão á inglaterra, falou ao velho com deferência e, titubiando um pouco, indagou entre timido e receioso:

— Não foi hoje que V. Ex.^a me disse?...

— Olhe, barão, eu sou muito sincero; a sua união com minha sobrinha não me agrada nada. Ela, porém, não é da minha opinião, e, como é ela quem casa e é maior, discutam os dois esse assunto para o qual, de modo algum, desejo concorrer.

E, afastando-se, travou conversa a poucos passos com o dono d'um dos barcos que acabava de atracar:

— Seu tio, Florência, não simpatiza absolutamente nada comigo.

— Detésta-o.

— Lamento.

— Também eu, tanto mais que isso obrigaria a tratar comsigo assuntos em que eu não desejaria tocar. Mas, compreende, não ha outro remédio visto êle não querer, de fórmula alguma, occupar-se de nada que diga respeito ao meu casamento comsigo...

— Mas porque me tem êle tanta zanga?

— Desejou, desde sempre, casar-me com o filho...

— Ah! Então está explicado... Eu quási me sentia ofendido... N'esse caso julgo que posso esperar...

— Eu lhe digo: o casamento é um caso muito grave para se decidir de leve, e meu tio acaba de me dizer que, embora não fique mal comigo, pois não deseja dar motivos de curiosidade á malevo-

lência pública, no dia em que eu casar comsigo morri para êle e escuso de contar com o seu apoio, nem com a sua amizade. Isto faz-me reflectir. Eu gosto muito de si, mas quem me diz que os nossos génios não se harmonisam? Que o seu amor não varia? Emfim, quem me assegura que não posso vêr-me na contingência d'uma separação, sem casa de família onde me recolher? Quem me assegura que, além das dôres moraes, não me verei privada de quanto é necessário ás necessidades materiaes da vida?

O barão franziu as sobrancelhas e pareceu reflectir. Florência continuou :

— Bem sabe que não tenho ninguém... Não lhe escondo que estou n'uma grande indecisão. Reinaldo, eu...

— Mas, minha querida Florência, parece-me que isso é fácilimo de remedear. Nas escrituras de casamento posso, dotando-a, pô-la ao abrigo das eventualidades que teme.

— Nesse caso, não tenho nenhum motivo para lhe recuzar a minha mão.

E estendeu-lh'a, com um sorriso amavelmente indifferente.

Reinaldo curvou-se a beijar-lh'a, murmurando entre contente e admirado :

— E' uma mulher prática, Florência!

— E fria. Os sentimentos nunca me perturbam a razão. O que os não impede de serem fortes e constantes.

— E' assim o meu ideal. Permite-me uma pergunta?

— Até mil, contanto que me deixe pensar a resposta.

— Sente por mim uma atracção irresistível?

— Não. Se a sentisse fugir-lhe-ia. Teria receio de cometer um disparate casando consigo; assim tenho, pelo menos, a probabilidade de acertar.

— Sabe que não é nada vulgar?

— Nenhuma mulher é vulgar aos olhos de quem a deseja.

— Isso não, acudiu pressuroso o barão, eu não desejo absolutamente nada Benita, e acho-a uma criatura superior.

— Meu Deus! não é bem a mesma coisa...

— Mas, voltando ao que importa, quando se realisa o nosso casamento?

— Por mim o mais breve possível. Compreende que, tomada esta decisão, a permanência em casa da familia me é desagradavel.

— Claro... claro...

— Tenho de aturar as lamentações do filho, as censuras do pae e os olhares eloquentes da governante que, embora sejam só olhares, não deixam de ser incomodos.

— Tem razão.

— Como nunca fiz tenção de ficar solteira, já tinha enxoval antes de ter noivo. As únicas cousas são vestidos, tenho-os, mas não feitos por causa da moda. Mandando-os confeccionar em várias casas

conto que, dentro d'um mês, no máximo, terei tudo pronto.

— Sabe muito bem que, sou filho único e, infelizmente, perdi ha pouco meus paes. A nossa casa, que é magnífica, está preparada a receber-nos em qualquer momento.

— Marque então a data.

— No dia 2 do próximo mês?

— Se tem muito empenho...

— Preferia outro dia?

— Queria casar no dia em que *anda a roda*.

— Porquê?

— Como o casamento é uma loteria parecia-me que isso seria presagio de felicidade.

Reinaldo desatou a rir.

— Seja. E em que dia *anda a roda*?

— No dia 31 d'este mês.

— Concordo. Mas, para ficar tudo decidido, onde casamos?

— Aqui, na capela da casa de meu tio.

— Então ninguem a verá? Serão só as pessoas de família? perguntou desapontado o barão de Soutelinho.

— Vêr-me-ão todos porque as portas da quinta serão abertas ao povo.

Como envergonhado do desapontamento que mostrára, o barão ajuntou:

— Compreende que, quem casa com uma mulher como Florência, não deseje escondê-la, não é verdade?

— Assim o creio. De outro modo não lhe daria a minha mão. Devo confessar-lhe que, não saberia nem poderia viver longe da sociedade elegante e frívola a que estou habituada.

— Diz muito bem. O hábito é uma segunda Natureza. Creio que nos entenderemos ás mil maravilhas!

— Jogaremos o *tennis* todos os dias?

— Oh! não. Isso seria demais: duas vezes por semana. Olhe, escreva na sua carteira...

Reinaldo pegou no lapis, abriu o seu *memorandum* e aprontou-se a obedecer.

— De manhã, isto é, ás dez, em dias de bom tempo, passeio a cavalo, ao meio dia e meia hora, almoço; do almoço ás quatro, casa, das quatro ás sete, rua, ás oito e meia, jantar; á noite, teatros, soirées, jogo, etc. Domingos e quintas recebemos em casa á noite. Parece-lhe bem?

— Optimamente.

— Pelo menos os nossos góstos encontram-se.

— E' uma garantia de felicidade.

D. Pedro de Castende, já senhor de si, aproximou-se dos futuros esposos:

— Então? Já chegaram a um acordo?

— Completo, senhor D. Pedro, completo: A's quintas e domingos jogamos o *tenis*.

D. Pedro olhou a sobrinha com pena e disse n'um tom, meio triste, meio zombeteiro:

— Oh! isso no casamento é essencial!...

E soltando um suspiro, dirigiu-se para os gui-

tarristas no grupo dos quaes uma voz, sonora e cheia, cantava mesmo a propósito :

Fica-lhe muito por dar...
O dinheiro não dá tudo

Florência, sem prestar atenção á cantiga, perguntou a Reinaldo :

— Onde passamos a lua de mel ?

— Onde quizer.

— Então em Nice.

— Seja.

E calaram-se.

— Em que pensarão êles? pergunta-me curiosa a leitora.

Êle, na ceia faustosa que tencionava dar a rapazes e mulheres alegres, como despedida d'uma vida estúrdia que não tencionava terminar, e ella se hade mandar vir o vestido de noivado de Paris ou fazê-lo na Gandon.

II

As necessidades do espirito contradizendo a educação, são um mal.

Benita de Lemos é uma criatura alta, franzina, pálida e loira, com um sorriso irónico a envelhecer-lhe os lábios, e na testa uns fundos vincos verticaes que se cavam á menor contrariedade. O seu olhar é prescrutador e antipático porque não sabe encobrir a zombaria nem os pensamentos. E' um espelho, não da sua alma, mas em que os outros se vêm reflectidos nem sempre lisonjeiramente. Filha de pae português e mãe alemã, o seu feitio moral ressent-se do cruzamento d'essas duas raças tão completamente antagonicas.

Tem vinte anos. E' filha única e viveu sempre d'uma maneira extravagante. Não se importa com o que alguém pode pensar a seu respeito, e faz quanto lhe passa pela cabeça; mas tem a sorte de não ter cabeça nem coração para o mal. Nunca-

amara, nunca estudara, nunca puzera na ideia que a vida não fôsse um divertimento perene e os desgostos e a morte males que só podiam acontecer aos outros. Lamentava muito todos que sofriam, valia a quantos podia; mas nem mesmo comprehendia o alcance do bem que praticava porque não sofrêra nunca o pesar de não realisar o mais leve desejo. Só um desgosto a torturava: não ter nascido homem. Ela sentia séde de espaço, liberdade, infinito, e diziam-lhe a todo o momento:

«A menina não deve fazer isso... Uma senhora não diz... não faz... não pensa... Isso era bom se fôsse rapaz, mas assim...»

Isto contristára-a soberanamente quando era criança. Um dia entrou no quarto do pae e disse-lhe com muita gravidade:

— Venho pedir-te um favôr.

— Já sabes que estou sempre ás tuas ordens.

— Não quero ser mulher.

— Essa agora! exclamou o pae rindo; mas que queres tu que eu te faça? Ah! tens uma cousa á qual te não posso dar remédio.

— Isso podes.

— Como?

— Véste-me de rapaz.

— Com muito gosto. Mas que dirá tua mãe?

— Diz que é uma tolice, mas eu dou-lhe quatro beijos e um abraço e deixa-me fazer o que eu quizer.

— Isso deixa, concordou ele sorrindo.

— Então leva-me ao alfaiate, sim? Quero um fato á maruja, de calça até ao pé.

— Bem, vai-te vestir.

Momentos depois Manuel de Lemos, com a filha pendurada no braço, dirigia-se á loja do Nunes Corrêa e encontrando feito o traço que a pequerrucha desejava (ela tinha então apenas dez anos) vestiu-lh'o logo e sahiu com ela assim depois de ter feito calçar umas botas de rapaz que a sapataria mais proxima lhe forneceu.

Benita não cabia em si de contente. Era exactamente um marujinho o que o espelho lhe mostrava. E como realisára esse desejo nasceu-lhe logo outro: precisava sair assim a cavallo para que todos a vissem e ninguem a conhecesse.

Escusado é dizer que saiu e que teve o prazer de a não reconhecerem nos primeiros momentos.

Com o seu traço masculino quiz que o pae lhe ensinasse todos os generos de *sport* a que o sexo forte costuma entregar-se e, até aos dezasete anos, andou sempre vestida de rapaz, a não ser á noite quando ia a qualquer reunião.

Então caprichava em se apresentar d'um modo superior á sua idade, de parecer uma mulher casada pela suntuosidade do vestuario e, quando alguem a supunha irmã da mãe, delirava.

Atingindo os vinte anos nunca ninguem lhe conhecêra um namoro.

Não tinha amigas porque não simpatizava com mulheres.

O pae era a sua paixão. Correr com ele á rédea solta, n'uma aposta de loucos a vêr quem chegava primeiro a qualquer ponto, pelas estradas dos arredores de Lisboa, era para ela a suprema ventura. Atirar ao alvo, escalar montanhas, uma delicia que não trocava por um baile. Havia porém dois generos de *sport* a que se não entregava: a caça e a pesca. Tirar a vida a qualquer sêr é uma barbaridade que não pode distrair um carácter bem formado.

Nos bailes e sermões Benita era perseguida por um enxame de adoradores, não d'ela, mas da fortuna que lhe attribuiam. Muito inteligente, presentia-lhes os sentimentos e, se lhes não manifestava desprezo, sentia-o.

Puzeram-lhe a alcunha de *coração de gelo* e ela riu-se porque o sentia de fogo.

Não amava ninguem, mas todos os dias, ou melhor, todas as noites pensava no homem que havia de amar e fazia sonhos hiperbólicos ácerca da sua futura felicidade conjugal. Mas quanto a concretisar o objecto dos seus devaneios era impossível. Ninguem lhe parecia digno de encarnar a perfeição que ideára.

Um dia, n'um concurso hípico, em que ela ganhára o primeiro prémio das amazonas, viu um elegante rapaz que a impressionou e lhe começou a fazer a côrte. Sentiu-se intimamente lisonjeada,

mas fingiu não perceber. Regressaram á cidade n'um grupo de cavaleiros e reparou que Lúcio Martins (era o nome do belo galanteador), falava muito com seu primo Pedro de Menezes e que este ria respondendo-lhe. Quando entraram em Lisboa cavalgaram a três e três e, como Benita ficasse entre o pae e o primo, aproveitára a occasião de perguntar a este último:

— Em que é que te falava o Lúcio Martins?

— Dizia-me que te achava encantadora e queria que eu o informasse ácerca do rendimento da tua fortuna e saber se eras filha única.

— E tu que lhe respondeste?

— Que era inútil. Não tinhas génio para *vender* nem para *comprar*.

— Fizeste bem. Obrigada.

E apertou-lhe vigorosamente a mão. No seu íntimo sofreu. Sentiu o seu orgulho e a sua vaidade completamente amachucados e, na linguagem que aprendera com os rapazes, quando lhe dava na cabeça fingir que o era, dizia de si para si: — Então este *typo* entende que por mim só não valho nada? E eu, que tenho sido tão perseguida, vou notar pela primeira vez na minha vida um *móno* que indaga, primeiro do que tudo, o rendimento da minha casa. Espere aí que eu já caio na *esparrela* de dar atenção a tal besta.

E, na impossibilidade de fustigar Lúcio Martins, tocou com a chibata nas orelhas do seu fino murzelo, que se encabritou, e partiu a todo ga-

lope. O prazer d'uma grande caminhada, o acompanhamento agradável aos seus ouvidos do tropear de muitos cavalos, distraíram-n'a do golpe que sofrêra na sua vaidade, golpe que apesar de ligeiro lhe semeou n'alma profunda e hostil prevenção contra o sexo masculino, o único a que ela desejaria pertencer; porque o seu achava-o frívolo, mesquinho, pueril e, na sua maioria nulo.

— Sabes, veio um dia dizer-lhe João da Cunha, o Chico Almeirim diz-se apaixonado por ti.

— Dize-lhe que um homem sem bigode não é gente para mim e, d'aqui até que êle lhe nasça, tem de esperar.

Estava pois Benita com vinte anos, o coração devoluto, falando umas poucas de línguas sem conhecimento algum de gramática e a cabeça cheia de romances cavalheirescos, os únicos que lia, porque para realidade, dizia ela, lhe bastava a vida que não desejáva olhar e muito menos conhecer.

A' porta do seu quarto, sempre fechada, uma campainha preveni-a de quem chegava, para se dar o prazer de ter de abrir e persuadir-se que morava n'uma pequena casinha independente.

Os seus aposentos não tinham excessos de elegância mas muito conforto. A cama era de pau santo, simples, sem lavôres. Da parede, a que encostava a cabeceira, pendia um grande crucifixo de ébano e marfim. As outras estavam cobertas por trofeus d'armas de todo o género. Sobre o

velador via-se a arte de Marialva, um tratado moderno de equitação e a *Arte de Caça e Alti-neria*, na sua edição popular. Por cima das mesas aprestes de fumo, e armas, e chicotes, e pingalins, de todas as formas e feitios e uma bonita guitarra.

O quarto de vestir, que pegava com este, caía no excesso contrário. Era d'um requinte de femi-nilidade que extasiava todas as mulheres que o viam. Estava mobilado á *Pompadour* e, sem ter objectos raros nem dispendiosos, era elegantis-simo. Fôra Benita que escolhêra os seus quartos e as respectivas mobílias. Ao findar o arranjo do primeiro dissera:—O rapaz está contente. Ao terminar o toucador sorriera ao espelho e ajuntára:—Benita gosta.

Era tôla! pensarão as mulheres que me lêrem.

Não, era um mimalho que realisava na vida quanto desejava. Nada mais.

Vestida de rapaz e sentada sôbre a cama, Be-nita lia a *Imitação de Cristo*, com a qual o seu confessor a brindára na véspera, assegurando-lhe que era uma leitura que lhe devia ser muito pro-veitosa, quando sentiu agitar a campainha da porta.

—Quem está aí?

A voz de sua mãe respondeu-lhe:

—E' a Florência que te vem visitar.

—Que seca! murmurou por entre dentes.

E, alto, ajuntou:

—Abro já.

O *Terra Nova*, presentindo pessoa estranha, levantara-se da linda pele negra em que estava deitado e, atirava-se, ladrando, á porta.

Benita fez estalar no ar um chicote sem tocar no animal, e foi abrir.

— Prende o *Valente*, pediu a visitante.

— Não te faz mal, assegurou Benita.

E dirigindo-se em tom imperioso ao cão, ordenou :

— Aqui, *Valente*, deite-se.

O cão obedeceu e *Florência* entrou no quarto da sua amiga, não sem demonstrar por mil gestos que a presença do *Terra Nova* a incomodava.

Benita fingiu não ver.

A sr.^a *D. Luísa*, introduzindo *Florência* no quarto da filha, foi cuidar dos seus afazeres de boa e burguesa dona de casa e as duas raparigas ficaram sós.

— Sabes que estava a cem léguas da tua visita? disse Benita cruzando uma perna sobre a outra e dando-se uma atitude máscula.

— E porquê?

— Porque não só me não mostraste nunca amizade, mas percebi sempre que te rias das minhas excentricidades.

— E' exacto. Não nego. Mas hoje preciso d'um desinteressado conselho e, olhando em volta de mim, não vejo ninguem a não seres tu cujo desinteresse me inspira sincera confiança.

— Obrigada. Ha pelo menos um ponto em que

me fizeste justiça, porque precisas, mas tendo tũ tantas amigas e não tendo eu *nenhuma*, é estranho que me tivesses escolhido para conselheira; tanto mais que, como vocês todos afirmam, eu desconheço completamente a vida... Mas vejamos de que se trata.

— Uma tempestade n'um copo de água. Eu tinha prometido a Gilberto que casava com êle porque, aqui para nós, receei não encontrar outro marido, mas o barão de Soutelinho, que, como sabes é muito rico, agradou-se de mim e pediu-me em casamento. Entre ser rica e pobre não ha que hesitar: decidi casar com êle. Mas éra-me preciso, para poder declarar públicamente o meu casamento, desenganar Gilberto. Pareceu-me melhor falar-lhe francamente, o que fiz. Êle disparatou, não quiz ouvir nada, e disse-me *que não consentia* no meu enlace com o barão de Soutelinho e se eu teimasse faria escândalo. Estou perplexa. Casar com um ou um outro é-me indiferente: Eu não amo nenhum. Mas sêr rica é o meu sonho... Dize que heide eu fazer?

— Com franqueza?

— Com toda a franqueza.

— Então af vai exactamente o que eu penso e tirarás d'isso o conceito que te parecer: Estou convencida que tu nunca terás juízo, isto é, nunca amarás senão a tua pessoa e o prazer. Creio, como dizem os rapazes, que virás a dar em *droga*, o que te não posso bem dizer o que seja porque o

não sei. Mas é cousa má com certeza e fatal para muitas mulheres ao que parece. Não casar, viver só, julgo o melhor para quem tenha o teu feitio; mas, se queres por fôrça saber onde consiste esse acto de casamento, acho tambem melhor que seja com o Soutelinho do que com teu primo, que é um bom rapaz a quem irias infelicitar.

— Pois sim, mas como convencê-lo a que me deixe em paz? tornou Florência sem levantar as rudes franquezas de Benita.

— O melhor é dizeres-lhe que o não amas.

— Já lh'o disse, mas éle teima.

Não te importes.

— Pois sim, mas se lhe der para fazer escândalo como ameaça?

— Faz. Isso que tem?

— Tem muito: pode desmanchar-me o casamento.

— Não percebo como...

Florência, desistindo de a fazer compreender, lá teria os seus motivos, propoz:

— Tu é que podias, sem prejuízo algum, arranjar tudo pelo melhor.

— Eu?

— Sim. Não vaes esta noite a casa do Cabral?

— Vou.

— Nós tambem. Éle gosta imenso de ti, da tua conversa, e tem-te em grande conta a opinião... talvez se lhe provocasses confidencias... quem sabe?...

Benita franziu a testa :

— Não me agrada muito o papel que me distribues, não sei mesmo se o saberei desempenhar, mas... tentarei.

— Oh ! quanto te agradeço !...

— Não tem de quê... não é por ti : é por êle.

— A tua sinceridade não é muito amavel.

— Que importa, se te serve?

— Tens então por mim uma decidida antipatia?

— Não. Tenho a mais completa indiferença, mas desejo muito que sejas feliz como desejo o mesmo a toda a gente.

— Bem, então esta noite?

— Empregarei toda a minha habilidade para conseguir o que pretendo... E agora, adeus. Perdoa-me *pôr-te a andar*, mas tenho que lèr pelo menos três capitulos da *Imitação de Cristo*. Vem cá jantar o meu confessor e preciso mostrar-lhe que li o livro.

Acompanhou Florência á porta do quarto e, chamando uma criada, disse-lhe que guiasse a visitante junto de sua mãe. Fechou a porta, correndo de novo o ferrolho, e atirando-se para cima da cama com uma perna cruzada sôbre a outra e, tendo na mão o livro atribuido a Kempis, começou a lèr o *capitulo XVII Da vida religiosa : Convem que aprendas a quebrantar-te a ti em muitas cousas se queres ter paz e concordia com os outros*. E seguiu lendo capitulo sôbre capitulo, prêsa cada vez mais da beleza e santidade do

texto. Quando tocaram para jantar ergueu-se d'um salto. Tinha esquecido o tempo. Enfiou á pressa um vestido enquanto murmurava sem dar atenção ao que fazia: *A bôa consciência é muito sofredôra e conserva-se alegre no meio das adversidades.* Isto é belo e deve ser assim...

Três pancadas rápidas soaram na porta, e a voz de sua mãe censurou Benita:

— Ha um quarto de hora que te estamos esperando...

— Pronta, minha mãe. Vamos.

E abraçando ternamente a senhora D. Luísa, tornou uma cara de tempestade nas mais risonhas páscoas.

III

Não indagues de quem falou;
mas atende ao que se disse.

(De *Imit. Chr.* I. V. 1.)

Entrando com sua mãe na casa de jantar, Benita correu para o seu velho confessor e beijou-lhe a mão com respeito, exclamando com sinceridade :

— Se eu soubesse que estava cá não o teria feito esperar.

— Oh! Benita! Então seus paes não estavam á espera?! exclamou frei João da Cunha, n'um tom repreensivo.

— Não me lembrei, meu bom amigo, e a culpa foi sua.

— Minha?!

— Sim. Não me tivesse dado a *Imitação de Cristo*.

A fisionomia do padre tornou-se resplandecente.

— Ah! Leu?

— Apenas três capitulos.

— E gostou?

— Esqueci-me do tempo: bem viu.

— E' um grande livro!

— Se é! afirmou D. Luísa com convicção.

— Mas diga-me, perguntou frei João interessado, que juizo formou pelo que leu?

Benita olhou-o de frente e, depois de reflectir um instante, respondeu:

— O melhor possível. E' uma leitura sã e agradável que, supponho, deve tornar bons os maus e fazer melhores os bons. Os que sofrem devem sentir-se confortados lendo tão belo livro.

— Tambem o creio, disse Manoel de Lemos. Lembra-me ainda do meu tempo de criança. Minha mãe quando eu fazia qualquer diabrura chamava-me e, sem me repreender, (era uma santa) mandava ler-lhe em voz alta um capitulo da *Imitação de Cristo* que mais adquado lhe parecia ao caso e o certo é que, apesar de eu ser muito turbulento e estouvado, essa leitura fazia-me mais efeito do que tudo que me pudessem ter dito.

— E' natural. As consciencias bem equilibradas não precisam da censura: ellas proprias se re-preendem ou louvam segundo o modo por que procedem.

— Não quiere mais perdiz, frei João?

— Muito obrigado, minha senhora.

— Vieram, mesmo cosinhadas, de casa de meu irmão. Ele tem a mania de que não há melhor

cosinheiro de caça do que um bom caçador, e como se tem nêssa conta...

— E com muita razão. Jantei ha dias em sua casa: tinha uns tordos com arroz verdadeiramente deliciosos.

— A propósito, Frei João, já ouviu a Laurinha interpretar Glük?

— Não, Manoel: é bem?

— Magnificamente: não faz uma idéia.

— Sabe, frei João?

— ?

— Ouvi hoje, na Nunciatura, que a política do Vaticano vae mudar.

— Pode ser, mas não creio.

— Fundam-se para o afirmar na saída de Mgr. Bagnini do Vaticano.

— Mas quem afirma que éle sai?

— Ignoro, respondeu Manoel.

— Olhe, meu caro Lemos, não dê nunca ouvidos a boatos e, para formar uma opinião espere sempre vêr realizar qualquer facto.

— Mas diz-se...

— Ele o que obteve foi a maior recompensa que Sua Santidade lhe podia dar: foi nomeado protonotário apostólico participante no colégio dos Cardeaes Violetas, fica pois neste cargo entre os secretarios de Estado de mais evidência. O senhor Nuncio deve já saber isto.

— Acredita então que continue a mesma politica? perguntou o pai de Benita.

— Decerto, mesmo que Mgr. Begnini não ficasse no Vaticano isso não me oferecia a menor dúvida.

— E pode dizer-me porquê, frei João? perguntou Manoel de Lemos a quem os negócios da Cúria interessavam imensamente.

— A política de Pio X difere fundamentalmente da de Leão XIII: parte duma luta de princípios e segue a natural evolução dos factos. A Igreja tem que atravessar dolorosos tempos, mas mesmo que Pio X faltasse, o que Deus não permitirá tão breve, segundo espero, a restauração Cristã-social ha-de fazer-se lentamente.

— Os factos que aqui e noutros países se estão dando é talvez efeito do pouco cuidado que durante tanto tempo mereceu esse grave assunto, não lhe parece? indagou ainda Lemos.

— Certamente. Eu lhe digo. Leão XIII foi uma das maiores figuras do seu século, um grande político, mas por isso mesmo...

Benita olhava com anciedade para o relógio colocado ao fundo da casa de jantar e disfarçava a custo um bocejo.

Quando o jantar terminou Frei João despediu-se.

— Já?

— E' forçoso. Recebi um bilhete do Marquez d'Além pedindo-me para ir esta noite a sua casa. Está bastante doente segundo me informou o criado.

— Nesse caso não o demoro com muita pena minha.

— Um pedido, Benita, disse Frei João afegando a face rosada da sua jovem amiga.

— Uma ordem, meu padre, como tudo que deseja. Diga.

— Prometa-me que não começa nem finda um dia sem que leia umas palavras no livro que lhe ofereci.

— Prometido e com muito prazer.

— Está bem. Deus a faça uma santa, minha filha. E voltando-se para os paes, enquanto Benita corria a buscar-lhe o sobretudo, ajuntou :

— Ela é bôa de mais para ser feliz.

— No entanto, por ora... disse a mãe entre receosa e satisfeita.

— Tambem digo, continuou Manoel de Lemos com um sorriso não isento de preocupação.

— E nós todos temos culpa nisso, disse Frei João. Devámo-la ter preparado melhor para a vida; mas tanto a temos amimado...

— Aqui está o seu casaco, Frei João.

— Obrigado, Benita, obrigado.

E vestindo o sobretudo, que a filha de Manuel de Lemos lhe oferecia, despediu-se de todos e saiu.

XIV

Não reveles o teu coração
a toda a gente.

(De *Imit. Chr.* I. VIII. 1.)

Gilberto de Castende era um homem de estatura mediana, magro, de aspecto aristocrático e com o rosto emoldurado n'uma formosa e bem cuidada barba loura. Tinha uns olhos azues, melancólicos e expressivos, uma voz dóce e harmoniosa que agradava ao ouvido, uma figura gentil de sonhador, de pagem enamorado, com uma linda voz de tenor e versos primorosos sempre prontos a saírem-lhe dos lábios. Era religioso e crente, apaixonado pela sua arvore genealógica, e, para ser do seu tempo, devia ter nascido na época do *talon rouge*.

Florência, sua prima, captivára-o, não pelo espírito, porque embora fôsse inteligente faltava-lhe sensibilidade o que para êle era cousa irreparavel, mas pela gentileza, formosura e magestade do porte, o que, para um apaixonado de genealo-

gias e pergaminhos, era cousa de suprema importancia.

Benita compreendera tudo isto, apesar de não conhecer bem o mundo, e teve por assim dizer a intuição de que qualquer cousa de grave havia na ameaça de Gilberto. Trocar confidências, disse-lhe Florência... Seria facil?

Entrando á noite em casa da família Cabral, os nossos leitores não conheceriam Benita. Em vez do garoto desengraçado e de modos desenvoltos veriam uma mulher elegante e despretenciosa, magnificamente vestida, mas que ninguem suporia solteira, apesar da sua frescura de assucêna, pelo ar grave e profundamente senhoril que ostentava.

No momento em que entramos em casa do Cabral dansava-se uma contradança. Benita com Rodrigo de Melo tinha por *vis-a-vis* Gilberto de Castende e Suzana de Atahide.

Gilberto, quando trocaram os pares, disse-lhe uma amavel galanteria e pediu-lhe a primeira valsa.

— Com uma condição, respondeu sorrindo Benita.

— Qual?

— Quando terminar esta contradansa conversar comigo hora e meia. Se durante esse tempo se não aborrecer, o que duvido, concedo-lhe a valsa que pede.

— Inscreva então o meu nome no seu *carnet*...

- Bem vê que é prematuro...
— Garanto-lhe que não.
— Como é imprudente e leviano!...

Trocaram-se de novo os pares e Gilberto, como todo o bom portuguez, ficou agradavelmente impressionado e cheio de vontade que a dança terminasse porque aquela condição, imposta por tão interessante criatura, aguilhoava-lhe a curiosidade. Estava tão absorto por causa das palavras de Benita que por um pouco, elle, que era a cortezia em pessoa, se não tornou grosseiro com o seu par, esquecendo-se de manter uma conversa banal.

Tendo conduzido Suzana ao seu logar, Gilberto apressou-se a vir junto da conselheira de sua prima.

— Cá estou! exclamou elle com um sorriso meio alegre, meio triste, porque não gostara de vêr Florência insistir em dansar com o barão de Soutelinho contra a sua expressa vontade.

— Veja as horas.

Gilberto tirou o relógio do bolso das calças e, occulto na palma da mão, mostrou-o a Benita.

— Bem, disse esta sorrindo, vamos agora vêr em que assunto é mais difficil ao homem sustentar conversa.

E quedou-se momentaneamente pensativa. Depois, como se tivesse achado o que desejava, ajuntou:

— Já sei. Vou pedir-lhe que me faça confidências. Devem ser interessantes para mim as suas. Sabe porquê?

— Não, minha senhora.

— Porque recebi as de Florência a seu respeito. Ora se me fizesse as suas era um romance vivido... devia ser curiosíssimo.

— Ela disse-lhe *tudo*? perguntou Gilberto insistindo nesta última palavra.

Sem lhe perceber a intenção Benita afirmou.

— *Tudo*.

— Aquela mulher é duma leviandade espantosa! Perdôe-lhe, minha amiga, ela não compreendeu que ha cousas que se não deviam dizer a uma senhora solteira embora superiormente inteligente... E seja generosa... guarde silêncio, sim?

— Mas diga-me uma cousá, Gilberto; para que teima em casar com ela?

Gilberto pareceu hesitar, mas acabou por responder:

— Para reparar a minha falta.

Sem medir o alcance da confissão feita nem bem perceber o que a ela correspondia Benita voltou-lhe prontamente:

— Mas se o Soutelinho não põe duvida n'isso não compreendo para que se sacrifica.

— Ah!... Êle não põe dúvida?!...

— Nenhuma.

— Isso então é outra cousa... Mas diga-me

parece-lhe que não é duro esse verbo que emprega tratando-se de Florência ?

— Mas não, acho mesmo que não saberia empregar outro.

— O motivo ?

— Aquela mulher, para você, passado o tempo em que todos se iludem, não podia ser senão um sacrifício constante.

— Porquê ? perguntou êle num tom de quem não deixa de se sentir lisongeadado.

— Não lhe convem aquela criatura : é banal.

— Como entende que deve ser a mulher que eu devo escolher ?

E um sorriso vaidoso encrespou-lhe os lábios.

Benita respondeu com sinceridade :

— Como eu, mas não eu.

— Continuo a perguntar porquê ?

— O meu ideal é diferente. Acho-o simpático, inteligente, gosto muito de conversar consigo, enlevo-me ouvindo-o cantar, esqueço-me do tempo quando conversamos em literatura, mas não posso ama-lo. Gosto dum tipo diferente e faltam-lhe a si muitas cousas que eu quero no meu marido se chegar um dia a casar.

— Venham as faltas . . .

— Primeiro quero que o homem escolhido por mim tenha um aspecto viril.

Gilberto mordeu os lábios com despeito.

— Venha o retrato.

— Moréno, olhos negros, cabelo negro, esta-

tura mediana. Um homem a quem em pensamento se possa entregar uma espada ou uma lança sem que tenhamos a menor hesitação de que as saberá usar.

— Então parece-lhe que eu?...

— Devia tocar admiravelmente num alaude e quando muito jogar o florete. E' fina distinta e elegante esta arma, mas acho-a muito própria para mulheres. Enfim um marido para mim é difficilimo de encontrar porque é preciso que eu possa pensar d'ele: E' um homem superiormente intelectual e que, fisicamente, nenhum pode suplantiar, nem em elegancia, nem beleza, nem no aspecto másculo, sobre tudo nisso. Você tem todas as qualidades que eu desejo num marido para casa, mas falta-lhe a parte para a rua e para a admiração que a mulher deseja sentir pelo homem que escolhe.

— Muito obrigado. Quanto acaba de dizer é extremamente lisongeiro.

— Não me pediu que lhe retratasse o meu ideal?

— Lá isso pedi...

— Podia tê-lo feito numa palavra, mas não lhe quiz deixar ilusões, porque, segundo tenho ouvido, os homens são sempre presumidos.

— Não tanto como julga: venha já agora qualquer cousa a respeito do character.

— Character dominador e ar correspondente.

— Não posso pensar em lhe agradar.

— Já vê. Mas pode dansar comigo esta valsa depois de me prometer que deixa a Florência em paz com o seu Soutelinho.

Gilberto olhou-a investigadoramente. E, depois de longos momentos de silêncio, em que meditou quanto Benita lhe dissera, atribuiu a tudo a importância que lhe pareceu justa e respondeu á sua interlocutora :

— Tem razão, Benita. Êles valem-se moralmente. Não pensarei mais nisso.

— Dá-me a sua palavra de honra?

— Dou-lhe a minha palavra.

— Vamos valsar.

E deslisaram ao longo da sala ao som dos harmoniosos acordes duma composição de Shyder.

Florência seguia de longe com a vista o elegante par e sentia uma pontinha de ciume, vendo a satisfação com que Gilberto dansava aparentemente esquecido dela.

Olhou para o primo e para Soutelinho, comparou-os, e sentiu que Gilberto era superior a Reynaldo. Mas o titulo? A fortuna? As viagens? E, no tom de quem sacode uma ideia estúpida e importuna, perguntou ao noivo :

— Vamos valsar, Reinaldo?

— Com mil vontades.

E tomando-a pela cintura seguiu com ela na onda vertiginosa.

— Tenho um pedido a fazer-lhe, dizia Gilberto a Benita acompanhando-a ao bufete.

— E é?

— Licença para lhe fazer a côrte um mez.

— Não dou.

— Porquê?

— Tenho médo. Dizem que não é bom brincar com o fôgo...

— Mas eu não brinco: serei o mais sério, o mais grave possível.

— É perigoso. Posso apaixonar-me por si e... já lhe confessei que não realisa o meu ideal.

Neste momento aproximava-se Rodrigo de Melo.

— E este? perguntou Gilberto.

— Oh! êste, respondeu Benita rindo, é o contrário de você. Serve para a rua, mas seria inutil em casa: não tem uma ideia. Passariamos os dias a bocejar em frente um do outro.

— Insisto no meu pedido: consente?

— Eu não; mas não posso prohibir-lho: não me comprometo a cousa alguma e não entendo namorar por *sport*.

— Então?

Tornando-se séria, Benitaolveu-lhe:

— Quero escolher o meu companheiro na vida reflectidamente e elegê-lo no meu coração como o melhor e o mais nobre.

— Tentarei ser eleito.

— Duvido.

— Tenho quasi a certeza, afirmou Gilberto.

Benita não lhe respondeu.

Quando ao sahir do baile se despediu de Florência no vestibulo, pôde dizer-lhe :

— Consegui o que desejavas : estás livre. Florência còrou e, com um sorriso irónico que era um enigma para Benita, respondeu-lhe sècamente :

— Obrigada. Eu tinha a certeza de que a tarefa te era fácil.

E afastou-se, mordendo os lábios com despeito. Benita olhou-a com pasmo.

— Que é ? perguntou-lhe sua mãe vendo-a imóvel.

— Nada. Florência tem um carácter que eu não compreendo nada.

— Ainda bem, minha filha. O contrário é que seria para lastimar.

Nessa noite, apesar do retrato que Benita tinha feito a Gilberto do seu ideal, sonhou com o primo de Florência, viu-se num templo ornado de flôres e ajoelhada com êle aos pés dum padre que lhes lançava as bênçãos nupciais.

E sentia que o amava em sonhos como nunca amara o seu fantasiado ideal.

Quando acordou ia alto o sol.

Esfregou os olhos e desatou a rir, exclamando :

— Sempre se sonha cada disparate !

V

Uma paixão cura se com outra.

É linda a quinta de Souto Real, solar dos Castendes nas proximidades de Torres Vedras, situada num vale pitoresco e fértil, sombreado por gigantescos castanheiros. Nasceu ali D. Pedro e queria ao solar com apêgo e carinho filial. A ideia do casamento de Florência entristeceu-o por tal forma que resolveu, logo que tal *monstruosidade* se consumasse (era assim que elle apelidava o projectado enlace) ir acolher-se á sombra veneranda de Souto Real para se consolar da perda, para o seu affecto, daquela criatura que durante tantos anos tratara como filha e via fugir levada por um estranho, que a seu vêr, nem ao menos lhe oferecia garantias de felicidade.

D. Pedro de Castende convidara a família Lemos, de quem era muito íntimo, e frei João da Cunha a irem acompanhá-lo naquelle desgosto,

dizendo-lhes com as lágrimas nos olhos e voz cortada pela comoção :

— Morreu-me uma filha, meus amigos. Enterei-a ontem e venho pedir aos seus corações compassivos que me não desamparem neste momento doloroso. Gilberto mostra-se alegre, para me não affigir ; mas o que não terá sentido aquella alma affectuosa e boa, vendo a noiva desejada trocá-lo por um nulo, e partir com elle de riso nos lábios sem dar uma única lágrima ao passado !...

— Não se affija, meu caro amigo, exclamou Benita, abraçando-o com filial ternura. O casamento de Florência foi uma sorte grande para seu filho. Elle podia lá ser feliz com uma mulher frívola, fria, feroz ! Com uma criatura enfim que possui todos os ff possíveis, menos o da fealdade, o que, com o carácter que ella tem, é talvez um mal !

D. Pedro ia a protestar, mas Manuel de Lemos atalhou-o, dizendo :

— V. Ex.^a teve sempre por Florência um grande affecto, o que nunca permitiu que lhe estudasse os defeitos ; mas um homem superior, como Gilberto, não podia ser feliz com ella.

Benita tem razão.

— O que não impede que elle esteja inconsolável.

— Qual inconsolável ! volveu Benita rindo. Já nem pensa que ella existe. Eu não posso trair as confidências d'elle, meu bom amigo, mas affianço-

lhe que está voltado para lado muito diferente e que pensa tanto na prima como na primeira camisa que vestiu.

— Antes assim. Essa certeza dá-me uma grande consolação Benita, porque, confesso-lhe a magua d'ele pezava-me ainda mais do que a minha.

— A quem o diz! exclamou D. Luiza que estivera escutando em silêncio até então. As dôres dos filhos são as piores dôres dos paes.

— E' certo. E que respondem ao meu pedido?

— Venha para cá. Estaremos agradavelmente em família e...

— Não é isso que eu quero. Desejo que me acompanhem, e mais o frei João, até Souto Real. Passaremos lá um ou dois meses e regressaremos a Lisboa com o inverno. Que me dizem?

Os paes olharam para Benita. E ella segundo o costume, respondeu por todos.

— E' uma ideia magnífica. Quando partimos?

— Amanhã á noite, se não mandarem o contrário.

— Não senhor. Meu pae, é preciso levar os nossos cavalos.

— Parece-me inutil, Benita. Tenho lá uns que não são maus.

— Quantos?

— Tres. O meu, o de Gilberto e... e o d'ela, concluiu D. Pedro em intraduzivel tristeza.

— Então basta um: porque agora os cavaleiros são quatro; vae o meu.

— Já falou n'isto a frei João? perguntou D. Luiza.

— Mandei lá o Gilberto. Até amanhã?

— Então até amanhã.

— Não faltem, pediu D. Pedro.

— Prometi, cumprirei, affiançou Manuel de Lemos, acompanhando-o á porta.

Era, pois, em resultado d'um telegrama recebido essa manhã que o *Zé do Moinho*, caseiro de D. Pedro de Castende, montado na melhor égua da casa e com o seu fato domingueiro, se dirigia pela estrada de Tôrres ao encontro da carruagem que devia trazer seu amo e os hóspedes por êle anunciados.

Mais perto do que julgava avistou a caleche em que vinham e, metendo o cavalo a galope, alcançou-a prontamente.

— Meu amo! Senhor morgadinho! Meus senhores!

— Adeus, Zé. Como vai isso?

— Como está a Rosa?

— Muito bem, muito agradecido. Ela queria vir por essa estrada fóra até os toparmos. Coitada! as pernas já lhe não fazem a vontade e, deitando-me a botar contas, logo vi que não havia lugar na almofada da sége.

Para *Zé do Moinho* todas as carruagens eram séges.

Deu volta ao carro que continuou o caminho interrompido e trotou á estribeira.

Benita disfarçava a custo a vontade de rir que lhe causava a exótica figura do cavaleiro.

D. Pedro olhava-a com um sorriso benevolente enquanto fingindo ouvir o que lhe dizia Manuel de Lemos pensava para si com êsse egoísmo natural dos velhos que não podem separar a ideia da felicidade alheia das suas próprias conveniências:

— Se ao menos Gilberto casasse com Benita!... Esta tem-me affecto... não seria uma estranha para mim.

D. Luiza tambem em imaginação aventava as vantagens que d'aquelle casamento poderiam resultar para a filha e sorria á ideia de a ver casar com Gilberto: um homem tão bom, tão delicado, tão fino! Via nêle o tipo que idealisára para genro e o casamento de Florência permitiu-lhe pensar em realisar o que ela julgava ser a felicidade da filha. Manuel de Lemos, quando a mulher lhe falou nisso sorriu e respondeu:

— Sim, o Gilberto seria para Benita um marido encantador; mas ela, com o feitio que lhe conheço, parece-me inacessivel a paixões.

E o sorriso paterno, ao dizer isto, não era isento de orgulho.

— A mãe sorriu tambem, mas por modo diverso e volveu-lhe:

— O mesmo dizia meu avô quando minha mãe lhe disse suspeitar que eu te tinha amor e se era ou não verdade... tu bem o sabes...

Êle envolveu-a num terníssimo olhar que, ape-

zar de não ser nova, a fez estremecer até ao mais íntimo d'alma e, sem palavras, os seus lábios uniram-se num longo beijo.

O verdadeiro amôr é assim. Não morre nunca. A dificuldade é que alguém ame e seja amado sinceramente, e não tome por amor o que não passa de instinto animal.

Mas deixemo-nos de divagações ácerca dos personagens da nossa história e vamos ter com elles no momento em que se apeiam á porta de Souto Real.

Gilberto ofereceu pressuroso a mão á snr.^a D. Luiza que entrou no solar pelo braço do seu desejado genro e D. Pedro apoiando-se ao de Benita dizia-lhe entre triste e risonho:

— Trocaram-se os papéis, minha flôr. E' a débil trepadeira que ampara o muro prestes a derrocar-se. Que triste cousa é a velhice, Manoel de Lemos!

— A sua tem a magestade do sol no ocaso, disse-lhe Benita com sinceridade.

— Lisonjeira! Quere envaidecer-me?

— Bem sabe que é verdade.

— Talvez, mas o ocaso, mesmo o do sol, é profundamente desolador.

E calou-se, subindo as escadas vagarosamente e parando a espaços.

D. Pedro foi acompanhar os seus hóspedes aos quartos que lhes estavam preparados e, minutos depois, reuniram-se todos na casa de jantar em

volta da mesa splendidamente servida, reluzindo de cristaes, pratos e brilhante de flôres.

Gilberto e Benita animaram por tal fôrma a refeição com a sua constante brincadeira que o rosto de D. Pedro desanuviou-se momentaneamente, chegando por mais duma vez a rir com gôsto.

— Faz-me uma falta o frei João! exclamou Benita.

— Depois de amanhã cá o tem.

— Mas eu queria-o hoje.

— Para qué?

— Para fazer amanhã companhia a minha mãe enquanto nós iamos a cavalo visitar os arredores.

— Eu a supôr que eram saudades e afinal!...

— Mas, apesar de cá não estar frei João, podem passeiar a cavalo. Eu e seus paes, iremos de carruagem e vocês serão os nossos batedores: não é assim? interrogou D. Pedro, olhando simultaneamente para os paes de Benita.

— Decerto, decerto, concordaram êles.

Que dô eu tenho dos leitores que nunca amaram! A todos aqueles que sabem o que isso é, lembro o momento em que, pela primeira, vez sentiram agitar-se-lhe o coração, ao desabrochar desse sentimento sem igual que revêste de encanto a natureza e que parece e se deseja infinito, no coração que o goza.

Amar e ser amado são acontecimentos que ra-

ras vezes se dão a um tempo. Muitos gozam de ser amados, outros vivem de amar. Os primeiros, são geralmente séres egoistas que prezam as homenagens e os cuidados que lhes dispensam e acham para si tudo merecido e pouco. Incapazes do menor sacrifício, sentem-se lisonjeados de que os outros lhe imolem o melhor do seu coração.

Pertencem ao numero daqueles que dizem: eu não amaria fulano ou sicrano se *elle fizesse* ou *descesse* a... etc... Estas pessoas que amam condicionalmente, nunca souberam nem saberão o que é um sentimento forte. Este não obedece aos raciocínios, nada pode domina-lo ou diminuir-lo e é de tal forma incoerente que odeia e despreza: repugna-lhe e... ama. E' o mais infavel dos gozos e o mais atroz dos suplícios.

A todas as pessoas que estando para casar possam pensar «*eu não amaria se...*» dou-lhes de conselho, rompam o ajuste de casamento, conservem-se solteiros. A vida conjugal não se fez para eles. Mas os que amam *apesar de tudo*, esses, se estão geralmente votados ao sofrimento, tambem experimentam gozos que a palavra não traduz. O acordar do coração da mulher virgem e inocente para o amor é uma festa que deixa na memória recordações que nenhuma outra oferece.

A carruagem de D. Pedro, uma modesta e velha vitória, estacionava á porta de casa, Zé do Moinho e um dos moços da quinta seguravam

pelas rédeas os cavalos, de Gilberto e Benita. Aparece afinal no alto da escada a família de Souto Real e os seus hóspedes.

Benita vestia uma amazona castanha muito justa, chapéu de aba larga, por causa do sol, e, arregaçando o saiote, deixava vêr umas elegantes botas de montar.

O cásaco, um pouco aberto no peito, mostrava uma camisa de gôma azul clara, e nas tranças, soltas ao longo das espáduas, laços da mesma côr.

Gilberto ofereceu o joelho á gentil cavaleira, mas ela recuzou e, tomando conta da sua montada, voltou-se para o lado da parede, ergueu o pé até alcançar o estribo, e, dum pulo agil, collocou-se sôbre o selim. D. Pedro, por instâncias de Manoel de Lemos, foi no assento principal oferecendo a direita á senhora D. Luiza e levando á frente o marido desta.

Gilberto vestia um elegante fato de veludo castanho e botas altas amarelas.

Ficava bem a cavallo.

— Para onde vamos? perguntou o cocheiro, vendo que se esqueciam de lhe dar ordens.

— Para a Quinta das Lapas.

Embora se cansem todos a depreciá-la a provincia da Extremadura tambem tem as suas belezas embora de género diverso das do norte. Poderia simbolisa-la uma mulher loira e pálida, de olhos azues, graciosa e franzina, de feições

delicadas e regulares, com um sorriso jovial e bom a iluminar-lhe o rosto, tendo nas mãos um grande feixe de papoulas e espigas, apoiada a uma oliveira e fitando com satisfação uma vinha onde já pendem apetitosos cachos.

São dos pontos mais bonitos da Extremadura as imediações de Torres Vedras salpicadas de pequeninas e caiadas aldeias, de bastos pinheiraes, e lindas propriedades onde se encontra a mais variada vegetação. A *Quinta das Lapas*, por exemplo, pertencente ainda nesse tempo aos marquezes de Penalva, é uma das mais belas que ali se conhecem e que os visitantes de Torres Vedras nunca deixam de ir admirar. Ficava a mais de légua e meia da propriedade de D. Pedro. Gilberto e Benita trotaram primeiro á estribeira, depois, ao chegarem á estrada real, tomaram a dianteira.

— Não nos deixe perder de vista os batedores, Silvestre, recomendou D. Pedro ao cocheiro.

Emquanto D. Pedro enumera aos seus companheiros tudo que deseja que elles vejam na sua terra, vamos, porque é mais interessante, escutar a conversa dos cavaleiros.

— Então, Benita, que lhe parece a minha terra?

— Mais bonita do que você.

— Isso é já muito.

— Vaidoso!

— A última vez que aqui vim foi com Florência...
Como eu julgava então diferente o meu destino!

— Bem, vae tambem pôr-se quasi a chorar como seu pae? perguntou Benita amuada.

— Sabe demais que não.

— Então?

— Era uma observação natural : ninguem pode adivinhar o que o futuro lhe reserva.

— Quem lhe havia de dizer que ela havia de partir assim? E que seria eu que a substituisse.

— E' verdade, interrompeu Gilberto.

— Mas tem sido repetida por mais de vinte mil maneiras diferentes; é portanto uma verdade sédida,olveu Benita,

— Diga-me uma cousa que ha muitos dias ando com vontade de saber.

— E é?

— Lembra-se do retrato que em cêrta noute me fez do seu ideal?

— Perfeitamente.

— De então para cá éle não sofreu modificação alguma?

— Que lhe importa? perguntou ela, desviando os olhos e còrando.

— Muito.

— E se eu não lhe responder?

— Faz-me mal, e, o pior, é que não é só a mim.

— Pois a quem mais?

— A meu pae.

— Como? Não percebo?...

— E' fácil. Eu tinha desde muito uma forte inclinação por... Benita... amei-a primeiro do que

a Flornécia, mas a menina não viu ou fingiu não vér. Por essa ocasião voltou minha prima do colégio e...

— E Gilberto, que me tinha amado primeiro do que a ela, amou-a depois de mim, concluiu Benita num tom zombeteiro.

— Não ria...

— Estou séria. Terminei apenas veridicamente a sua história.

— Não ponha por ora ponto final.

— Continua?

— Continua. A sua imagem perseguiu-me sempre...

— Mesmo durante a paixão por ela; isso é claríssimo.

Gilberto como se não tivesse ouvido:

— Noite em que eu a encontrasse em casa dos Cabraes ou dos Melos, a imagem de Florência era apagada pela sua...

— Que coração constante! exclamou a amazona soltando uma gargalhada irónica.

— Estou-lhe contando a verdade.

— Acredito, porque não tem senso comum.

— Depois...

— Já sei: ela foi-se e eu fiquei. Claro que a minha imagem torna a suplantá-la dela.

— Exactamente. Ha porém alguma cousa que ainda lhe não disse...

— Vem a ser?

— Que me sinto arrebatado por um sentimento

mais forte do que eu julgava poder sentir e, se fôr repellido, afasto-me... Não desejo sofrer mais...

— Do que já sofreu por causa *dela*, não é assim? indagou Benita com uma pontinha de despeito.

— Não contesto.

— Pois bem, respondeu, a filha de Manoel de Lemos depois de curto meditar, serei igualmente franca: Estimei-o sempre e sempre pensei que se poderia fazer de si um marido... agradável; mas, como já lhe disse, você não se parece nada com o tipo que eu tinha idealizado. E' porém certo que, desde essa fatal noite, tenho por si maior estima e, (como ei-de eu dizer?), parece-me que você é necessário á minha existência. Não o amo, pelo menos assim o creio; mas aborreço-me quando não está presente e não me sinto bem longe de si. No entanto, á noite, quando me deito, não é comsigo que eu idealiso projectos de futuro, não. Sonho com essa criatura que ideei, que talvez não tenha sobre a terra fisico nem moral que se lhe assemelhe, mas que desde muito criança me habituei a amar. Quem é *ele*? Não sei. Nunca o vi. E' o ente superior que a nenhum outro posso comparar... Depois dêle, confesso-lhe... só o poderia amar a si.

— Mas se êle não existe!?

— Eu sei lá! Vejo-o com tal nitidez que... Mas emfim será uma tolice e farei o possível para vér se o esqueço.

— Posso então esperar ?

— Parece que sim. Eu não devia nunca ter discutido literatura comsigo : é um assunto perigoso.

— O pior não foi a literatura.

— Não ?

— Não ? Fôram as confidências.

— Se eu soubesse !

E, fustigando o cavalo, partiu a galope.

Gilberto seguiu-a.

Benita pensava :

Amar e ser amada ! Que cousa encantadora deve ser visto que só essa ideia me causa na alma tão grande transformação.

E, voltando a cabeça, mergulhou um fundo olhar nas cérulas pupilas de Gilberto.

O rosto do gentil cavaleiro afogueou-se. Não ha nada mais petulantemente atrevido de que a ignorância dos inocentes. Vae tão longe que dá muita vez aos outros a impressão de que são muito sabidos em assuntos de que não têm a menor ideia.

O olhar, que Benita lançára ao seu companheiro e do qual desconhecia inteiramente o alcance, teria feito a glória da mais refinada *coquette*. Felizmente Gilberto sabia demais como havia de pensar a respeito dela.

Chegaram finalmente á Quinta das Lapas. Os marquezes estavam ausentes, mas patenteáram-lhe a Quinta. Viram os jardins, a mata, as estufas, tudo que naquela linda propriedade é digno

de repáro. Gilberto, na preocupação de agradar, era encantador, e Benita, contente com o acordar dos sentidos, mostrava-se alegre e feliz. E tão mal escondia os seus sentimentos, ou não se preocupava com isso, que os pais dela e D. Pedro trocaram mais duma vez um benévolo e expressivo sorriso acompanhados dum olhar muito significativo.

Quando voltaram a Souto Real, sem terem dito uma única palavra, D. Pedro e os seus hóspedes sabiam que o enlace de Gilberto e Benita seria um acontecimento agradável para todos.

VI

Frei João appareceu em Souto Real na manhã immediata como tinha combinado, passeando com a sua confessada por entre os lindos canteiros de buxo que ornavam o jardim ouvia dela a confidência de quanto lhe disséra Gilberto.

O bom padre escutava-a atentamente e meneava a cabeça com ar de pouca satisfação. Por fim declarou:

— Pense bem, Benita. Não se precipite. O casamento é um passo muito grave e que merece ser considerado com toda a possível friesa. Gilberto é bom e inteligente, — bem sabe que o conhecimento de criança, como á menina, mas não tem firmeza de carácter nem a compreensão nítida do dever: tive já occasião de poder analisar isso. Isto não é dizer-lhe que não pode ser feliz com elle, tem até a probabilidade de o ser; mas enfim não

é o marido conforme ao seu ideal nem o homem que eu a desejaria vêr desposar.

— Oh! o frei João não acharia nunca um homem digno de mim, isso sei eu. A afeição que me tem torna-o faccioso.

O velho olhou-a em ternura e murmurou:

— Tem talvez razão. E' certo que entre todos os rapazes que conheço não encontro um único a quem a dêsse de bôa vontade.

— Já vê! exclamou Benita soltando uma jovial gargalhada.

— Mas eu lhe digo, minha filha, tenho para isso uma poderosa razão. Os homens não estão educados para a felicidade do lar e eu desejava vê-la alegre e feliz como sempre tem sido.

Benita comoveu-se, abraçou-o com um transporte infantil, já improprio dos seus vinte anos, e beijando-lhe os cabelos nevados, garantiu-lhe:

— Socegue, meu amigo, eu serei sempre feliz porque ei-de dominar a vida, o marido, tudo: eu nasci para mandar.

— Cuidado! Para isso é necessario saber obedecer.

— E não sou eu uma filha sùbmissa e uma ovelha que o seu pastor guia com um simples volver de olhos?

— E' certo. Mas as próprias qualidades, quando exageradas, são defeitos...

— Quere que eu me faça freira?

— Deus me livre! A vida do claustro, quando

bem entendida, é cheia de sacrifícios e abnegações. Eu não queria que os seus pés encontrassem um único espinho no rude caminho da vida; desejaria que só pisassem pétalas de rosa.

— Pobres rosas desfolhadas para me servirem de tapete! Não tinha dó, frei João?

— Não: o affecto é sempre egoista e eu, não tendo as subtis delicadezas de S. Francisco de Assis, que Benita nunca leu, mas de quem tem o sentimento, não lhe escondi que são as suas raras qualidades que me assustam. Benita é a mulher feita para ser boa mãe e boa esposa. Seria a mulher forte do Evangelho, se o casamento fôsse o que devia ser e o homem compreendesse a sua alta missão social e educativa. Assim... preferia vê-la ficar solteira.

— E o horror d'uma velhice só, desolada, sem ninguém?

Frei João ergueu solemnemente a mão e apontou-lhe o ceu, dizendo:

— Nunca está só quem tem Deus no coração e infelizes que consolar.

Benita curvou a cabeça e deu alguns passos em profundo silêncio. Depois, parou e olhando de frente o seu confessor, disse-lhe:

— E não será falhar completamente á sua missão ser destinado a criar e morrer sem ter produzido? Eu não entendo nada disso, meu padre, bem o sabe; mas parece-me que para a mulher não pode haver maior glória que dar á pátria

homens que a defendam e amem. Filipa de Vilhena armando os filhos cavaleiros é o meu ideal.

E, soltando uma gargalhada em desarmonia com o entusiasmo com que disséra tudo isto, ajuntou :

— Mas para que ei-de eu mentir-lhe e mentir-me a mim propria? Quero amar e ser amada. Sinto na alma uma sêde de affecto inextinguivel. E, se para conhecer o verdadeiro amor é preciso sofrer, sofrerei. E parece-me que não me arrependerei de assim ter pensado. Quero, de acordo sempre com a minha consciencia, voz de Deus que a razão me impõe escutar, não morrer e em conhecer a vida. Viverei, não me bastaria nunca vegetar.

Quando Benita terminou estas palavras com a violência do seu temperamento juvenil, Frei João ergueu as mãos ao ceu num gesto de súplica e de fé, murmurando em voz clara e cheia de uncção religiosa :

— Meu Deus ! entrego-vos a mais rara das flores que me tendes confiado em tão longa carreira. Os meus olhos já não verão bastante para lhe servir de guia, vigiai-a. Vós mesmo, senhor : Séde-lhe constante amparo.

E, dizendo uma frase, ininteligivel para Benita, lançou-lhe paternalmente a benção.

Sentiu-se tocar a sineta para o almoço e a voz alegre de Gilberto que bradava :

— Então, seus fugitivos, ainda não acham ho-

ras dê nos dar o prazer de lhe desejarmos bons dias?

Muito preocupado, frei João estendeu-lhe a mão que êle beijou com respeito e, lançando-lhe a bênção como havia feito a Benita, murmurou:

— Deus o faça feliz, meu filho.

— Está doente, frei João?

— Não, porquê? perguntou o velho padre como quem acorda dum mau sonho.

— Acho-lhe um aspecto melancólico...

— E' culpa minha, Gilberto. Estive a expôr-lhe propostas de futuro e êle não tem confiança nenhuma em você. Diz que é volúvel, não tem firmeza de character nem nitida compreensão do dever. Não é verdade frei João?

— E'

Gilberto côrou.

— Nesse caso os meus desejos não merecem a sua aprovação?

— Não.

— E' cruel, meu padre. Tanto mais que, sendo meu confessor desde criança, nem ao menos posso defender-me das acusações que me faz e sinto justas como tudo quanto vem de si. Resta-me humilhar-me e pedir-lhe perdão de ter posto tão alto o meu amor.

O padre comoveu-se, mas disse com ironia:

— Amor! Se eu tivesse a certeza de que era amor!...

— Êle tem defeitos, mas é bom, disse Benita.

— Eu não aprovo, mas não me oponho — voltou frei João. Reflectam maduramente sobre o caso e, se resolveram ligar-se, serei eu que os case já que os baptisei. Torno porém a repetir: *cuidado*. E' um nó o casamento que se não pode nem deve desatar. E, visto isto, apressemo-nos que já vêem em nossa procura.

Efectivamente D. Pedro e os paes de Benita dirigiam-se ao encontro do venerando ancião.

Retomaram todos o caminho de casa.

O almoço correu alegremente.

De longe em longe o pae de Gilberto falava com saudade de Florência, mas parecendo-lhe que as suas referências não eram agradáveis a Benita, deixou de pronunciar o nome da sobrinha.

Várias famílias das quintas dos arredores vieram visitar D. Pedro e os seus hóspedes. Deram-se festas e passeios, e, de dia para dia aumentava o enlevo de Benita por Gilberto que procurava por todos os modos captar-lhe as boas graças.

Combinou-se uma pesca no Sizandro que já corria engrossado pelas primeiras chuvas, e, num dia cinzento, dirigiram-se todos para ali em animada conversa. Também os acompanharam a família da quinta das Camélias e os morgados do Choupal. A primeira compunha-se duma senhora viuva, duns cincoenta anos, e de suas duas filhas, graciosas moreninhas entre quinze e dezoito

primaveras : a segunda duma senhora, tambem viuva, mas ainda nova, e de seu filho único que parecia irmão da mãe.

Era um gentilíssimo rapaz, alto, espadaudo, de olhar negro e penetrante e com um lindo bigode a sombrear-lhe o lábio superior, mão pequena e cuidada, notavel pela beleza. Vestia com distincção, mas sem os requintes da elegância usados por Gilberto. Quando êle foi a primeira vez a Souto Real encontrou-se á porta com frei João que saia a visitar os padres do Varatojo. Gilberto apresentou-lho e o velho padre, olhando-o, pensou :

— E' o ideal de Benita!... Que resultará deste conhecimento?

E cravou nêle um olhar penetrante e investigador que o recém-vindo sustentou de cabeça erguida.

Frei João afastou-se contente.

VII

... é grande dos amantes a cegueira.
(*Lus.*, cant. v) CAMÕES.

Estão pois os nossos conhecidos nas margens do Sizandro, com as canas na mão e as linhas mergulhadas na água. Silêncio completo.

Não conheço divertimento mais estúpido.

Mas para eles não era. Estavam todos muitíssimo interessados na pescaria.

Quando algum tirava d'água uma enguia a satisfação era enorme.

Benita, muito atenta ao que fazia, não notava os olhares que Gilberto e o morgado do choupal lhe dirigiam. Depois de meia hora de custoso silêncio conseguira apenas pescar quatro enguias!

Atirou fóra a cana e ergueu-se.

— Onde vaes? perguntou-lhe a mãe.

— Estes ensaios de pachorra não me agradam e não gosto de vêr rabiá os peixes: isto é bárbaro! Vou passear.

— Eu também vou, declarou Suzana.

Era a filha mais velha da senhora D. Felizarda. Gilberto e o morgado depozeram as canas.

— Pelo que vejo debanda toda a mocidade? perguntou Frei João.

— Toda não, respondeu Clara, irmã de Suzana, eu fico : gosto muito da pesca!

— Não admira, comentou Benita com gaiatice ao ouvido de frei João : ela não *pesca* nada em assunto nenhum : não lhe faz falta conversar.

— Garota ! exclamou rindo o velho padre.

— Não se afastem muito, recomendou a senhora D. Luiza.

— Não, minha mãe. Vamos subir ao Calvário.

— Mas isso é muito longe! exclamou contrariada a senhora D. Felizarda.

— Tudo é relativo, minha senhora. Estaremos ali em dez minutos a dizer-lhes adeus com os lenços, afirmou Gilberto.

E ofereceu o braço a Suzana que apoiou nêle timidamente a ponta dos dedos.

O morgado curvou-se diante de Benita.

— Obrigada, recuzou ela. Sou bastante vigorosa para caracer do apoio de ninguem.

Quere fazer uma aposta?

— Qual?

— Vamos a vêr quem chega primeiro lá acima?

— Com muito gosto. Mas já a previno de que o caminho é mau e ficará vencida.

— Parece-lhe? interrogou ela num tom de desafio.

— Tenho a certeza. Gilberto será o juiz.

— Não, respondeu Benita. Suspeito-o de parcialidade.

E lançou um affectuoso olhar ao seu hospedeiro que fez corar de despeito o morgado.

— Suzana é quem deve ser.

— Mas, meu Deus, exclamou afflicta a graciosa moreninha, eu nunca servi de árbitro em apostas dessa natureza!

— Não importa, volveu-lhe Benita, uma vez é a primeira. Dê o sinal Gilberto.

O morgado e Benita pozeram-se a par, mas o primeiro insistiu generosamente:

— Dou-lhe a vantagem de cem passos.

— Recuzo, respondeu Benita com orgulho.

E, como calçava as botas de montar para evitar as humidades das margens do Sizandro, pregou a saia mais curta.

Gilberto deu o primeiro sinal, o segundo e ao terceiro Benita e o morgado lançaram-se numa tão doída correria que Suzana assustada dizia a Gilberto:

— Meu Deus! Ela vae quebrar a cabeça por aqueles fragedos acima! E que dirá a mãe?

— Não quebra. Em primeiro logar, quando chegar aos fragedos, não pode correr. Depois, está muito habituada a fazer toda a casta de disparates que lhe passam pela cabeça para haver algum que lhe possa fazer mal.

E estas palavras eram ditas num tom de aze-dume cortante e séco, que admirou Suzana.

— Parece que a sua hóspeda não lhe inspira grande simpatia,

— Pelo contrário, sou muitíssimo amigo dela. E' por isso que lhe não perdôo estas creancices para as quaes já não tem idade.

— Quantos anos tem ela?

— Vinte.

— Minha mãe diz que em nós todas, mulheres, por velhas e inteligentes que sejamos, ha sempre um fundo de criancice.

— Talvez tenha razão sua mãe, respondeu Gilberto num tom de aborrecimento que fez Suzana arrepender-se de se ter associado a tal passeio.

A conversa continuou no mesmo assunto. Entretanto Benita e o morgado faziam prodígios de agilidade e rapidez,

— Atenção, exclamou Gilberto: estão a chegar.

Quasi simultaneamente Benita e o morgado pizavam o alto do monte e, do adro da pequena ermida, acenavam com os lenços.

— Quem chegou primeiro? perguntou timidamente Suzana a Gilberto.

— Foi o Júlio mas a diferença não chega a ser dum segundo.

— Em todo o caso, se houvesse um prémio?

— Seria déle.

— Se ela tem áceitado os cem passos!...

— Isso sim! Ela quere lá vantagens! Quando a conhecer melhor, verá. E' uma pequena selvagem com a qual nada pode a civilisação. Em casa dela

anda sempre vestida de homem. Aqui, julgo que por atenção a meu pae, é que ainda se não poz nessa figura.

Tendo o pé no alto do monte, Júlio teve pena de Benita, que chegava do lado oposto, com as faces afogueadas, o seio arquejante, as mãos ensanguentadas e o vestido roto.

Emquanto que elle apenas sentia uma ligeira fadiga que se traia no acelerado da respiração.

— Não lhe dizia eu que a tarefa era axcessiva para as suas forças?

— Bem vê que não. O pequenissimo atraso que tive foi devido ao vestuário.

— E as mãos?

— Tambem. Feri-as nas silvas quando quiz soltar o vestido,

Júlio, olhando-a expressivamente, titubiou:

— Era assim que eu desejava a mulher para minha companheira na vida. Que, se fosse necessário, se vestisse de homem e me acompanhasse por onde quer que eu fosse. Tem alguns compromisso, senhora D. Benita?

— Tenho: já concedi a outro a minha mão.

— E o seu coração?

Benita franziu o sobr'olho:

— Uma mulher como eu não dá nunca uma cousa sem a outra. É lindo este sitio! ajuntou ella para mudar de conversa.

— E'. Não me esquecerei de que recebi nelle a maior desliusão da minha vida.

— Engana-se. O tempo apaga tudo no coração do homem com uma tal rapidez que é inacreditavel.

O meu noivo, inda não he dois mezes que estava loucamente apaixonado por outra.

— E V. Ex.^a vae confiar o seu futuro a um homem assim? Perdõe-me... esquecia-me que sou a pessoa menos própria para lho lembrar.

Benita sorriu e estendeu-lhe a mão:

— Tem um belo character, morgado, e creia que o aprecio sinceramente. Não diga nada por ora ácerca do meu casamento; ainda mesmo não falei nele a meus paes, embora saiba que o levam em gosto. Mas preferi ser franca consigo... não me consolaria nunca se me julgasse mal ou me tivesse por uma *coquette*, genero de *criaturas* a que tenho a maior raiva.

— Não posso saber quem é o feliz mortal?

— E' Gilberto.

— Não lhe dou os parabens.

— E' natural. Os seus caracteres devem ser perfeitamente opostos.

— Falêmos de outro assunto. Peço-lhe que fique entre nós a conversa que acabamos de ter.

— Com certeza. Previno-o porém de que ha uma pessoa que a saberá, mas guardará segredo.

— Ele? perguntou Júlio com descontentamento.

— Não. Frei João, o meu confessor, de quem nunca escondi nada.

— E que diz ele do seu noivo?

— E' da sua opinião, meu caro morgado.

— E não o escuta?

— E' muito tarde: jurei-lhe que seria sua mulher e uma mulher como eu, quando promete, não falta.

— Oxalá que sempre assim diga, mas... em fim... perdôe-me mais uma vez... dadas as circunstâncias que me deu a saber, creia que lamentarei toda a minha vida, *toda*, tê-la conhecido.

E, antes que Gilberto e Suzana atingissem o cume do monte, despediu-se de Benita e desceu pelo lado oposto áquele por onde os outros subiam.

Benita ficou pensativa vendo-o afastar.

— Então o vencedor? perguntou Gilberto n'um tom que em vão tentou ser indiferente.

— Foi-se.

— Porquê? perguntou Gilberto admirado.

— Não lho perguntei, mas parece-me que poz os calções no estado em que eu puz as mãos.

Gilberto olhava-a investigador.

Benita não sabia mentir.

Vendo as mãos da lisboeta ensanguentadas, Suzana mostrou-se inquieta:

— Que dirá sua mãe vendo-a assim?

— Não diz nada. Sabe muito bem que quem trepa aos montes por sítios incultos rasga o fato.

Gilberto, apesar de ser a cortezia personificada não pode evitar um ligeiro movimento de desagrado.

Notando-o, Benita contraiu as sobranceiras e, voltando-se para Suzana, meio séria meio em tom de gracejo cantarolou :

Forte e rude como as rochas
Sou tão livre como o vento.
E' livre o meu pensamento,
Mais livre o meu coração.
Tenho uma lei: a verdade
E curvo á minha vontade
Quanto encontrar no caminho
Como faz sempre um tufão.

Aqui tem o meu retrato em versos d'improviso, minha querida Suzana, para dar mais realce e importância á minha ilustre pessoa. E, voltando as costas a ambos, começou a descer o monte.

Eles seguiam-na em silêncio. Gilberto, ciumento em excesso, vira nos versos ditos por Benita uma afirmação de que lhe não tinha amor. E o aperto de mão que a vira trocar com o morgado, parecia-lhe um acto d'a selar um compromisso.

Suzana pensava :

— Esta mulher tem razão. Parece realmente um vendaval. Não ha meio de a alcançar. Chegamos aqui a toda a pressa para a spanharmos e, mal chegamos, ela ai vae de fugida sem nos dar tempo a descansar.

Passados os primeiros minutos de marcha e de mau humor Benita voltou a cabeça e, vendo o modo porque Gilberto e Suzana se precipitavam

em seu seguimento, parou desatando a rir. E' que realmente a cara de Gilberto e o modo porque ia arrastando Suzana pelo braço tinha muito de cómico. Benita sentiu-se subitamente alegre e, voltando-se para Suzana, disse-lhe com ar sorridente:

— Ceda-me o braço de Gilberto, minha amiga, primeiro porque estou cansada, e a menina não; depois porque é meu.

Suzana apressou-se a fazer-lhe a vontade, abrindo grandes olhos sem compreender a frase da sua nova conhecida.

O rosto de Gilberto transfigurou-se e, com voz mal firme, perguntou a Benita.

— Não compreendo então os seus versos...

— Pois não os disse em latim. São portuguezes de lei. Concordo que não sejam bons, mas para um *improviso de mau génio* não se pode exigir mais. Mas eu lhe explico o que elles querem dizer. São apenas uma afirmação pura e simples da minha completa independência *agora e sempre*. Se, com o feitio que me conhece, lhe agrado, pode pedir-me a meus paes. Elles não sabem nem podem dizer *não* quando eu tiver dito *sim*.

— Obrigado. Não encontro expressões...

— Nem é preciso. Vê, Suzana, como se tratam simplesmente as cousas entre lisboetas?

— Mas eu julgava que o Morgado fazia a côrte a Benita e...

— Pois como vê estava completamente enganada.

Voltaram ás margens do Sizandro onde a pesca já tinha sido abandonada. Fôra proveitosa : saltavam dentro dum cesto uma boa porção de enguias.

O morgado estava sentado junto de sua mãe e já havia contado a aposta que fizera com Benita e o resultado dela.

— Sempre maluca ! disse D. Luiza em leve tom de censura : que vestido ! que penteado ! que mãos !

— Então que querem ? Fui ao Calvário buscar a cruz.

— A cruz ? !

— Sim. E' por ora um enigma para todos menos para Suzana.

— O que é ?

— Venha a decifração ?

— Sim, sim, á decifração.

Frei João olhou para Benita com tristeza e esta, notando-a afirmou :

— O meu padre confessor parece ter adivinhado.

— Não, minha filha, não advinhei cousa alguma.

Benita olhou-o fixamente e não contestou apelar de saber muito bem que elle não era franco. Depois os seus olhos encontraram os de Júlio e leu neles uma tal declaração que disse :

— Dou-lhes até á noite para adivinharem, mas só amanhã estão autorizados a entregarem-me as decifrações.

E, aproximando-se do rio, lavou as mãos, compoz o penteado, e tirando do bolso agulha e linha começou a coser o folho da saia.

D. Felizarda olhava-a com espanto e lançava ás furtadelas olhares ás filhas como a dizer-lhes: «Notem meninas como é horrivel uma mulher malcriada! E as meninas davam mostras de concordar com a mamã.

Serviu-se o *lunch* na relva e voltaram á quinta a pé. D. Felizarda e as filhas, conversavam com D. Luiza e com a morgada. D. Pedro com Manuel de Lemos, Júlio, Gilberto; e Benita, levando pelo braço o seu velho confessor, ouvia-o descrever a pesca.

— E não lhe fez mal a humidade do terreno? perguntava ela.

— De modo algum.

— Eu não gosto da pesca. E' um divertimento muito insipido...

— Bem sei. Não pode ter prazer nem na pesca, nem na caça, nem em apanhar flôres...

— Não era agora esse o lado porque eu encarrava a pesca, mas...

— Diga-me, que cruz é que foi buscar ao calvário?

— O Gilberto. Não é uma cruz para toda a minha vida? perguntou brincando.

— Não gosto de a vêr tratar de leve um assunto de tanta ponderação.

— Oh, meu querido amigo, eu não posso ficar

toda a vida a ponderar a mesma cousa. Prometi a Gilberto casar com êle, cumpro.

— Mas para que prometeu?

— A hora, o lugar, o perfume das flôres... etc. um montão de cousas que comovem a alma feminina, que os homens não compreendem e os padres muito menos. Não é verdade? Que sabe o frei João do amor?

— Mas, Benita, muito mais do que julga. Eu tambem fui novo e... tambem amei.

— Conte então. Eu preciso instruir-me.

— Não aprenderá muito na minha história, menina. Eu era o filho primogénito duma família distincta da ilha e tinha mais tres irmãos. Era costume na minha casa, desde tempos imemoriaes, que o filho segundo fosse destinado á Igreja. Meu irmão quando chegou o momento de pronunciar os votos adoeceu gravemente. Não acharam os médicos origem fisica a tal padecimento que comtudo lhe ameaçava a existência e, attribuindo-o a qualquer causa moral desconhecida, encarregou-me meu pae de procurar saber o que a tal ponto o achacava.

«Eu estava noivo então duma bonita e graciosa criança a quem amava com paixão e o meu casamento devia realisar-se no fim desse ano em que terminava o curso de filosofia.

«Entrei no quarto de meu irmão e empenhei-me em lhe arrancar o seu segredo. Não me foi difficil. Ele vivia na tortura constante de ser advi-

nhado, e como era esse o seu maior receio, confessou-me tudo supondo que se tinha dado o que temia. Amava a minha noiva.

— E ela? perguntou Benita interessada.

— Não gostava de nenhum de nós. Casava porque seu pae combinára com o meu essa união. Era costume isso no tempo de que lhe falo. Sofri nove anos num só momento, mas saí dessa luta moral como devia á minha consciência e ao meu nome. Cedi-lhe a noiva e a fortuna, tomei o habito por elle.

— E elle aceitou! exclamou Benita indignada.

— Elle tinha sofrido muito, minha filha. A ventura deslumbrou-o, não teve tempo de reparar na minha turvação momentanea e ficou persuadido de que era realmente esta a minha vocação. Sofri muito, muito. Tive longas horas de desanimo, mas venci-me. Tomei pelo melhor caminho e não estou arrependido. Meu irmão e minha cunhada foram muito felizes, e eu, se paguei o preço da sua ventura á custa da minha, tive a satisfação da propria consciência e a benção de Deus.

Benita olhou-o com admiração:

— Que razão eu tenho de o venerar, meu amigo! Quem o iguala em nobreza d'alma? Quem teria animo de imolar assim o próprio coração?

— Não exagere, Benita. E' o seu grande defeito. Tenho receio de que o seu casamento com Gilberto não seja mais de que um acto de compaixão.

— Não, meu amigo, não é. Eu classifico-o melhor: é um acto de loucura. Estou persuadida que o amo apesar das qualidades que lhe faltam, mas não é o casamento uma loteria, como dizia Florência? Quem sabe se não terei o premio grande?

— E se o não tiver?

Benita pareceu reflectir :

— Se não tiver pedirei á religião christã conforto na minha dôr.

— Benita não o ama...

— Engana-se, meu padre, amo-o demais. E tanto que, se não tivesse jurado casar com êle, não o faria.

— Cada vez compreendo menos...

— Pois é simples. Não lhe passarei pela mais pequena leviandade.

— Mau, mau... Já nós lá vamos. Então não case. E' o melhor que tem a fazer.

— Caso e serei feliz pela simples razão de que o quero ser.

.....
Manuel de Lemos contava aos rapazes as suas proezas de caçador. Ao principio a frio, serenamente, mas pouco a pouco, satisfeito da atenção com que o escutavam a fantasia voava, a cabeça estonteava-se-lhe e as petas saiam, umas apoz outras, com uma rapidez vertiginosa, deixando os vizinhos assombrados.

Esquécido de que nunca saíra de Portugal ca-

çou desta vez um corcodilo, mas no meio da história lembrando-se êle que alguém, D. Pedro, lhe poderia contestar a veracidade do facto, fingiu então recordar-se subitamente dum célebre episódio sucedido numa caçada aos patos e começou a conta-lo sem transição.

O morgado do Choupal, que lhe não conhecia a balda, instava pela continuação do corcodilo que o interessára, mas D. Luiza que ouvira parte da conversa porque o marido no auge do entusiasmo erguera a voz, chamou-lhe a atenção para uma explicação que D. Felizarda estava dando ácerca do modo de transplantar as avencas e de as tratar dentro de casa.

Foi remédio santo, o pobre Manuel de Lemos já não sabia como sair das dificuldades em que se metera.

D. Pedro de Castende explicou então a Júlio a curiosa mania do Lemos e as mil atrapalhações em que ás vezes se encontrava entre pessoas que malevolamente lhe falaram numa montaria aos lobos na qual, nas proximidades duma pequena aldeia transmontana, chamada Limões, êle desempenhára um singularíssimo papel. Em lhe falando em tal não era possível fazê-lo calar e os carapetões sucediam-se com gaudío e regosijo dos que os tinham provocado.

— Fôra disso, concluiu D. Pedro, é uma excelente pessoa, adora a mulher e a filha e a sua conducta é exemplar.

As filhas de D. Filizarda aproximáram-se do grupo de D. Pedro e elle passou a falar de assuntos regionaes.

— Este ano, dizia elle, não ha menos vinho do que no ano passado.

E no entanto o mosto está a 400 réis.

— A 500 réis, senhor D. Pedro, me pagaram hontem o meu.

— Felizmente as vindimas estão quasi no fim.

— Lá para Vila d'Alva é que parece que não succede o mesmo. A uva foi pouca e os lavradores estão já descontentes por a verem diminuir de ano para ano.

— Têm razão porque o vinho é a principal fonte de receita daquela terra.

E seguiram nesta ordem de ideias.

Ao chegarem a casa Júlio pediu a Benita :

— Permita que eu lhe ofereça, com os votos que faço pela sua felicidade futura, este trevo de quatro folhas que achei no Monte do Calvário.

— Obrigada, disse Benita, metê-lo-ei no meu livro de missa.

Frei João murmurou ao ouvido da sua confesada, apontando para Júlio que se afastava.

— A sua felicidade, filha, talvez estivesse ali.

A testa de Benita encrespou-se.

— E' tarde, meu amigo: jurei.

Nessa noite Gilberto manifestára ao pae o desejo de casar com Benita e D. Pedro encarregou-se de falar á sr.^a D. Luiza e a Manuel de Lemos.

Dois dias depois tornava-se pública a notícia do proximo casamento. D. Pedro reuniu num jantar os amigos das proximidades para celebrarem o faustoso acontecimento. O morgado do Choupal não compareceu por *motivo urgente que o obrigara a partir para Lisboa* e frei João foi passar a tarde ao convento do Varatojo com o protesto de que era ali reclamada a sua presença para tratar dum assunto transcendente.

O que era verdade era que nenhum deles se achava com forças de assistir a uma festa que lhes lembrava mau grado seu um enterro.

VIII

E' de pequenas cousas que nascem
irremediaveis males.

D. V.

O casamento realisou-se na capela da quinta, com grande fausto e contentamento de todos. Frei João foi o celebrante e fez aos noivos uma substanciosa prática que Benita lhe assegurou ter sido inutil porque bem sabia o que devia fazer sem precisar que elle lho dissesse.

O bom padre sorriu, afagou-a na face, com paternal carinho e retirou-se apreensivo para o seu quarto. Sentado numa comoda poltrona, frei João discorria assim ácerca do caso.

— Gilberto faz um óptimo casamento. A noiva tem uma grande fortuna, pertence a uma das primeiras famílias do reino, e sobretudo tem um character diamantino, uma alma e um corpo sem mácula... Mas ella! pobre criança, cujo o único defeito é ter um nobre orgulho a ser zelosa da sua independência! Abnegará de tudo, estou certo,

logo que realmente ame... porque eu duvido que ela ame Gilberto...

Passaram-se mezes e o génio de Benita sofreu uma completa transformação. Nunca mais se vestiu de homem, abandonou as festas e os teatros e entregou-se a uma vida completamente sedentária.

Mostrava-se duma alegria serena e igual nada parecida com a sua desinquietação e turbulência anteriores. Lia e meditava a *Imitação de Cristo* e deixara de frequentar a igreja com grande pezar de frei João.

A mãe tentára demovê-la desse propósito, mas muito grave e firmemente ela dissera-lhe: Questões de consciência só as discuto com Deus.

Frei João era um puro, mas, como todas as almas boas e candidas, tinha exageros de escrupulo. Benita confessára-se a êle logo depois de casada e, como era a franqueza em pessoa, contara-lhe quanto se passára entre ela e o marido. Gilberto, apesar de todos os requintes de mundano aristocrata, não soubera dominar-se a ponto de ser um marido como manda a Santa Madre Igreja Catolica, Apostolica, Romana. Frei João escrupulisou e não deu a absolvição á sua confessada.

Benita retirou-se triste para casa, encerrou-se no quarto, chorou, discutiu o caso no tribunal da sua consciência e decidiu, visto *estar fóra da Igreja, pelo seu procedimento, não voltar lá.*

Frei João foi falar com Gilberto. Este recebeu-o com veneração, mas não acedeu aos desejos do padre, dizendo-lhe que em nada tinha que modificar a sua vida e argumentou serenamente com êle.

Não sei que razões deu a frei João; o que sei é que êle, muito descontente, ralhou muito com Benita. Esta ouviu-o em silêncio e, quando êle terminou abraçou-o com ternura, beijou-lhe as mãos, e murmurou como vida:

— Embora, meu amigo, eu obedeço a meu marido. Se me tivesse dito isso antes, entre Deus e êle, não hesitaria. Deus estava primeiro: agora é o contrário.

O padre fez um gesto de horror.

— E' a verdade, meu amigo. Bem sabe que eu não sei mentir.

Frei João meditou longamente; depois ergueuse, e, num tom severo e triste, disse á sua confessada:

— Em minha consciência não a posso absolver. Mas não fique fóra da Igreja, Benita; procure outro confessor, deve encontrar, porque os ha, menos, muito menos austeros do que eu... Como vé: ha casos com que uma consciência recta não pode transigir.

— Obrigada, meu amigo, agradeço o seu conselho, mas não o aceito. Se me não absolve — sei-o demais, pois conheço a rectidão do seu juizo e do seu character — é porque entende que não

deve. Eu não quero arrancar á fraqueza dum padre, que não está á altura da sua missão, um beneficio que o seu ternissimo affecto por mim não pode conceder-me.

Frei João affligiu-se.

Benita consolou-o.

— Não se desole, meu padre, continuarei praticando a religião. Não me esquecerei de rezar; sómente não me confessarei nem tomarei a Sagrada Comunhão porque *não sou digna disso*.

— Mas...

— Mais tarde, meu amigo; por ora é muito cedo: o tempo e a vontade conseguem tudo e Gilberto é bom, bem o sabe.

— Rese o terço do Rosário todos os dias, minha filha.

— Não faltarei.

— Deus tenha compaixão da sua alma, murmurou o atribulado velho.

— Amen, ajuntou Benita com os olhos arrazados de lagrimas.

E, mal a porta se fechou sobre o seu guia de tantos anos, impetuosos soluços lhe irromperam do seio, uma torrente de lágrimas lhe inundou as faces, e, torcendo as mãos com desespero, exclamava:

— Mas para que casei eu?! para que me abaixei a toda esta lama que ameaça submergir-me?

E, num desvairamento de dôr, pensava em

fugir ao marido, em se fechar num claustro, e penitenciar-se da vida que levava.

Depois, revoltada contra sua mãe, contra seu pae, contra o próprio frei João, dizia num impeto de colera.

— Mas porque me não disseram elles o que isto era? Porque me não abriram os olhos? Porque me deixaram casar na mais cabal e completa ignorância?

E terminou furiosa contra si:

— E eu, que tinha vinte anos, não devia saber que pensar? Não devia perguntar? Que ideia formei eu ácerca do casamento? Nenhuma. Pior do que isso: Um vestido de noiva, um veu, flôr de laranjeira, uma festa na igreja, presentes dos amigos, um passeio ao estrangeiro e... e o resto? Nada... absolutamente nada. E' ser mais do que estúpida... é ser completamente idiota!

O marido, quando entrou em casa, veio encontrá-la naquella crise de desânimo. Ergueu-a do chão, sentou-a nos joelhos, enxugou-lhe as lágrimas com beijos e ela não pensou mais em fugir; mas a sua vida íntima estava estragada para sempre. Deus ou *êle*, ela preferia o marido, mas era muito religiosa e cheia de escrúpulos: vivia numa tortura moral que um sorriso jovial constantemente disfarçava. E quanto maiores eram os sacrificios que fazia ao seu amor, maior *êle* era. Já não amava o marido: idolatrava-o com um affecto submisso, louco, perfeitamente novo para

ela e que, mezes antes do seu casamento, lhe teria parecido inconcebível.

Gilberto amava sinceramente a mulher, mas o que mais o captivara nela eram justamente as suas extravagâncias, arrebatamentos, e singularidades; era a dificuldade de se fazer amar por aquele ser despótico, e, por assim dizer, dominador. Amara o pedestal em que Benita se colocara. Mas desde que ela desceu do imaginário trono para se lhe ajoelhar aos pés, desde que o seu amor por elle lhe pareceu infinito, sentiu-o excessivo e por vezes incomodo. Benita era a sua sombra, não o deixava um momento.

Nunca mais, a não ser em serviço publico, fôra só a parte alguma, e começava a ter saudades do tempo em que a sua carinhosa metade o não completava por toda a parte.

IX

Teu rosto macerado
E' como uma ostrada de lágrimas finas.

EUGÊNIO DE CASTRO.

D. Pedro, não querendo separar-se do filho nem os Lemos da noiva, tinham resolvido viverem todos juntos. O inverno passavam-no em Lisboa no palacete que os paes de Benita possuíam no bairro de S. Vicente e o verão em Souto Real na quinta de D. Pedro.

O velho fidalgo extremenhenho adorava a nora que o rodeava de cuidados e ternuras e os Lemos eram extremosos pelo genro a quem chamavam a melhor das criaturas. Frei João jantava em S. Vicente duas vezes por semana, mantinha uma conversa alegre e interessante com todos e, quando se não sentia observado, lançava olhares investigadores a Benita e suspirava com íntimo desgosto.

Os seus modos eram afaveis, como antigamen-

te, apenas ao despedir-se de Gilberto a sua exclamação era invariavelmente :

— Ah! meu filho! meu pobre filho!...

Gilberto incomodava-se com aquela obrigatória frase, mas não retorquia cousa alguma. Por um tácito acordo as conversas íntimas acabaram entre frei João e Benita. Mas nenhum dêles se consolava desse afastamento moral e ambos sofriam dêle. Frei João, conhecedor do mundo, como poucos e em especial do character da sua antiga confessada, não precisava que ela falasse para saber o que lhe ia nalma. Benita não desviava os olhos dos do seu confessor nem corava como quem tem alguma cousa a censurar-se. Começou a lêr estudos sobre religiões e a compará-los; leu tudo quanto, sem comprar nem pedir emprestado, pôde lêr. Foi muito, porque as bibliotecas de D. Pedro e de Manoel de Lemos estavam bem fornecidas. Começou a pensar e reflectir seriamente em tudo que lhe preocupava a consciência e acabou por se absolver. Viu, leu, julgou friamente o seu caso, como se se tratasse de outras pessoas e, por fim, foi bater um dia á porta do convento de Frei João.

O leigo que veio abrir conhecia-a de pequena e festejou-a muito. Ela sensibilizou-se. Onde estava a pûreza e inocência dalma, a alegria infantil com que se tinha feito anunciar a frei João a última vez que ali fôra?

Entrou para o parlatório e foi ajoelhar-se num

genuflexório, colocado ante um Cristo de marfim, e ali se conservou chorando até sentir no corredor os passos arrastados e tardos do seu velho confessor. Ergueu-se, limpou as lágrimas e correu a beijar-lhe a mão.

— Que é, Benita? Porque chora? A que vem aqui?

— Não procuro o padre, infelizmente, frei João, mas o amigo que de criança me quiz com affecto de pai. Encontrarei um, sem o outro?

— Encontra-os ambos separados ou simultaneamente, minha filha, quando dêles precisar.

Então Benita deu largas ao seu coração: Contou a sua vida íntima, mostrou-lhe que tinha a consciência tranquila, mas sofria, apesar de tudo, porque elle, frei João, lhe preparára o espirito para um mundo fictício que não existia e terminou dizendo-lhe que amava loucamente o marido, mas que elle já estava cansado de tanto affecto. Era muito bem educado e ocultava-lh'o, mas o que é que não presente o coração da mulher que ama?

Frei João ouvia-a em silêncio e contestou:

— Será engano seu. Basta uma ligeira alteração de saude para indispôr ás vezes o espirito e dar do character das pessoas uma ideia completamente falsa.

— Não, meu amigo: eu preferi-o a Deus, e como consequencia, Elle mostrou-me o pouco que tenho e o muito que perdi.

A frente do padre contraiu-se:

— Não queira sondar as intenções de Deus, minha filha, estão completamente fóra da intelligencia humana sempre mesquinha e má. Êle, o sêr supremo, é uma fonte de misericordia infinita, sempre pronta a consolar e perdoar os que choram com dôr as suas faltas. Não calunie Deus.

— E' calunia crer na sua justiça?

— E seria justiça?

— A minha consciência diz-me que sim.

— Pois a minha diz-me que não: seria vingança. Jesus-Cristo, morrendo por nós numa cruz, disse: — *Meu pai, perdoai-lhes que não sabem o que fazem.* E, desde então Deus, quando tem de julgar, ouve sempre a voz do seu filho moribundo. E como Jesus dizia bem! Como era justo na sua infinita misericordia! Ora diga-me, Benita, se tivesse podido adivinhar que o casamento a afastaria da igreja, teria casado?

— Ah! não, respondeu Benita prontamente.

— Já vê, não soube o que fazia. Com respeito á sua conducta presente não ousou dizer-lhe nada. Peço á Divina Providência que a guie, que lhe illumine a consciência e torne Gilberto o melhor dos esposos cristãos. A si recomendo-lhe que suporte tudo com paciência e resignação e, elevando frequêntemente a alma a Deus, lhe diga com fervor: *Meu Deus, entrego-vos a minha alma: guiaí os meus passos, fortalecei-me no caminho do dever.* A consciência das faltas que

cometêmos, minha querida filha, é o pior castigo dos corações rectos.

— Meu padre, eu já não tenho a fé que tinha. Creio em Deus, mas não creio na igreja.

— Já o sabia. Desde o momento em que deixou de a frequentar percebi o motivo. Lastimo-a. Não lh'o levo a mal. Lá voltará, Benita. As suas portas estão sempre abertas para os filhos ingratos, como o coração da melhor das mães.

— Não voltarei. A minha religião reside no fundo da minha alma, padre, o que me prende á igreja Romana é, sei-o e sinto-o, a sua veneranda e evangélica figura. No dia em que o perder nada me prende a ela. Selvagem em tudo, retomarei unicamente por guia a voz da minha consciência. De longe em longe confessar-me-ei, não para me purificar como manda a igreja, mas para desabafar a minha mágua, nunca mais porém comungarei mesmo que me achem digna disso.

— E porquê, minha filha?

— Em primeiro logar duvido da verdade d'esse mistério. Não devo portanto praticar um sacramento sobre o qual tenho dúvidas; mas, quando assim não fôsse, o respeito e veneração, com que o fiz antigamente, impedir-me-iam de o fazer agora. Diz-me a minha consciência que os lábios que se pouzam nos lábios dum homem não podem mais abrir-se para receber o Corpo Imaculado de Cristo.

— Mas oiça-me, Benita, ha mais alegria no ceu por um pecador que se arrepende...

— Perdão, meu padre, não posso acreditar isso...

— Mas, filha, são palavras de...

— Ouviu-lh'as? Viu-lh'as escrever?

— Oiça porém...

— Não, não, exclamou Benita com energia. Não pretenda convencer-me de cousas que a minha consciência condena, porque se me faz duvidar dela também, que me resta na vida a que me amparar?

E as lágrimas de Benita correram de novo.

Frei João estava consternado.

A mulher de Gilberto ajoelhou-se-lhe aos pés e, tomando-lhe as mãos, beijou-lh'as, exclamando com filial ternura:

— Perdõe-me, meu querido amigo; vim tortural-o com a negridão da minha alma, perdõe-me. Não o afligirei mais, prometo. E, se tiver filhos, juro-lhe que os educarei com religião. Eleva as almas, é sublime de cáridade e beleza, torna felizes os que sabem crer de olhos fechados e ainda, os que, como o meu bom amigo, passam na terra sem tocar na lama. Adeus, perdõe-me ter vindo desabafar comsigo, mas a minha alma transbordava e eu não tenho ninguem, *ninguem* que me entenda.

— Ah! Benita, minha pobre filha, eu bem o tinha previsto!... Não falêmos mais nisso. Lembro-lhe o que de brincadeira me disse, há ano e meio, nas vésperas de se declarar o seu casa-

mento: *fui buscar ao Calvário a cruz da minha vida: recorda-se?*

— Recordo!...

— Pois bem: *Pega na tua cruz e sêgue-me*, diz Cristo a todos os que sofrem. E eu, que não tenho a auctoridade do Divino Mestre, dir-lhe-hei apenas: quem se encarrega duma missão, cumpre-a. Quanto mais difficil é, maior o mérito. Em recompensa não lhe falo: sei que nunca essa ideia influirá em si, mesmo que se trate de beneficios Moraes, orgulhosa criatura!

— Perdão para o meu orgulho e para a minha alma revoltada, meu amigo.

— Perdão, sim, e aconselho a sua altiva consciência a que se humilhe aos pés de Deus e, se não quere ouvir a voz dos seus padres, oiça e medite com profunda atenção o que a sua alta sabedoria lhe inspirar. Adeus, minha filha, são horas do côro. Vá em paz, eu pedirei a Deus por si. Olhe, Benita, pela sua teoria, eu estaria castigado agora. Tinha orgulho, tinha vaidade em si, como tem o jardineiro na planta que melhor aproveita os seus cuidados; e, num instante, Gilberto inconscientemente, destruiu tudo — Deus lhe perdôe! — o fruto de tantos e pacientes anos de abnegação e carinho! A planta está aniquilada. O tronco vergou á terra e as folhas, se não se despegaram da haste, mirraram-se e secaram. Mas as raizes são fortes e o terreno é bom. Espero vê-la de novo erguer-se, cobrir-se de esperanças

viçosas e florescer em pureza e alegria como no feliz tempo da sua mocidade! Quero vê-la mãe.

Com um filho nos braços a minha Benita será de novo a criança adorável que perdemos e se transformou n'esta linda cárpideira a receiar desventuras conjugaes e a temer vinganças divinas.

Benita sorriu tristemente, e, acompanhada por Frei João, transpoz o limiar da sala.

Despediu-se de novo na portaria, e saiu dali mal com o padre e pior comsigo, monologando :

— Pobre velho! Para que o vim torturar com os meus desgostos? Não, nunca mais lhe direi nada. Eu tenho pena dele e de mim. Ele fala, e já não é escutado como infallível; parece-me um visionário adorável.

Eu soffro, e ele julga consolar-me com frases religiosas!

Depois, como quem quere afastar mais discussões comsigo propria, começou a compôr uns versos sobre o assunto que principiavam assim :

Que feliz era o tempo em que a minh'alma
Acreditava em quanto lhe diziam,
Em que os ouvidos meus só conheciam
A linguagem da Fé serena e calma!

E foi indo por ali fóra durante todo o caminho compondo uma tão longa lamentação métrica quão forte era o seu desespero moral.

E fez-lhe bem. Quando entrou em casa ia em paz. Não o devia a frei João nem a si, mas á torrente de rimas que soltára ao vento. E' profundamente natural embora não isento de ridiculo.

X

A primeira desilusão causa uma viva dôr.

Gilberto beijou a mulher ligeiramente preocupado.

— Que tens? perguntou-lhe ela notando-lhe o aspecto.

— Uma pequena contrariedade que tambem te vai incomodar.

— O que é?

— Encontrei os barões de Soutelinho.

— Que tem isso?

— Passei, fingindo que os não via, mas dirigiram-se para mim com muita amabilidade, fizeram-me imensa festa, lamentando-se de que lhe não tivéssemos dado parte do nosso casamento e de tal modo instaram para que mantivéssemos as antigas relações que eu, que não me atrevi a deixá-los cá vir, como queriam, com receio do génio de meu pai, prometi que iríamos hoje lá jantar.



— Fizéste mal.

— Bem sei, calculei logo...

— Não, não calculaste, a prova é que prometteste que iríamos e... não vamos.

— O quê?! perguntou Gilberto fazendo-se pálido, depois de eu ter dito que sim?

— Decerto. Tu não podias nem devias responder se não por ti. E por ti próprio a única resposta natural e digna era um não.

— Tentei dar-lh'o...

— Não mintas. Vai se quizeres e preferires agradar-lhe a ela em vez de me agradar a mim: eu não te acompanharei. Tenho uma compreensão muito diversa da dignidade própria.

— Por Deus, Benita, nunca entre nós se trocou uma palavra que tivéssemos depois de lamentar. Não comeces.

— Tens razão, fui mais longe do que devia, mas não faltei á verdade: não falemos mais n'isso.

— Vais, não é assim?

— Não teimes. Por preço algum entraria na casa dessa mulher.

— Mas em que situação fico eu depois de ter affiançado que tu irias?

— N'aquela em que ficam todos que se atrevem a tomar resoluções pelos outros. Concordo que te não seja agradável, tanto mais que terás de lhe significar por qualquer modo que a não receberei em minha casa, mas que queres? Tivesse procedido como devias.

— Mas se meu pae a desejar vêr?

— Teu pae é o bom senso personificado, em elle dizendo que a presença de tal criatura me incomoda, não a receberá e, se tiver muita vontade de o fazer, os seus quartos são perfeitamente independentes.

— Mas o mundo? as aparências?

— Sêr-nos-hão favoráveis: o contrário é que seria para estranhar.

E franzindo o sobr'olho com o ar voluntarioso da sua mocidade acrescentou:

— Mas quando o não fôsem? A minha conducta guia-se pela minha consciência e não pela vontade de ninguém.

— Como queiras, exclamou Gilberto já indignado. Eu vou.

— Estás no teu direito, como eu no meu.

— Toda a mulher deve obedecer ao marido.

— É essa uma máxima christã que não pratico visto que descuro os outros preceitos que a religião me impõe.

Estas palavras eram uma resposta se eu não tivesse outra melhor: quando te auctorisei a pedires-me em casamento foi com a condição de que eu conservaria a minha inteira independência.

— Fiz mal em acceitar tal condição.

— É tarde para reconsiderar.

— Cala-te, ou não acabaremos nunca.

— Estou calada.

E Benita tocou para a sua criada de quarto.

Gilberto disfarçou um movimento de júbilo.

Efigénia chegando á porta perguntou :

— Chamou, minha senhora ?

— O meu vestido azeitona e o chapéu lilaz.

— Bonita ! Sempre te decides, disse Gilberto quando a criada saiu a buscar os objectos perdidos.

E adiantou-se para beijar a mulher.

Benita estendeu-lhe o rosto dizendo :

— Se é uma carícia, aceito, se um prémio não dês porque o não mereço.

— Então não vais comigo ?

— Quantas vezes queres que te diga que não ?

— E onde vais ?

— Em verdade não sei ; mas não quero dar a nossos pais o espectáculo da nossa primeira scena de desarmonia.

— Heide então passar a minha vida acorrentado a uma mulher, ou vê-la correr as ruas, sem destino, toda a vez que me ausentar ?

— Não discuto.

— Não me irrites.

— Aconselho-te moderação no interesse de nós ambos.

Gilberto pegou no chapéu, e, lançando a Benita um olhar chamejante, murmurou por entre dentes :

— Tu te arrependers.

Benita viu-o sair sem tentar rete-lo.

Vestiu-se cuidadosamente, poz o chapéu e dirigiu-se ao gabinete de seu sôgro.

— Meu pai, disse ela beijando-lhe a fronte com ternura, Florência voltou da sua viagem e convidou-nos para jantar. Eu recuzei. Sou ciumenta e Gilberto quando me declarou o seu amor disse-me que tinha gostado de nós *alternadamente*. E' um volúvel, como sabe, e enfim... eu desejo ver assegurada a paz do meu lar. Ele, que nunca me faltou em cousa alguma, acaba de o fazer pela primeira vez: foi sósinho jantar a casa dela, e, furioso de eu não querer acompanhá-lo, disse-me que me arrependeria. Não quero que meus pais saibam que a nossa primeira questão já teve lugar e bem sabe que não sei mentir. Eles saíram peço-lhe que, quando voltarem, lhes diga que nós fomos ambos jantar fóra. Eu estou num estado de espirito que não me permite aturar ninguém. Venho por isso dizer-lhe o que vou fazer porque, para o que der e vier, eu quero que o pai saiba como deve pensar a meu respeito.

Vou á Graça, ao Senhor dos Passos, depois vou á Baixa, como alguma cousa numa pastelaria, vejo no *Diario de Noticias* onde está *lausperrenne* e vou lá sentar-me a fazer horas de voltar para casa.

— Benita, minha filha, exclamou D. Pedro beijando-a, tem junto de si um pai e um amigo. Agradeço-lhe o seu procedimento e serei digno da confiança que deposita em mim. E esse senhor, nem ao menos disse a hora a que tencionava voltar?

— Não, mas ele é bom. Logo que tenha levado a sua a melhor arrepender-se-ha de me ter feito sofrer e voltará para casa.

Sentar-me-hei na loja da esquina e entrarei com ele quando passar.

— Mas se ele se demorar?

— Não demora.

Benita beijou a mão de D. Pedro e saiu.

Dirigiu-se vagarosamente a pé para a igreja da Graça e, depois de longa oração, sentou-sê n'um banco a meditar.

Entravam e saíam constantemente visitantes sem que ela desse por isso. Parou uma carruagem e sentiu-se o *fru-fru* d'um vestido de seda pela igreja acima. Benita, por uma especie de instincto, voltou a cabeça e córou intensamente.

Eram os barões de Soutelinho com o filho ao colo d'uma ama elegantemente vestida á moda do Douro.

A mulher de Gilberto, percebendo que não tinha sido vista, mudou de logar e foi-se ajoelhar na sombra d'uma capela lateral.

Fizeram uma breve oração, beijaram o pé ao Senhor, e, como estava uma pessoa conhecida á bandeja, lançaram avultada esmola.

Sairam depois com pompa igual aquela com que tinham entrado!

Benita tornou a ir sentar-se no banco, pensando:

— Florência está cada vez mais formosa.

E estava. Tinha um ar dominador, um porte real. Benita, sentindo a sua inferioridade, temeu-se do resultado que a ida de Gilberto a casa dos Soutelinhos poderia ter para ela. Nunca o marido fôra tão obstinado nas suas resoluções desde que tinha casado. Benita estava desolada. Era a primeira contrariedade forte que tinha na vida, o primeiro obstáculo que não podia vencer. A sua alma sublevava-se contra o facto e um espanto infantil a invadia a par dum inexplicavel terror: a estas primeiras contrariedades quantas mais se seguiriam? Afinal ergueu-se do banco, ajoelhou de novo e saiu. Dirigiu-se depois ao *Rendez-vous des Gourmets*, comeu alguma cousa e, comprando o *Diario de Noticias*, viu onde estava *lausperenne*. Era na igreja da Conceição Velha.

Dirigiu-se para ali vagarosamente. Não se conhecia a si própria. Parecia-lhe que era um corpo sem alma. Demorou-se até ás dez menos um quarto. Se lhe perguntassem como passára aquele tempo não saberia dizer. Não rezára, não pensára. Estivera num completo estado de atonia.

Quando se dirigia para casa, sem bem saber se devia esperar o marido na rua ou na loja em que falára ao sogro, avistou Gilberto do lado oposto da rua. Vinha na mesma direcção.

— D'onde vens? perguntou-lhe ele.

— D'onde fui.

O marido reprimiu um movimento de cólera.

Antes que ele respondesse, Benita disse-lhe secamente :

— Espero, Gilberto, que tenhas o bom senso de poupar a nossos pais espectáculos de desarmonia que decerto os haviam de affigir. Viemos juntos de fóra e jantámos no *Avenida Palace*. E, sem esperar resposta, entrou em casa seguida do marido, subiu a escada a correr e entrou na sala em que costumavam passar o serão. D. Pedro fumava o seu cachimbo, ouvindo Manoel de Lemos lêr os jornais da noite, a senhora D. Luiza bordava uma tira de tapessaria a lãs.

Por um supremo esforço de vontade, Benita entrou na sala, alegre, e de sorriso nos lábios.

— Então só agora, sua vadia? perguntou-lhe a mãe beijando-a ternamente.

D. Pedro perguntou :

— E Gilberto?

— Vem mais devagarinho: ficou pezado do jantar.

Gilberto, subindo lentamente os degraus, meditava as palavras da Benita e, achando-lhe razão, entrou na sala com ar despreocupado. Pouco ou nada falou. Limitando-se a apoiar a mulher e a fazer uma ou outra consideração sobre o que ela dizia. Quando souu meia noite, fizeram as suas mútuas despedidas e recolheram-se aos quartos.

Benita mudou o seu bonito vestido de passeio por um longo roupão e despediu a criada de quarto.

— Não te vens deitar? perguntou-lhe o marido n'um tom afavel vendo que ela compunha a luz do candieiro e se sentava no seu quarto de vestir junto da secretária.

— Não tenho sono.

— Vá, dá-me um beijo e acabemos com isto.

E adiantou-se para beijar a mulher. Benita ergueu-se e recuou vivamente, dizendo :

— E' inutil. Guarda as tuas caricias para quem quizeres. Hoje não só as não aceito como me repugnam.

Gilberto córou, empalideceu, e respondeu-lhe com voz surda e denunciadora de grande cólera contida :

— Lembra-te que me disséste que as minhas caricias te repugnam. Boa noite.

— Boa noite.

Benita leu durante muito tempo.

De vez em quando ouvia Gilberto tossir, agitar-se na cama, e mais duma vez se sentiu fortemente impelida a ir ter com êle. Mas a imagem de Florência, vestida de sêda côr de castanha, como a vira nessa tarde, radiante de saude e beleza, impedia-a de fazer o que o coração lhe pedia. Passou a noite toda a lér. Perto da madrugada, sentindo muito frio, envolveu-se numa capa e lançou-se assim sobre a cama.

Gilberto supôz que ela se ia deitar e ficou duplamente furioso vendo-a estender-se vestida sobre o leito.

Rompeu a manhã sem que nenhum dêles tivesse dormido. Mas nada disseram um ao outro.

A criada, que, como de costume, lhes serviu o café no toucador de Benita, admirada do silêncio de seus amos e do aspecto de Benita, não pôde deixar de perguntar :

— V. Ex.^a passou mal a noite?

— Muito mal. Faça a cama depressa por que me vou deitar. Creio que apanhei um resfriamento e tenho alguma febre. Mas não diga isso a minha mãe para a não inquietar.

— E se perguntarem por V. Ex.^a?

— Desejo almoçar na cama, nada mais.

Momentos depois a voz da senhora D. Luiza, perguntava á porta do quarto :

— Posso entrar?

— Pois não, minha mãe.

— Então não vens almoçar á mesa?

— Olhe, mãesinha, não é nada de cuidado, mas doe-me a cabeça, constipei-me ontem, creio que ao sair do *Avenida Palace*, e esta noite descobri-me um pouco e fez-me mal. E' o contra duma cama para duas pessoas : só serve para quando se está bem.

— Mas queres que mande armar outra cama no quarto?

— Por ora não sei. Deixe vêr como passo o dia. A' tarde veremos.

— E o médico? Não seria bom chama-lo?

— E' inutil. Trata-se apenas duma ligeira constipação: uns sinapismos devem-me pôr óptima.

— Queres que mande tambem para aqui o almoço de Gilberto para não comeres só?

— Não, não. Dóe-me muito a cabeça. E' melhor não ter com quem falar.

Gilberto beijou a mulher carinhosamente aproveitando-se da presença da sogra e saiu com ela do quarto.

Ficando só, Benita desfez-se em amaríssimo pranto.

XI

Volta-se sempre ao primeiro amor.

Vamos assistir ao encontro de Florência com o primo, como realmente se deu e não como êle o contou á mulher.

Gilberto entrára na papelaria do Baeta Dias, na rua Augusta, para comprar uma moldura e encontrou ali a sua ex-noiva que estava escolhendo papel. Ela estendera-lhe ambas as mãos, num gesto de júbilo e com um terníssimo olhar exclamando.

— Que saudades tenho tido de todos! Como está o tio Pedro?

— Bem, obrigado.

— Sabes que já nasceu? perguntou Florência em voz submissa. E' lindo: o teu retrato.

— Julguei que seria o do barão? observou-lhe irónicamente Gilberto.

Florência teve um gesto de contrariedade e retorquiu-lhe:

— Não podes duvidar de que é teu filho.

— Perdão é filho do barão: não sei nem devo saber senão isso.

— É-te então um ser completamente indiferente? Gilberto hesitou:

— Infelizmente não é, mas procederei como se o fôsse. Sabes que me casei?

— Sei. Com essa criatura que fingiu servir os meus interesses para cuidar dos seus.

— Não sejas injusta, Florência...

— Injusta?!

— Sim, injusta: Benita é incapaz da menor...

— Bem, bem, não a defendas: esqueci-me que eras seu marido. Desculpa: não te dou os parabéns.

— Se tu tivesses cumprido a tua promessa...

— Desligáste-me dela contra minha vontade.

— Eu?!... Eu!...

— Sim, tu.

— Então não me disseste que querias casar com o barão? Não to ouvi da própria boca?...

— Cala-te, os caixeiros estão reparando em nós; deixa-me pagar e saímos juntos.

— Mas...

— E' um instante.

E, saldando a conta, saiu com Gilberto.

— Nós não podemos ir juntos depois de quanto se passou...

— Ora adeus. Isso que tem?

— Tem muito. Benita é extremamente ciumenta... Mas dizê lá, tornou êle com insistên-

cia, has-de negar que te ouvi da propria boca o pedido para te deixar casar com o Soutelinho?

— Não nego, porque é verdade.

— Então?

— Eu te digo tudo em meia dúzia de palavras, mas hasde-me prometer que fica entre nós...

— Isso não admite dúvida. Não ignoras que detestei sempre enrêdos.

— Benita foi a casa do tio Pedro, no dia em que tu foste a uma caçada com o Rodrigo de Melo, e disse-me que me queria falar em particular. Ouvi-a. Expôz-me a paixão do Soutelinho por mim e disse-me: *acho que deves aceitar porque teu primo tenciona quebrar contigo e pedir-me em casamento*. Fiquei espantada e recusei-me a acreditar. Ela então volveu-me: *propõe-lhe o rompimento e verás que ele aceita, e, se recusar, é pro-forma, até achar um pretexto que lhe pareça plausível aos próprios olhos*. Cheia de ciumes quiz vêr se ela tinha razão. Na conversa que tive contigo, na qual, levada pelos zelos fui talvez longe demais, a tua atitude pareceu-me cheia de hesitações. Confessei isso a Benita que me assegurou de novo o que já tinha dito e prometeu que, nessa mesma noite, me restituírias a liberdade.

Assim sucedeu e nunca mais se trocou entre nós uma palavra até ao meu casamento. Não quiz vingar-me. Eu podia ter-te amargurado o futuro, ter dito a Benita o meu estado, apontar-te como

pai de meu filho. Mas para quê? Deixei-a na ignorância para que nem uma nuvem te empanhasse a felicidade e saís da tua casa alcunhada de ingrata por teu pai quando pagava a tua felicidade pelo preço da minha.

Todo este pequeno aranzel fôra dito com muita comoção e ressentimento. A espaços a voz traía lágrimas. Gilberto estava atônito.

Por fim perguntou no tom de quem acorda dum sonho :

— Tu não contaste a Benita do pequeno? Juras-mo?

— Por alma de meu pae.

E era tão sincero o tom de Florência que Gilberto acreditou-a. Passando a mão pela testa, tuteou :

— Mas ela afirmou-me que lho contáras, que o Soutelinho sabia tudo e aceitava a situação pelo muito amor que te tinha.

— Ele! ele! Bem se vê que o não conheces... E' estúpido, mas é bom, valente e digno. Adora o pequeno porque o supõe seu. No dia em que soubesse a verdade... não me atrevo a presumir o que seria de mim! Enfim a tua santa Benita envenenou-me a existência e priva-me naturalmente de vêr o tio Pedro, e...

— Era o que faltava! exclamou imprudentemente Gilberto, de novo sob a influência dos olhos azues celestes que durante tanto tempo o haviam dominado. Has-de ir a nossa casa tanto

quanto quizeres: temos ambos a precisa noção do dever para nos não afastarmos em cousa alguma do trilho que nos está marcado pela honra. Não é assim Florência?

— Decerto, meu amigo, porém tua mulher, com os processos de que usa para servir os seus planos, decerto não entende assim. Mas vem num instante a minha casa vêr o pequeno. O Reinaldo não está. Foi ao Banco de Portugal, e eu gostava que o visses: Tem os teus olhos, os teus lábios...

Gilberto não resistiu. Foi. E, vendo o filho, ficou encantado com ele e lamentou de si para si a *ra-toeira em que tinha caído* não podendo deixar de pensar com certa hostilidade para a pobre Benita:

— Para que procedeu ela assim?

A verdade, tarde ou cedo, vem ao cimo d'água. E' isto... mesmo que eu não queira, o que hoje soube vai produzir imensa frieza entre nós.

Florência mostrou-lhe a casa, fez-lhe vêr os seus quartos inteiramente separados do marido e, acompanhando-o á porta, disse-lhe com naturalidade:

— Sou fiel á memória do pae de meu filho tanto quanto possível. Não t'o devia dizer, mas...

— E's uma santa, interrompeu Gilberto beijando-lhe a mão.

— Vens logo?

— Sem ser convidado pelo barão?

— Não me negues esse prazer. E' tão inocente.

— Mas...

— Olha, eu combinei com Reinaldo irmos ao Senhor dos Passos da Graça onde ainda não levei o Pedro. Puz-lhe o nome de teu pae como te havia prometido antes das nossas mútuas desilusões. Está na livraria Ferreira ás tres horas.

E maquinalmente, sem vontade própria, Gilberto vagueou pelas ruas, considerando em tudo que lhe confessara Florência e, enlevado na sua antiga paixão, desdenhava da mulher e pensava:

— Mas como ela é superior na sua maldade. Como teceu toda esta intriga e nos enredou a todos sabiamente! Pobre Florência! A satisfação inesperada de me vêr tornou-a indiscreta!... E o pequeno? Que encanto! Que vaidade eu teria de o apregoar muito meu!

E olhou para o seu lar, comparou-o ao do barão e pareceu-lhe tristíssimo. A's tres horas estacionava á porta da livraria Ferreira. Pouco depois parou um elegante automovel e Florência, deixando a ama na carruagem, apeou-se seguida do marido. Fez um pasmo enorme ao vêr Gilberto, perguntou-lhe com muita amabilidade pela mulher e pelo pae, informou-se tambem dos sogros, lamentou-se de se vêr privada de familia e terminou dizendo:

— Não é verdade, Reinaldo que nos dariam um grande prazer se fôssem jantar hoje comnosco?

— Sem duvida alguma, minha querida amiga, era um prazer imenso, imenso.

— Benita está um pouco adoentada...

— Mando-lhe o meu automovel, uma ligeira constipação, com resguardo, não impede que se vá a um jantar de familia: Pode estar embruhada em quantas peles quizer: estamos só:

O barão insistiu tambem, e Gilberto prometeu. Florência então, dirigindo-se a um caixeiro, pediu *Le Passé*, de *Porto-Riche*, e comprado o livro, despediram-se de Gilberto e saíram.

Este, estonteado pelos olhos e voz de Florência e por antigas recordações, dirigiu-se para casa muito preocupado sem saber como havia de convencer a mulher a visitar a prima.

Sabemos como Benita recebeu a proposta e como ele saiu ameaçando-a de que se arrependeria.

Ao chegar á porta do palácio recomendou ao porteiro:

— Se vier um automovel diga que os senhores já saíram.

E dirigiu-se a pé para casa de Florência. Chegando ali introduziram-no numa sala elegantíssima, mobilada á Luiz XV com o maior rigor. Abundavam nela flôres e espelhos.

Florência com um vestido muito simples, da côr dos estofos, sem preocupações de moda tinha o lindo cabelo negro penteado para traz e muito naturalmente torcido na nuca num simples nó, do lado esquerdo do qual entalára um ramo de *hera e não me esqueças*. No peito ostentava tambem um ramo igual. Quando Gilberto entrou, teve a

impressão de que via a sua noiva exactamente como no tempo em que ela regressara do convento pela ultima vez. O barão inda não estava.

— Vens só? perguntou contrariada Florência.

— E o que é pior: sem esperanças de poder trazer aqui Benita. Nega-se terminantemente a receber-te e mesmo a falar-te. Pensei em não te dizer nada, mas pareceu-me que o melhor caminho era a franqueza. Feita esta confissão, retiro-me.

— Tu? Então ella domina-te de tal modo que nem ao menos tens liberdade de jantar onde queres?

Gilberto córou:

— Enganas-te. Não sou o marido que imaginas. Se pensei em retirar-me era por ti. Supuz que me não quizesses receber em taes condições...

— E's tonto?! Que culpa tens tu dos seus desvarios? Demais não te escondo que desejo aconselhar-me contigo em tudo que se relacione com a criação e educação de Pedro. Mas outro assunto: falaste de mim a teu pae?

— Não tive occasião. Benita disparatou por tal forma que peguei no chapéu e saí sem me despedir de ninguem.

— E' o seu primeiro desgosto? perguntou Florência escondendo difficilmente o júbilo.

— Meu Deus, desgosto é um nome pomposo. Chama-lhe antes contrariedade.

— Enganas-te. Nós, as mulheres, damos porções exageradas a cousas minimas, e Benita,

com o caracter que tem, é pior nesse ponto do que qualquer de nós. Mas não me respondeste: é o primeiro?

— E'.

— Não posso ter pena. Foi ela a causadora das minhas primeiras lágrimas. Ainda gostas de música?

— Muito.

— Queres que te cante o último romance que aprendi?

— Isso nem se pergunta.

— Vamos então para a sala do piano.

Era uma sala exquisitamente mobilada á moderna, onde era tudo amarelo, até o próprio piano.

Florência sentou-se, abriu o magnifico Herard, e correndo os dedos pelo teclado preludiou e depois cantou:

O' coração maguado,
Se andas sósinho no mundo
E num desgosto profundo
Te não mostras resignado:

Se, como na vida corre
Sem rumo quem não tem tino,
Tu vês que não tens destino
Vem dizer-me adeus e morre.

Mas se tu pulsas ainda,
Recordando um sentimento;
Se sentes por um momento
Que a vida ás vezes é linda.

Não queiras então morrer,
O' alma feita em pedaços,
Vem lançar-te nos meus braços,
Podemos ambos viver.

Não dessa vida futura
Que sorri á mocidade,
Mas d'uma doce saudade:
Duma suave ventura.

O que eu era! o que tu eras!
Lembremos quanto passou,
Gozemos o que gozou
Nessas perdidas quimeras

Nosso morto coração
Que as folhas, que andam caídas,
Pelo vento perseguidas
Inda estremeçam no chão.

A voz de Florência era bela e vigorosa, a música linda e a letra própria a evocar recordações no coração de Gilberto.

Quando os últimos sons se perderam no espaço, o marido de Benita tinha lágrimas nos olhos e pediu com a voz embargada de comoção:

— Outra vez, Florência.

A baroneza recomeçou.

Quando terminou a canção pela segunda vez, estendeu a mão ao primo e disse-lhe com um sorriso triste:

— Não é verdade que vivemos durante estes minutos adoravelmente?

E, sem esperar resposta, ergueu-se do piano, continuando com volubilidade :

— Anda vêr as minhas flôres.

Gilberto ouvia-a estonteado. O perfume suave e desconhecido para ele que se evolava de Florência fazia-lhe mal e atraía-o. Estava prestes a dizer-lhe que a amava, que nunca a esquecera, quando felizmente o barão entrou, acompanhado por dois homens ilustres : o ministro do reino e o mais notavel esgrimista de Lisboa : Daniel d’Azevedo.

Segundos depois parou uma carruagem e chegou a viscondessa de Cete.

Florência abraçou-a ternamente. Era a sua melhor amiga, tão dicaz como ela mas mais venenosa.

— E a Marta? perguntou Florência com interesse, passados os cumprimentos.

— Desejava imenso vir, mas tinha uma conferência sobre a maneira mais comoda das mulheres educarem os homens ; e por isso não veio.

E sublinhou a frase com uma gargalhadinha irónica.

— Mas que mania tem aquela rapariga de andar a fazer discursos por toda a parte ! disse Florência em tom de censura.

— E’ muito inteligente. Tem uma natural eloquência, afirmou Gonçalo Gonçalves, ministro do reino.

— Podéra você não a elogiar ! ela andou a pre-

gar ás massas no circulo dele, quando foi pela primeira vez eleito deputado!

— Isso não é verdade! exclamou indignado o ministro.

— Malcriado! tornou Florência rindo. Não tem vergonha, desmentir uma senhora?

Gonçalo Gonçalves mordeu os lábios córando e acudiu prontamente.

— Peço perdão, mas não houve nem reflexão nem intenção; muita sinceridade apenas na defesa duma pessoa que estimo e aprecio.

— Tome cuidado nas apreciações que fizer ácerca de Marta, Daniel d'Azevedo: você é o homem dos duelos e eu não quero que o Gonçalo Gonçalves morra sem ter descoberto um ministro da fazenda que restaure as finanças do paiz.

A conversa manteve-se alegre e ruidosa durante o jantar.

Findo ele dirigiram-se á sala onde já estavam algumas visitas. Entre elas o gentil auctor dos *Beijos que amargam*.

— Não me fale de política nem a brincar, minha querida amiga.

Ela é o meu *Cabrion*.

E Gonçalo Gonçalves voltando-se para Daniel d'Azevedo, indagou:

— Esteve no tiro aos pombos na Tapada?

— Estive. Os pombos eram excellentes vindos de Muge, da casa Cadaval.

Fizeram-se sete *poules* a 3 pombos com exce-

ção da quinta que foi um *match* a cinco pombos.

— Tenho pena de não ter podido ir.

— A primeira foi ganha por Leonardo d'Oliveira com tres bons pombos. A segunda foi dividida com $\frac{4}{5}$ entre Horacio e Plinio, a terceira e sexta ganhas por mim com tres pombos cada uma e a setima pertenceu ao Soutelinho tambem ao terceiro pombo.

— Quando se realisa a próxima sessão?

— Parece que no domingo. Já ha perto de 400 pombos.

— Heide fazer o possivel para não faltar.

Gilberto estava enlevado na prima. Na casa paterna nunca a vira desempenhar o papel de dona de casa. Era a velha governante de D. Pedro, uma senhora que criára sua mãe e pertencia a uma nobre familia decaida quem fazia esse papel. Muito habituado á sociedade, sabendo quanto se dizia de mal da viscondessa de Cette, estranhou que a prima lh'a apresentasse como a sua melhor amiga, mas notou que emquanto esta última se rodeava de homens, Florência tinha a preocupação de estar sempre colocada junto das senhoras, distinguindo-se sempre que podia, e se colocava de preferência junto das mais bonitas.

Não pôde deixar de lhe perguntar a razão. Ela respondeu sincera: não é de longe que eu as posso ofuscar, o que é um dos meus melhores prazeres.

Leonardo d'Oliveira e sua mulher chegaram tarde.

— E' apenas entrada por saida, dissera a encantadora italiana a Florência, mas, vendo as salas iluminadas, não quiz passar pela porta sem os vêr.

Florência respondeu-lhe mil amabilidades e fez-lhe lugar junto de si.

O auctor dos *Beijos que amargam* veio saudar a recém-chegada :

— Não esperava ter o prazer de o vêr, Horacio. Como está Zilda?

— Melhor, mas ainda não sái.

E, sentando-se junto de Laura, na cadeira que Florência abandonára para satisfazer o pedido de Gilberto, cantando para Valdez o romance, que nessa tarde lhe fizera ouvir. Horacio perguntou-lhe :

— Então o seu coração?

— Sempre o mesmo, meu amigo.

— E Leonardo está mais civilisado?

— Isso sim! Bem vê que me conservo afastada de todos os que me são caros.

— E está por muito tempo em Lisboa?

— Só enquanto S. Carlos estiver aberto.

— Mas porque não foi para sua casa?

— Porque haveria perigo de retomarmos os nossos antigos hábitos.

— Deve-lhe ter custado a estar no hotel...

— Muito, mas que quere? O meu pobre Leonardo tornou-se tão loucamente cioso que não ha

remédio senão fazer-lhe a vontade para o não incomodar. Hoje, não sei porquê, quiz entrar aqui escuso dizer que será o bastante para cá não voltar tão cedo por mais agradável que lhe pareça o serão. Proibe-me intimidades seja com quem fór, mas, como não me deixa só um momento, não tenho razão de queixa...

— Pobre Laura!

— Não me lamente.

— E Mariana nunca mais lhe deu que pensar?

— Não. Casou com o morgado da Fonte, o Diogo Valadares. Eu andei um pouco naquilo. Vivem sempre em Paris. Ele vem ás vezes a Portugal por causa das propriedades. Ela nunca mais voltou, mas escreve-me sempre, desde que casou, eles é que nunca mais se falaram desde então. O Diogo visita-me quando vem a Portugal, mas sempre em ocasião que o Leonardo não esteja em casa.

Este, se chega e sabe que ele está, não entra na sala.

— E' boa! E é feliz a perfumista?

— Muito. O Diogo é um anjo: tem qualidades raríssimas. Um dia hei de contar-lhe a história do casamento dela.

— Porque a não escreve?

— Não tenho pachorra, mas talvez dê á Maria O'Neill os elementos precisos para ela o fazer.

— E o titulo? qual será o titulo?

— Isso é com ela. No entanto se quizer a mi-

nha opinião dar-lhe-ha este: *A mulher do morgado.*

— Não é muito sugestivo.

Gilberto veio despedir-se de Laura, dizendo-lhe:

— Eu tenho de me retirar porque Benita está doente, mas como ela me pediu para indagar a que hora Voss'lençia recebe e tenho o prazer de a encontrar aqui...

— De tarde, depois das quatro, porque até a essa hora estou preza pela cópia que estou tirando no museu.

Gilberto despediu-se de Laura e saiu furtivamente da sala, mas, quando enfiava o sobretudo no vestibulo, appareceu-lhe Florência que, olhando em volta com cuidado, e não vendo ninguem, atirou-lhe um beijo nas pontas dos dedos e desapareceu. Gilberto transpoz o largo portão, correpondeu ligeiramente ao cumprimento do porteiro, que conversava com o condutor do automovel de Leonardo, e saiu para a rua com a cabeça em fogo. Dizem que não ha pior tormento do que ter desejado uma mulher e não a possuir... que loucura! O pior é tê-la possuido, lembrar-se do que ela foi e não a poder ter de novo.

Ah! Benita! Benita! Estragaste com a tua intempestiva paixão o futuro de todos nós...

Calou-se um momento. Sentiu que estava sendo injusto. Ele amara Benita como nunca amara Florência emquanto ella mostrára um caracter despótico e original, emquanto se assemelhava,

mais a um garoto endiabrado do que a uma mulher, Benita suplantara sempre a prima no seu coração e tivera de lutar mais duma vez com essa teimosa imagem que vinha intrometer-se entre ele, e o que então julgava o dever.

Agora sucedia-lhe o contrário! E correu em busca de Benita para saciar o louco desejo que Florência fizera nascer. Repudiado pela mulher teve ainda tentações de sair e de ir procurar fóra de casa o que ela lhe negava. Passou a mão pela testa. Escaldava. Olhou para Benita e compreendendo que a pobre rapariga sofria, resolveu ficar.

XII

As tristezas também trazem,
A's vezes consolação:
São como as sombras que fazem
Signaes de luto no chão.

A. CORRÊA D'OLIVEIRA.

Benita recusou o almoço, pediu leite e, tendo-o bebido, adormeceu profundamente. Quando acordou, Gilberto estava deitado a seu lado e, adormecido, tinha-lhe lançado um braço em volta da cintura. Ao movimento que ela fez para se soltar, ele acordou e puxou-a brandamente para si, murmurando :

— Perdôas ?

Benita, embora o desejasse, não pôde ser severa por mais tempo. Ele contou-lhe a sua ida a casa de Florência como melhor lhe pareceu, e, terminando, disse com naturalidade : Florência já teve o pequeno, é exactamente o meu retrato !

Benita desatou a rir :

— Que disparate! Porque razão se havia ele de parecer contigo?

A pergunta era feita com tanta singeleza e sinceridade que Gilberto, vendo que ela estava realmente na mais completa ignorância, titubeou:

— E' natural. Não é a mãe minha prima coirmã?

Enumerou as pessoas que tinham assistido ao jantar e depois, não lhe sofrendo animo deixar de investigar o caso, ajuntou:

— O barão falou-me de ti com muita estima e gratidão. Teve a falta de senso de aludir aos nossos mútuos casamentos e de me dizer que eras tu que tinhas intercedido com Florência para que cassase com ele.

— Mas para que pregou ele essa grandíssima peta?

— Não sei. Foi o que ele me disse.

— E ela não protestou?

— Nessa ocasião estava falando em política com o Gonçalo Gonçalves.

Como os leitores vêem, Gilberto mentia sem a menor hesitação.

Benita contou-lhe, o que já fizera mais vezes, como Florência a procurara.

Ouvindo-a, Gilberto conhecia que ela era sincera e as suas prevenções eram todas contra a sua ex-noiva; como primeiro tinham sido contra Benita. Vestiram-se. E Gilberto, satisfeito por

se ter posto a bem com a mulher, ia pensando na música da véspera e insensivelmente começou trauteando :

Se, como na vida corre
Sem rumo quem não tem tino,
Tu vês que não tens destino,
Vem dizer-me adeus e morre.

Benita perguntou curiosa :

— Onde aprendeste esses meus versos ?

— Teus ? !

— Sim, fui eu que os fiz.

— Nunca t'os ouvi !

— Não admira. Foram-me pedidos por Laura para a Matilde adaptar á musica duma *romanza* italiana que Valdez trouxe da sua ultima viagem. Ainda era solteira e fui. Dei-lh'os e não pensei mais nisso.

— Mas como é que Florência disse a Valdez que a letra era dela e ele não protestou ?

— Porque é bem educado e não a quiz desmentir. Ele sabe tão bem como Laura e Matilde que eles são meus.

— E a Florência ?

— E' evidente que o ignora, porque senão era natural que os não cantasse diante de ti nem dissésse tal.

— Mas ela nunca foi mentirosa !

— Ui ! Com que olhos tu a vias ! A maior peiteira e intriguista que havia nas Dorotéias. Con-

tou-me a Luisa Tavares que as pequenas, para a fazerem arreliar, lhe diziam dansando em roda dela :

Leva e traz
E's um bonito rapaz,
Mas se nos pregas mentiras
Não comes mais ananaz

«E ela chorava e arreliava-se porque lhe chamavam o *cabaz das petas*. Fala nisso á Luisa quando ela cá vier e verás as cousas sem conto que ela te diz, algumas teem até graça, outras são mais do que más.

Gilberto estava espantado. Qual das duas mentia? Qual falava verdade?

Benita foi jantar. Durante a refeição mostrou-se animada, como de costume. Quando, ao levantarem-se da mesa, o marido instou para que fôsse com ele dar um passeio, respondeu-lhe :

— Vae tu. Eu ainda me não sinto bem.

E, chamando a mãe, pediu-lhe :

— Se me mandasse comprar um leite igual ao meu era favor. Tenho medo de piorar esta noite, se me tornar a descobrir e já vi que se deve contar com a doença quando menos se espera.

— Não queres um dos que aí estão no quarto dos hóspedes?

— Não. Seria uma nódoa junto da mobilia do meu quarto. Veja se vem hoje, sim?

A senhora D. Luiza olhou a filha investigadoramente, perguntando :

— Tiveste alguma questão com teu marido?

Benita desatou a rir.

— Que ideia! exclamou ela, se assim fôsse o mesmo leito era garantia de fazer as pazes.

— E' que acho estranho e alheio ao teu feitio o teu proceder nestes últimos tempos, e sobretudo hoje.

— Ao meu feitio! E sabe a mãe qual é o meu feitio?

— Parece-me que sim.

— Pois sabe mais do que eu!

Habituada a não contrariar a filha, a senhora D. Luiza foi fazer a compra desejada e, duas horas depois, estavam duas camas armadas no quarto dos esposos, ambas com cobertas iguaes de damasco vermelho. O quarto parecia mais elegante assim.

Benita ia contra os seus interesses. Uma mulher sensata procederia de outra forma; mas, como raras vezes a mulher possui essa qualidade quando ama, a filha de Manoel de Lemos, por isso mesmo que estimava o marido infinitamente, não tinha sombra de bom senso.

Gilberto, entrando á noite no quarto, ficou desagradavelmente surpreendido vendo dois leitos.

— Que quere dizer isto? perguntou com visiveis mostras de desagrado.

— Que é do meu feitio ir ao encontro dos acon-

tecimentos, e prevenir desejos. Nada me disseste, mas começo a compreender que te desagrada a nossa constante união e sou muito orgulhosa para aceitar sacrificios de ninguem.

— Tens um génio impossivel! Por um facto insignificante e natural, como é o de um homem não querer faltar á sua palavra, que arrelias tu me tens feito! Esta, então, é superior a todas as outras.

— Não vale a pena tomar a vinda do leito tragicamente. E' uma garantia de paz, pelo menos de comodidade. Dormir, quando me zangar, enroscada em cima duma cadeira, como se fôsse um gato, não me agrada.

— Mas para que te hasde zangar?

— Cesteiro que faz um cesto... Onde foi o passeio?

Gilberto respondeu com naturalidade:

— Ao Martinho.

— Com quem falaste?

— Com vários rapazes. Depois chegou o Horácio e fui com ele até ao alto da Avenida. Encontramos aí o Plinio Costa que nos recitou o prologo do seu novo livro de versos e fomos conversando até á *Havaneza*. Eles ficaram lá e eu vim para casa. A propósito, meu pae, nega-se a receber Florência. Não sei como lh'o hei de dizer.

— Muito facilmente: escrevendo-lhe um bilhete de visita.

Sentindo rugir no tom desta resposta os pro

núncios de próxima tempestade, Gilberto apresou-se a concordar com a mulher.

— Deitamo-nos? perguntou Benita.

— Ainda não. A subita surpresa que recebi ao entrar aqui fez-me mal.

Ele deixou-se cair numa *coeseuse*, colocada em frente do fogão, no toucador de Benita. Esta, ajoelhou-se-lhe aos pés, tomou nas suas as mãos do marido e fitou-o longamente numa muda adoração.

Ele, sem a vêr, fitava a chama vermelha da lenha que se consumia no fogão e pensava no melhor meio para conseguir tornar a vêr Florência.

Era a figura dela, com a simples *toilette* azul que ostentava na vespera, apresentando-lhe risinha o filho, envolto num feixe de rendas brancas, que ele tinha diante dos olhos.

Benita, julgando que era a contrariedade que lhe causara que o abstraia assim, não lhe interrompia as meditações. Queria que Gilberto medisse bem os inconvenientes da primeira zanga.

Ele, muito longe disso, discorria :

— Amanhã, quando sair do meu ministério, vou lá com o pretexto da resposta de meu pae. A essa hora não devo encontrar o barão, que estará á porta da Mónaco no Rocio ou a caminho dela.

— Então, perguntou Benita com meiguice, essa funda meditação não tem fim ?

Ele curvou-se, e beijando-a na testa, murmurou :

— Vamos deitar-nos.

E foram.

Na manhã seguinte, Benita quebrada, mas contente, estava convencida de que a ideia da cama fôra excelente para desfazer a frieza conjugal. Se ela soubesse que devia a subita paixão do marido não á sua ideia, mas á constante obsessão de Florência? O que faria? N'essa noite não amára Benita: supozera amar a prima. Era o segrêdo da transformação que a mulher desconhecia e da qual, por isso mesmo, rejubilava.

Ah! se as mulheres soubessem discriminar muita vez a origem dos momentaneos enlevos que causam aos maridos perdiam muitas e ridentes ilusões.

XIII

*Tudo ou nada; assim fui sempre.
Não farei ninguém feliz!
Que dôr a minh'alma sento
Quando engelta quanto quiz!*

* * *

Gilberto cuidou mais que de costume o seu traje. Benita notou-o, mas não perguntou cousa alguma.

Foram almoçar.

A conversa correu alegremente, e, quando Gilberto, tendo-se despedido dos sogros e do pae, se despediu da mulher, disse-lhe:

— Se eu vier hoje um pouco mais tarde não repares. O chefe pediu-me para verificar um erro no livro das aposentações e tenho de executar esse trabalho fóra das horas do serviço.

— Está bem, replicou Benita empalidecendo.

Acompanhou o marido á escada, beijou-o com ternura e voltou ao seu lugar. Reparou então que o sogro a olhava investigadoramente e sorriu-lhe.

Quando se ergueram da mesa, perguntou-lhe :

— Não quiere dar um passeio no jardim, meu pae ?

— Com muito gosto. O dia está bonito.

— Precisas alguma cousa da rua ? indagou D. Luiza quando a filha lhe beijava a mão.

— Que me lembre, não. Eu estou tentada a ir tambem visitar a snr.^a D. Margarida : talvez me vá lá encontrar comsigo ; mas, se até ás cinco não aparecer, é porque resolvi ficar em casa.

E, oferecendo o braço ao sogro, desceu com ele para os jardins. Andaram vendo as plantas parando diante de cada arbusto, admirando cada flôr. D. Pedro sabia a história de todas elas e contava-a com desvanecimento. Passando junto d'uma linda roseira de musgo tirou o canivete do bolso e, cortando dois lindos botões, estendeu-os a Benita dizendo :

— Só para si, minha filha, este aváro jardineiro é capaz de apanhar flôres.

Ela agradeceu-lhe com um beijo a gentileza e foram sentar-se á sombra d'um copado cedro.

Fez-se um silêncio e por fim D. Pedro perguntou :

— Como se tem portado, Gilberto ?

— Muito bem, meu pae, mas anda sedento de liberdade e parece-me que vou ter de fazer o sacrificio de me privar dele durante algumas horas no dia, a favor dos seus amigos.

— Com que tristeza diz isso, minha filha !

E tem razão! As companhias dos homens são mais para temer do que a sua própria cabeça; dizer isto é dizer tudo.

— Vejo, com mágua, que não tenho feitio para o casamento, meu querido pae. Sou ciosa, excessiva: quero *tudo* ou *nada*. Comigo não poderá nunca haver conciliações em certos assuntos e receio bem ter causado, pelo casamento, a infelicidade de seu filho.

— Não julgue tal, Benita. Ele é louco por si. No dia immediato á visita que fez a casa de Florência veio trazer-me o recado dela fingindo tê-la encontrado na rua. Respondi-lhe que não queria relações com a baroneza de Soutelinho e que a minha Florência morrera ao entrar na capela para se casar. Por dignidade própria lembrei-lhe que devia ser ele a última pessoa a trazer-me semelhante recado. Falei-lhe com rudeza. Ele sabe que as minhas resoluções são inabalaveis.

Benita tomou-lhe a mão e beijou-lh'a com affecto.

O velho pousou os dedos trémulos nos loiros cabelos de Benita e disse-lhe com voz amiga e comovida:

— Eu precisava dum neto, minha filha. Não queria morrer sem ver um herdeiro do meu nome.

Benita baixou a cabeça córando e murmurou:

— Não sei se Deus me achará digna de ser mãe. Eu bem o desejava, não por mim, mas por ele... talvez o amôr paterno tivesse fôrça de o prender.

D. Pedro sentia que a nóra não lhe dizia tudo, mas, extremamente delicado, não queria provocar confidências que ela entendia não dever fazer-lhe.

Nessa tarde Benita, depois de íntima luta consigo, foi á repartição do marido perguntar por ele. Disseram-lhe que tinha saído mais cedo: Dirigiu-se sem hesitar para casa de Florência em frente da qual havia um lugar de fruta. Entrou. Pediu á mulher para a deixar ver uma cousa dali e meteu-lhe cinco tostões na mão. Esperou muito. Estava já tentada a desistir quando Gilberto saiu do palacete fronteiro. Abriu-se uma janela do primeiro andar e Florência, vestida de côr de rosa, acenou-lhe amigavelmente com a mão, dizendo-lhe:

— Não faltes amanhã!

— Não faltarei.

E trocaram um olhar que revelou tudo á pobre Benita.

Assim que a prima de Gilberto se retirou da janela, saiu apressada do lugar, atravessou a rua, e, chamando uma carruagem que passava, fez-se conduzir para casa com a maior rapidez. Subiu a escada á pressa e deitou-se.

Todos souberam que ela regressára doente.

Conservava-se deitada de olhos fechados, e não respondia a pergunta alguma. Chamaram o médico que declarou que ela tinha imensa febre e e não podia determinar-lhe a causa.

Gilberto nem suspeitava a verdade.

Estava convencido que de manhã a iludira perfeitamente.

No dia seguinte á tarde, estando a senhora D. Luiza sentada á cabeceira do leito da doente, o genro veio ter com ela, muito preocupado, e disse-lhe que naquele dia começavam os serões na secretaria e, que lhe tinham recomendado que não faltasse por haver muito serviço atrasado ; mas, vendo a mulher naquele estado, sentia-se perfeitamente desanimado e ia escrever escusando-se.

D. Luiza opôz-se :

— Não faça isso, menino, pareceria mal.

Depois, se fosse aqui prestavel para alguma cousa, se ela estivesse em estado de conversar, de apreciar a sua companhia... mas assim ! E' um sacrificio inutil. Vá, vá que eu cá fico. Se houvesse qualquer complicação grave, pedir-lhe-ia que viesse aqui.

Gilberto mostrou-se ainda hesitante e por fim deixou-se convencer.

Eram nove horas da noite quando Benita retomou conhecimento de quanto a rodeiava. Sentou-se na cama, afastou os cabelos em desalinho, e chamou :

— Gilberto !

A mãe explicou-lhe a razão por que elle se ausentára. Ela não pôde reprimir um sorriso de ironia. Tornou a deitar-se e a febre recrudescceu. Passaram oito dias assim. Ao fim deles a febre

começou a desaparecer e as melhoras acentuaram-se sensivelmente de dia para dia.

Quando lhe perguntaram como tinha adoecido disse que, quando se dirigia para casa de D. Margarida, sentira repentinamente uma grande dôr na cabeça e tonturas. A seguir, a ter caído na rua, tomára um trem. Não se lembrava de nada do que antes se passára.

Todos assim acreditaram menos o médico.

Benita não repelia o marido, mas era completamente indiferente ás suas carícias. Ele attribuia isso ao estado de abatimento a que as febres a tinham reduzido, e, muito doido com os seus antigos amores, quasi não reparava no estado da mulher.

Numa tarde em que D. Luiza e Manuel de Lemos tinham ido pagar uma promessa a N. S.^a do Carmo, Benita estava só, e, sentada por detraz da vidraça, olhava, sem vêr, os raros transeuntes que passavam na rua.

Uma voz, que a fez estremecer, perguntou á porta do seu quarto.

— Posso entrar, Benita?

— Entre, entre, meu querido amigo.

E Benita, atirando fóra as coberturas que lhe envolviam as pernas, correu a lançar-se nos braços de frei João que acabava de entrar.

Ele abraçou-a e beijou-a com ternura e, levando-a para junto da janela, como para melhor a vêr, murmurava:

— Minha filha, minha querida filha, quem hade

reconhecer neste rosto de tortura a minha alegre borboleta de outro tempo? Ah! criança, criança! porque me não escutou?!

Benita, ocultando o rosto no hombro do seu velho amigo, contou-lhe tudo com a voz entrecortada de lágrimas de dôr.

Frei João chorou com ela.

Depois deixou cair a cabeça nas mãos e meditou largo tempo.

— Benita, disse ele por fim, Florência é uma mulher terrível. Lutar com ela é-lhe impossível. Sei-o de longa data, — tem recursos abjectos, mas fortes. Ha porem um meio: faça com que Gilberto lhe confesse tudo. Ele é bom e, se lhe falta cabeça, sobra-lhe coração.

— Não, meu caro amigo, não quero saber, nem me importa. O homem que eu adorava morreu... nunca mais o verei. O que tenho diante dos olhos é uma criatura indifferente que, por meu mal, se julga com direito a exigir-me o cumprimento de certos deveres. Faça-lhe a vontade para evitar questões, mas, acredite-me, está tudo acabado, bem acabado entre nós.

— Lembre-se do desgosto de seus pais...

— Lembro. Nem eles nem meu sogro saberão nunca a verdade. Fez-me bem a sua vinda, frei João. Julguei que se tinha esquecido completamente de mim.

— Eu?! Era lá possível! Tinha a menina sete anos quando a sua imagem se gravou indelevel-

mente no meu coração. Lembro-me bem! Tinha-na castigado severamente, por um acto que me pareceu adoravel. Era dia de Natal. Sua mãe tinha saído e, quando entrou em casa, encontrou Benita no seu quarto, com o guarda-vestidos aberto e despejado, e em volta de si seis crianças da sua idade por quem distribuira igualmente os seus melhores vestidos e todos os seus bonecos. Como uma mãe carinhosa, tinha-as feito tomar banho e pentear pelas suas criadas e, contente e alegre, revia-se nas suas protegidas sentindo mais satisfação pela alegria delas do que as próprias beneficiadas. Desde esse momento, o primeiro logar no meu coração foi occupado por Benita. Mas deixemos o passado e pensemos no porvir. Vou dar-lhe um conselho, Benita. Retome ao menos o seu antigo character inda que não seja senão na apparencia e... fale comigo depois. E' tarde. Vou jantar com os marquezes da Ribaldeira. Ah! Ia-me embora sem lhe dizer a razão porque só hoje appareci. Tive de ir a Espanha conferenciar com o padre provincial. Cheguei hontem. Encontrei sobre a minha mesa as cartas e bilhetes de seus pais.

— Eles, coitados, assustaram-se muito e chamaram pelo santo das suas aflições.

— Amanhã cá venho jantar.

— Encontrará a sua antiga Benita.

Quiz acompanha-lo á porta, mas frei João não consentiu.

Benita tocou para a sua criada de quarto.

Efigenia appareceu á porta.

— Chame o meu *groom* e traga-me o vestido de montar a cavallo.

Instantes depois voltava Efigenia com o vestido acompanhada por Lourenço.

— Amanhã, disse Benita ao rapasito, estarás pronto a montar a cavallo e terás o *Atila*, pela redea, em frente da porta, ás onze da manhã. Podes ir.

O pequeno saiu e Benita provou o vestido. Precitava de ser ajustado. Tinha emagrecido tanto!

Nisto, bateram á porta levemente.

— Que é?

— Uma carta para o senhor, mas com ordem de só ser entregue em mão própria.

— Tem-na aí?

— Sim, minha senhora.

— Deixe vêr.

E a jovem, reconhecendo a letra do sobrescrito disse:

— O portador que torne a leva-la ou que espere, se quizer. O senhor não pode tardar.

Foi ao seu guarda-fato de solteira, vestiu-se de rapaz, penteou-se, como dantes, e, pondo uma flôr na botoeira, foi bater á porta do quarto do sogro.

— Que figura é esta?! disse êle rindo.

— E' a estouvada Benita a tentar recobrar o marido que a mulher sensata perdeu.

— Que juízo! que animo! Sabe que cada vez a admiro mais, minha filha?

— Vim aqui por lhe querer explicar a razão desta mudança em que hesitei receiando desagradar-lhe. A Benita de hoje tinha um certo pudor em aparecer assim a D. Pedro, sem mais nem menos.

E aos outros?

— Aos outros não. Tudo quanto eu fizer é magnífico e está aprovado incondicionalmente.

— Dê-me o seu braço, meu gentil pagem, quero causar sensação entrando na sala pelo seu braço.

Gilberto, não encontrando a mulher no quarto, como de costume, supô-la junto da mãe.

A sineta reuniu-os na casa de jantar.

Os pais, ao verem Benita naquele traje, deliraram. Gilberto sorriu e olhou-a com mais atenção. Benita, que lêra os jornais da manhã, foi scintillante de espirito na apreciação dos incidentes políticos do dia. Manteve todo o jantar uma atitude máscula. A' sobremesa fumou dois cigarros do pai, discutindo literatura com D. Pedro. Gilberto olhava-a espantado. Ela fingia não o vêr. Erguendo-se da mesa assobiou ao Terra-Nova e desapareceu com ele pela porta do jardim, cantarolando o estribilho d'uma canção em voga:

Ai! basta! basta de beijos

Que preciso respirar

Quem sacia os seus desejos

Nem sempre está pronto a amar...

Ai! basta!... basta de beijos.

— Que singular rapariga, Gilberto! murmurou D. Pedro com vaidade. Não ha nenhuma que a iguale! E's o homem mais feliz do mundo. Tu nem dás valor á pérola que possues!

E como D. Pedro adorava a nóra, tudo isto era dito com um entusiasmo comunicativo.

Gilberto concordava com grande prazer dos Lemos.

— Então não vais para o serão? perguntou-lhe o pai.

— Parece-me que faço hoje uma gazeta. Estou com tão pouca vontade de sair!

— Faze, que fazes bem. Uma vez não são vezes.

Passaram á sala onde lhes costumavam servir o café. Benita não aparecia.

— Onde estará ela? perguntou D. Pedro.

— Vou vér, respondeu Gilberto.

E saiu em procura da mulher.

Foi encontrá-la no jardim a fazer o Terra-Nova saltar por cima da chibata.

— A noite está fria e tu ainda combalida não é muito prudente que permanêças aqui.

— Entremos, disse ela.

E deitando a correr, ao desafio com o cão, galgon a escada em dois saltos.

Gilberto foi lentamente atrás dela e, quando entrou na sala, encontrou-a já sentada, tomando café e tendo o Valente deitado a seus pés, ainda arquejante da carreira.

— Eu também quero café, disse ele á mulher no costume em que estava de que ela se precipitasse a servi-lo.

Voltando-se para o criado, Benita ordenou-lhe, como antigamente :

— Sirva o café ao senhor Castende.

Gilberto olhou-a admirado.

— Tem paciência, meu caro, respondeu ella, entre risonha e petulante.

Nós, os homens, não nos podemos ocupar das mesmas ninharias que as senhoras. Estou discutindo com teu pai uma grave questão filosófica, não posso occupar-me de ti nem do café.

Todos riram.

A' meia noite retiraram-se aos quartos e Benita, despindo os seus vestidos de homem, deitou-se na sua cama e adormeceu ou fingiu dormir apezar de Gilberto tentar acorda-la.

De manhã não pôde evitar o marido. Elle accusou-a de afastamento, frieza, indiferença.

Ella, sorrindo, ouviu tudo na mais completa mudez.

— Mas que te fiz? que te fiz? instava elle arreliado.

Então Benita, com gravidade, retorquiu-lhe...

— Demais o sabes. Não ha nunca effeito sem causa. A mim não deves fazer-me perguntas, porque não discutirei contigo certos assuntos, mas a consciencia deve censurar-te fortemente o que me tens feito.

E passou ao seu quarto de vestir. Enfiou rapidamente o saiote e voltando ao outro onde o marido dava a última demão ao penteado, perguntou-lhe afavelmente:

— Não vens almoçar?

— Vou.

Tomou-lhe o braço e entrou com ele na casa de jantar conversando com o ar mais desanuviado do mundo.

— Então sais a cavalo? perguntou o pai.

— Não será cedo demais? observou D. Luiza.

D. Pedro pronunciou-se:

— Se ela tem apetite, é porque lhe não faz mal.

— Essa sentença meréce-lhe uma chuva de beijos.

E Benita, depois de abraçar e beijar D. Pedro, fez o mesmo aos pais, declarando-lhes:

— E' para não serem invejosos.

Desceu a escada com o marido que ia fazendo uma grande lamúria para que éla o convidasse a faltar á repartição e Benita sorria em silêncio.

— E se eu fósse contigo em vez de ir para a repartição?

— Não te aconselho a fazê-lo. Um homem digno não falta ás suas obrigações.

— Mas tu...

— Eu não descuro, por ir passeiar, nenhum dos meus deveres. Tem juizo, Gilberto, olha que já não é sem tempo: tens mais idade do que eu.

Gilberto ofereceu-lhe o joelho.

Benita aceitou e, depois de montar, por um hábito que adquirira no bom tempo, não pôde deixar de dizer ao marido :

— Não venhas tarde, não ?

Esta frase, que ha muito ela impedia os lábios de emitirem, encheu de júbilo o coração de Gilberto.

Benita unindo as rédeas, afagou o cavallo no pescoço e disse-lhe em voz clara — meio galope !

E o inteligente animal partiu no andamento indicado.

O *groom* seguia a uns vinte passos de distância.

D. Pedro e os Lemos vieram á janela vêr a filha e dizerem-lhe adeus. Gilberto parou na rua até a vêr desaparecer e seguiu para a repartição sem vontade alguma de trabalhar.

XIV

Quom desce a espreitar vò o-
que não quere.

No dia em que Benita tinha ido espreitar o marido fôra ele, como premeditára, levar pessoalmente a Florência a recusa de seu pai, no empenho de atenuar, tanto quanto possível, á sua apaixonada o desagradavel da resposta.

A's tres e meia dirigiu-se a casa dela. Foi recebido immediatamente e com toda a intimidade.

Florência estava lendo no seu toucador e para ali mesmo o mandou entrar.

Tinha um vestido de sêda còr de rosa, e os negros e compridos cabelos soltos ao longo das espáduas.

Vendo entrar Gilberto, disse-lhe num tom do-
lente:

— Bem vês que te recebo esteja como estiver :
és um irmão nesta casa.

E acenou á sua criada de quarto para que se retirasse.

Ela obedeceu, mas resmungava de si para si:

— Se fôsse irmão não punhas tu tanta pressa em me mandar embora.

— Senta-te aqui, disse naturalmente Florência indicando-lhe um lugar no sofá onde estava sentada.

Gilberto hesitou :

— Não me demoro. Vinha apenas dizer-te...

— Não digas nada por ora.

Fitou-o longamente :

— Lembras-te da nossa estada última em Souto Real ?

— Para que ma recordas ?

A situação era cada vez mais difícil para Gilberto. Via-se entre o desejo e o dever, tentado por uma linda e provocante criatura a qual queria apesar de tudo.

Florência percebeu que, se o primo saísse dali tendo-se vencido, talvez não tornasse lá, e ela queria, não amá-lo, mas vingar-se de Benita.

A maioria das mulheres más criam ódios pelos próprios benefícios que recebem. Florência tivera sempre uma grande admiração por Benita.

A sua opinião era para ela indiscutível; mas tinha-lhe uma inveja enorme. Pressentira, quando noiva do primo, as lutas íntimas que ele sustentára e por essa descoberta, maior ódio criara contra a filha dos Lemos. Gostaria de a suplantar, de a humilhar com o seu luxo e sucessos mundanos. Esse prazer, que gostosamente se preparava, foi-

lhe gorado porque a sua nova prima não frequentou a sociedade depois de casada. Então pensou nos meios porque a poderia ferir e não viu outro senão roubar-lhe Gilberto. A tarefa era difícil, pelo menos assim se lhe antolhava, mas estava pronta a não recuar ante obstáculo algum. Um plano diabólico formára aquela horrível criatura: afastar o marido e preparar-se uma vida de luxo e de prazeres. O maior de todos seria vingar-se de Benita. Não se imagine, porém, que ela estava apaixonada por Gilberto. Não. Lembrava-se dele como dum prazer que lhe seria grato reviver, mas isso não a impedia, embora estivesse casada apenas ha dois anos, de ter vários *flirts* alguns dos quais se não sabia *se eram só isso*.

Assegurára-se pelas escrituras ante-nupciais, metade da fortuna do marido e no caso de haver filhos a gerência dos bens se se desse á separação. O parvo do Soutelinho subscreveu a tudo, e, muito contente, gabáva a mulher:

— E' uma criatura prática, fria, á qual o sentimento nunca perturberá a razão.

E, findo este elogio, olhava para todos com vaidade e rematava-o com uma gargalhada idiota á qual os que o escutavam faziam, *eco noutra tom*.

— Entretanto, no toucador de Florência, Gilberto beijava-a com transporte, murmurando-lhe frases ardentes em tom cada vez mais subido; a que ela, muito terna, respondia com convicção.

— Eu bem sabia que tu me havias de voltar : ninguém foge ao destino.

Sentiram-se passos no quarto imediato e a baronesa, erguendo-se com rapidez, foi sentar-se do lado oposto numa cadeira de balouço :

— Posso entrar baronesa ?

— Mas decerto : é sempre bem vindo.

Entrou Nicolau da Cunha, o poeta que estava na moda porque lhe déra na cabeça imitar as extravagâncias de Leon Goslon, na cabeleira e tudo. Imitar sem conhecer ! Uma lástima, a pior, a ridícula, e mais reles das cousas tolas !

Meu caro poeta, não sei se conhece meu primo Gilberto de Castende... O senhor Nicolau da Cunha, o príncipe dos poetas portugueses, a quem os inimigos, por troça, pozeram a alcunha de Nicolau sem tino para o distinguir do célebre Tolentino.

— Não devia ser preciso, disse Gilberto com leve ironia.

Parecêra ao marido de Benita que o poeta ficára desconcertado ao encontra-lo no toucador de sua prima, e, cioso como todos os homens desde que tomam posse dalguem ou dalguma cousa, tomou involuntariamente ares combativos.

Florência mostrou-se muito amavel para o recém-chegado :

— Recitei antes de hontem á noite uns versos seus.

— Mas que honra para os meus pobres versos minha senhora. Sinto-me confuso !...

E quais foram os bem-aventurados?
— Aqueles que começam.

Como as batatas que lançáste á terra
E as couves lindas que colheste em flôr
As minhas ilusões a enxada enterra
Nesse campo sem fim chamado — A dôr.

— E quem foram os ouvintes?
— Toda a gente que cá veio.
— Toda não, porque eu estive cá e não ouvi falar nem de batatas nem de couves.
O poeta mordeu os lábios, córando.
— Tu recolhes-te com as galinhas.
— E tocou-se? cantou-se?
— Até ás duas horas.
— A sua casa é um templo de Arte, da qual V. Ex.^a é a melhor intérprete.

Gilberto já não podia ouvir mais cumprimentos forçados.

Ergueu-se para sair. Florência acompanhou-o ao corredor e foi depois á janela fazer-lhe a recomendação de voltar no dia seguinte.

Quando tornou ao toucador, encontrou o poeta convulso, trémulo.

— Que tens? indagou curiosa pousando-lhe a mão no hombro.

— Tu beijaste-o no corredor, não negues que eu bem ouvi.

— E podias vêr. Não me escondi para isso. E'

um costume de criança, costume tolo, concordo, mas que ficou.

— E o barão vê isso e não se incomoda?

— Tem mais juízo do que tu.

— Meu Deus! o que eu senti neste coração!

— Couves que desabrochavam em flôr?

— Não rias. Tu vais prometer-me que nunca mais...

— Pois sim, prometo. Dir-lhe-ei que o barão não quiere.

— Pobre barão, sempre leva cada testemunho!

— E se fôsse só isso!... murmurou ela num tom ironicamente condoido acompanhado dum suspiro, que provocaria o riso se não causasse nojo.

— Olha, meu amôr, vou pôr á prova a tua paixão por mim.

— Cuidado! as musas não costumam fazer sacrificios, mas sim exigi-los.

— Então não digo...

— Talvez seja melhor.

— Já te não interessam as minhas cousas, exclamou o poeta com tristeza.

— Nunca me interessaram (e soltou uma gargalhada estranha) não me inspirarias a menor simpatia se não fosses poeta, se não cantasses a minha mão, o meu pé, os meus olhos e não dissessem quando eu passo: é a musa do *príncipe dos poetas*, não te aturava.

— Pois sim, mas que importa que eu cante os teus louvores, se os não posso publicar?

Bem sabes que versos... os editores não querem senão a fingir. Empréstam o nome e mais nada...

— E é muito caro?

— Não. Uma edição de luxo pode ficar aí por cento e cincoenta...

— Manda fazer. Eu pago, mas com uma condição: quero uma dedicatória profundamente apaixonada e transparente, de modo que toda a gente perceba que sou eu e se possa negar isso como um grande testemunho.

— Minha senhora está na sala o pintor, anunciou um criado.

— Vamos Cunha, venha-me ver pousar.

— Impossível, minha querida, tenho de correr á livraria para escolher papel e combinar as couças...

— Bem, então vá.

Deu-lhe a mão a beijar, e seguida pela criada que levava uma grande capa de setim preto forrada de peles brancas e um cesto com rosas entrou na sala.

— Estendendo a mão ao gentil Alvaro da Silva, discípulo de Gandara, regressado ha pouco de Paris, Florência perguntou-lhe:

— Está melhor hoje?

— Sim, minha senhora.

— Se assim não fôsse não o deixaria pintar. Demorei-me um pouco em lhe aparecer porque estava com Nicolau da Cunha que fez o elogio da

minha mão e entendeu que mo devia lêr. Tem muito talento... não é verdade?

— Eu não o admiro, minha senhora, mas também não o acho sem tino como por aí dizem. E' um pobre diabo que seria aceitavel se não vivesse, como todos sabem, á custa da toleima das senhoras que explora.

— Talvez não seja verdade!

E Florência corou, mau grado seu, envolvendo-se na capa como num manto, tomando uma posição artística sobre o sofá enquanto a criada lhe dava para a mão um feixe de rosas lançando outras ao acaso sobre o tapete junto do banquinho doirado em que a sua ama descansava o pequenino pé.

— Não se livra dessa fama. Eu porém não me importa com a vida dos outros.

A cabeça mais inclinada sobre o hombro esquerdo. Tanto não... assim. Mais acentuado o sorriso. Olhe para aqui... Bem.

E tomando a paleta, continuou o retrato.

— Posso falar? interrogou a baronesa.

— Por ora não.

E Alvaro da Silva começou pintando na tela já adiantada. Falou de Paris, do seu mestre, da vida alegre de estudante e, depois de ter pintado durante tres quartos de hora, perguntou:

— Seria bom descansar um pouco, não lhe parece?

— Concordo plenamente.

Já não era a primeira nem a terceira sessão do retrato de Florência. Tanto bastava para supor que, com o seu feitio, o menos que podia haver entre ela e o pintor era um *flirt*. Mas não era assim com grande desespero da baronesa. Alvaro da Silva conversava atenciosamente, era muito respeitador, e observando todos os assuntos parecia que, fóra da sua arte, nenhum o interessava bastante.

A baronesa perguntou-lhe se nunca tinha amado. Ele teve um sorriso singular e respondeu:

— Não sei, minha senhora, ha cousas tão íntimas que só costumam lembrar-me quando estou só: essa é uma delas.

— E' um original, meu caro artista.

— Não o devia ser, minha senhora. No meio em que vivemos ha uma completa falta de — como direi?

— Não sei? disse Florência com falsa sinceridade.

— De reserva nas cousas que são dignas dela. E' um dos piores males do século.

Parou á porta uma carruagem, ladraram os cães, o reposteiro da sala ergueu-se e a viscondessa de Cete entrou familiarmente. Vendo a posição de Florência soltou uma exclamação sentimentamente admirativa:

— Estás linda!

— E na tela? perguntou Florência satisfeita e olhando para a sua amiga numa vaidosa ansiedade.

Sem reparar no artista a viscondessa replicou :

— Ainda mais.

— Apresento-te o senhor Alvaro da Silva, discípulo de Degás, chegado este ano de Paris.

— De Gandara, de Gandara, emendou o pintor.

Lourença inclinou ligeiramente a cabeça e estendeu-lhe a mão condescendente perguntando :

— Leva muito caro por este retrato ?

— Não, minha senhora, 350:000 mil réis.

— Então, quando o acabar, hade fazer o meu.

— Mas, minha senhora, o seu retrato não poderá custar esse preço.

— Ora essa ! E porquê ?

— Porque eu pago-me conforme as pessoas me são simpáticas ou antipáticas e . . .

— E eu não pertenço ao numero das simpáticas ?

— Não, minha senhora, pertence ao das impertinentes.

A viscondessa de Cete, em vez de se escandalisar, riu com imenso gosto e instou :

— E por quanto pagam uma tela assim as pessoas com essa designação ?

— Pelo dobro.

— Não desisto do retrato, meu caro pintor. Eu e Florência não temos meio de passar á posteridade senão pelos versos dos poetas do nosso tempo ou pelos quadros dos nossos melhores artistas. Não sei se isso a ela lhe é indiferente ; a mim não é. Não imagine que me empenho em

que o retrato fique parecido. Isso não me importa. O que quero é que as gerações por vir, ao admirarem a sua tela possam dizer: que beleza de mulher! Isto é que é indispensavel para mim.

Alvaro da Silva estava atônito.

— Levantamos a sessão, sim? pediu a baronesa.

— Da melhor vontade.

— Vem jantar hoje connosco?

— Não sei se será possível...

— Não o dispenso. Já o convidei tres vezes e recusa sempre. Não admito isso.

— V. Ex.^a manda, minha senhora.

E, inclinando-se cortezmente diante das duas amigas, apertou as mãos que lhe estendiam e saiu.

— Inda bem que vieste, exclamou Florência. Tenho um grande favor a pedir-te.

— O que é?

— Já te digo. Deixa-me prevenir de que não estou em casa para ninguem.

Voltou depois a sentar-se e perguntou-lhe abruptamente:

— Creio que sabes o que é a tortura de ter casado com uma fortuna sem poder aturar o preço que ela nos custa?

— Se sei! exclamou a outra em ar de martir.

— Bem. Mas o que é pavoroso por obrigação tem graça por capricho e creio que é tua esta máxima: quantos mais tolos são os homens melhores amantes são.

— Sou autora dela e não o renego: é uma das melhores observações que tenho feito.

— Ora o meu marido está perfeitamente no caso de te agradar. E' loiro, como o Henrique de Castro, a tua última paixão.

— Estás mal informada. Depois do Henrique já tive tres o que foi uma cousa disparatidíssima porque eu, que em política tenho sempre as ideias deles e sou uma discursadora incorrigivel, sustentei, com igual e funda convicção, teorias absolutistas, constitucionais e republicanas em menós de tres meses; por um triz que não perceberam a causa desta salsada; passei por incoerente e não estou para cair noutra. Preciso de que os meus amantes tenham as mesmas ideias, pelo menos dois anos... de outro modo não me servem. Que política tem o teu marido?

— Nenhuma. E' optimo para numero dois. Faze dele um capacho elegante e dá-me pretexto para exigir uma separação.

— Mas, minha querida, eu não quero um escandalo com o meu nome.

— Não o terás.

— Combinemos. Eu surpreendo-os aos dois, fico furiosa imponho condições sob pena de contar tudo ao visconde e tu deixas-te vencer pelo terror, etc. Percebes o efeito?

— Percebo, mas não posso compreender a vantagem de afastares teu marido. Não ha nada melhor do que ter um editor responsavel para po-

dermos fazer tudo sem nos preocuparmos com as consequências.

— Pois sim, mas não sei se o barão assinará tudo de cruz como o visconde... a fortuna é dele e...

— Bem sei. Pensando melhor a ideia é boa, mas apenas para o pôres a ele na tua dependência. Na separação não cáias. A's vezes mesmo, durante um periodo de falta, crê-me, o marido não deixa de ter a sua graça...

— Talvez tenhas razão... tens por certo porque conheces a vida muito mais do que eu. Ha porém uma cousa que quero conseguir seja porque preço fôr.

— Qual é?

— Separar Gilberto de Benita, e causar áquela mulher mil torturas.

— Então não os separe, disse Lourença dando uma gargalhada: um dente que se arranca não torna a doer.

— Tens razão! Como tu vês bem tudo quanto é mal!

— E' o melhor elogio que me podias fazer. Creio que descendo do demónio e não te escondo que tenho vaidade nisso.

— O Nicolau da Cunha...

— Bem sei, apanhou-te dinheiro para os versos: fôste uma tola e ele acabará por se rir de ti.

— Como soubéste?

— Porque tambem, quiz ver se eu caía. Mas a

mim não ha homem, por inteligente que seja, que me pilhe cinco réis. Eu é que gosto de os empobrecer, para que aprendam á sua custa que não se ama impunemente uma mulher como eu.

— Jantas comigo?

— Não. Venho á noite.

— E conquistas o barão?

— Se tens nisso muito empenho!

— Oh! O maior.

— Farte-hei a vontade. Adeus.

E dirigiu-se para a porta. Quando ia quasi a transpô-la, parou e disse:

— Faláste-me no Henrique de Castro, fizéste-me saudades dele. Convida-o para esta noite.

— E o meu marido?

— Que tem isso? Não me disseste que ele fazia admiravelmente o numero dois?

Soltaram ambas uma cínica gargalhada e separáram-se apertando-se as mãos. Valiam-se.

XV

A mulher que só ama o prazer
não tem afeições.

O barão de Soutelinho, enfiando o braço de Gonçalo Gonçalves, tomou com ele a direção da Arcada para onde o ministro se dirigia e perguntou-lhe confidencialmente.

— O' Gonçalves, apesar de ser diplomata, responde-me com franqueza a uma cousa?

— Então que tem a diplomacia com a franqueza?

— Muito. Você pertence ao numero dos que estendem a mão sem nunca deixar ver a palma.

— E' privilégio dos diplomatas?

— E' um movimento inconsciente de todos que não são francos.

— Não esquecerei essa minúcia que pode dar-me ás vezes um importante indício. Mas de que se trata?

— Você conheceu intimamente a viscondessa de Cete.

— Eu não. Eu...

- Homem, não negue: é do dominio público.
- Não negarei.
- Bem. Responda-me lealmente: que juizo faz dela?
- E' uma mulher encantadora, mas temivel.
- Temivel, porquê?
- Não recua diante de cousa alguma.
- Sabe que ella está apaixonada por mim, disse o barão com orgulho.
- Pode ser, mas não acredito.
- Porquê? perguntou elle ferido na sua vaidade.
- Porque ella nunca gostou de ninguem, nem mesmo de si própria: só ama o prazer, nada mais. E não o deixa por cousa alguma.
- Porquê motivo quebrou você com ella?
- Podia responder-lhe que era pelo mesmo que todos os outros, mas não seria verdade. Quando eu estava mais preso á viscondessa — e estive-o fortemente...
- Bem sei interrompeu o barão, quando ella era progressista intransigente.
- Exacto, confirmou Gonçalo com um sorriso triste, encontrei-a... imagine você com quem?
- Sei lá, homem!...
- Com meu pai que ignorava o que havia entre mim e ella.
- Compreende que depois disto...
- Daqui seguiram-se mil scenas... absteve-me de tomar parte nelas.

Curei-me dessa loucura como duma doença, mas ficou-me a cicatriz. Desprézo-a. Não lho digo nem gosto de a encontrar: a sua vista faz-me mal.

— Acha então que não é prudente cair-lhe nos braços?

— Deve ser preparar-se desgostos e desilusões. Depois sua mulher é uma senhora formosíssima e que deve merecer-lhe toda a consideração. O meu caso era diferente. Um homem livre não tem que dar contas a ninguém. Mas nem por isso deixei de ter semsaborias.

Falemos de outra cousa, quere?

Em resultado desta conversa o barão de Soutelinho que era uma criatura cautelosa, recuou tanto quanto Lourença avançou. A viscondessa estava pasmada e contrariadíssima. Nunca ninguém lhe resistira assim. Chegou a pensar que seria uma brincadeira de Florência combinada com o marido, mas em breve verificou que não.

Voltou o tempo quente e a baronesa foi para a Eriçeira com o marido e os viscondes de Cete. Escolheu aquela praia pouco elegante porque Gilberto ia de Souto Real ali, no seu automovel, rapidamente.

Tinha havido uma luta para o convencer a ir de todo para a praia. Ele recusára-se terminantemente, mas *pelo pai* cuja vida austera e digna lhe impunha o maior respeito.

Florência amuada disse-lhe:

— Não estou para ter desgostos. Vai lá para a tua Benita e deixa-me em paz.

Gilberto quiz persuadi-la :

— Não te lembras de meu pai? não conheces o seu character? Desculpo-me a cada passo com idas ao Choupal e passeios que não dou.

— E não podias dizer que ias com o morgado passar uns dias a qualquer parte?

— Não, porque ele vai lá muito e não está disposto a servir-me de capa. Já tentei e não fui bem sucedido.

Ele é muito afeiçoado a Benita.

— Ah! ele tem muita afeição por tua mulher?

Uma ideia extravagante desabrochou no cérebro de Florência. Se podesse fazer apaixonar Benita pelo morgado do Choupal? Consultou Lourença.

Esta meditou um pouco e respondeu :

— E' facilimo.

— No dia seguinte meteu-se no seu automovel e disse ao chauffeur :

— Para Torres Vedras.

Ali informou-se onde era a quinta do Choupal e mandou seguir para lá. Pegou num bilhete seu e pediu que o entregassem ao morgado.

Ele não estava, mas a mãe apressou-se a vir recebê-la.

Quem visse então Lourença não a reconheceria. Vestida de preto, sem os costumados exageros da moda, com uma fisionomia séria e reflectida que não era a sua, estava uma criaturinha encantadora ostentando um ar ingénuo e bom que contrastava com a sua vida de aventuras.

A quinta do Choupal é linda. Chamam-lhe assim porque o Sizandro a corta a todo o comprimento por entre duas longas e apertadas fileiras de choupos. A casa, branca antigamente, mas hoje enegrecida pelo tempo, é grande e boa. No andar nobre cerca-a uma larga varanda alpendrada sustentada por altas colunas de pedra. Desta varanda desce uma ampla e dupla escadaria exterior, toda de cantaria, que abre em círculo e fecha em frente do tanque ostentando nas quatro extremidades do parapeito de pedra quatro grandes leões numa graciosa atitude cheia de naturalidade. O arvorêdo, quasi todo secular, oculta a bela propriedade aos olhos dos profanos. Não é, evidentemente, uma quinta de rendimento. Fôra noutro tempo uma propriedade de luxo que os actuais possuidores mantem, como receberam, sem lhe fazer melhoramento algum.

Subindo a linda escada a viscondessa nem nela reparou. Entrou na sala, que estava ornada com uma antiga mobília de pau santo e veludo carmezim. Nas paredes retratos a óleo dos falecidos morgados. Entre todas aquelas telas, de aparência severa, destacava-se uma pela viveza do colorido e pela beleza do homem que representava. Era o retrato do actual morgado.

Ficando ali só, por alguns momentos, a viscondessa notou imediatamente a tela, conheceu-a por um trabalho de Malhõa e supôz logo quem era o retratado. Nião, abriu-se a porta do fundo e, em

vez da velha, que ela julgava que ia vêr apparecer, dirigiu-se para ella uma criatura nova, ainda bella, sorridente, e muito senhoril.

— V. Ex.^a procura o meu filho, mas como elle não está e vi no seu cartão que era de Lisboa pedi-lhe a fineza de subir para descansar, e tambem porque me lembrei que talvez eu podesse substituir o Júlio...

— E melhor, minha senhora, muito melhor. Se eu soubesse mesmo que o senhor morgado tinha mãe seria de preferênciã a V. Ex.^a que me teria dirigido. Eu sou uma amiga intima da Manoela de Lemos.

— Não sei quem é.

— Sabe, minha senhora, a Benita... mulher do Gilberto.

— Ella chama-se Manoela? perguntou a morgada admirada.

— Chama. Não sabia?

Benita é uma alcunha.

—?!

— Quando era pequenita gostava muito de se vêr ao espelho e em vez de dizer *sou bonita* dizia eu sou benita e Benita ficou. A maior parte da gente ignora o nome dela. Mas, voltando ao assunto... Estou a banhos na Ericeira. Ella não o sabe nem eu desejo que o saiba. O marido dela anda louco com a sua ex-noiva e tudo me leva a crer que, mais dia menos dia, fujam juntos. Eu sei que o filho de V. Ex.^a é um rapaz muito digno e

lembrei-me de que talvez ele pudesse fazer ouvir a razão a Gilberto e, não o conseguindo, preparar um pouco Benita para o duro golpe que vai receber.

Eu não o posso fazer porque estou numa situação muito falsa. Ignorando tudo isto, aluguei nas praias casa a meias com os barões, do que me tenho arrependido imenso por causa da levandade de Florência: é uma criatura que não convem na intimidade.

A morgada ouvia-a com espanto e ela, sem lhe dar tempo á mais pequena frase proseguiu, com volubidade.

— Peço-lhe para que tudo isto fique entre nós. V. Ex.^a faz-me um grande favor intercedendo com seu filho a bem do santo empenho de harmonisar um lar.

A morgada disse estar pouco propensa a intrometer-se na vida íntima de ninguém. Mas a viscondessa mostrou-se então sinceramente afflicta que ela, acreditando na boa fé da visitante, acabou por prometer fazer o que pudesse.

Instou com ela para que tomasse alguma cousa, mas Lourença recusou dizendo que não se podia demorar; queria que imaginassem na Ericeira que tinha ido apenas ao Cacem. Despediu-se com muitas amabilidades e saiu.

Quando o automovel já tinha transposto o portão da quinta, notou Lourença um cavaleiro que se desviava para o deixar passar, cumprimen-

tando-a com natural elegância. Correspondeu á saudação e voltou-se para o ver melhor. Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto violentamente. Lourença, em certas cousas, parecia um homem : não sabia vêr e admirar sem desejar... Teve a maior pena de não se ter demorado um pouco mais e esteve para voltar atrás. Mas, reflectindo melhor, seguiu o seu caminho murmurando por entre dentes :

— Não ha duvida... é um belo exemplar.

XVI

O homem vulgar prende-se mais pela matéria
do que pelo espirito.

Gilberto, sentado na quinta, tinha na mão um livro de Gustavo Le Bon. Não lia, apesar da leitura o absorver quasi sempre com júbilo; meditava na sua estranha situação e não se compreendia. Quando estava junto de Florência era um escravo dela: ao pé da mulher era esta que o encantava. Apesar da cegueira do seu affecto pela baronesa, acabára por lhe perceber as perversidades; mas—coisa singular!— quantos mais defeitos lhe descobria, mais preso se sentia a ela. Acabou por saber que o Nicolau da Cunha, e muitos outros, não só faziam a côrte a Florência como tinham, de quando em quando, um dia de eleição. Tudo isso o revoltou, mas não o demoveu. Desprezava-lhe o character, mas amava-a e o filho, *o seu filho* que ela dera ao barão encantava-o. Por vezes tinha loucos ciumes de Reynaldo, mas mais frequentes do filho que da mu-

lher. Quando o Soutelinho erguia nos braços o pequeno Pedro ensinando-lhe a pronunciar pai ele sentia crescerem-lhe no peito ondas de indignação, tinha impetos de lhe arrancar a criança dos braços e de fugir com ela. Se Benita tivesse um filho! Mas quê! O tempo passava e nada. A mulher prendia-o pelo espirito, pelas extravagâncias e pela rectidão de character, mas era muito orgulhosa e á menor cousa que lhe desagradasse enrugava a testa, ouriçava-se e retrafa-se altivamente. A mudança enorme que se fez na sua vida íntima deixou-a aparentemente insensível. «Não me amará ela já?» perguntava Gilberto indiferentemente a si mesmo, sem nenhum sobresalto íntimo. Mas, se fazia igual pergunta ácerca de Florência, alvoroçava-se até ao mais íntimo do seu ser.

Não ha nada mais certo: quanto mais abjecta é a mulher, mais prende o homem. Tão imerso estava na analyse dos seus sentimentos que os dedos deixaram insensivelmente resvalar o livro que caiu no chão sem rumor.

Um assobio, vibrante e forte, repetindo o estribilho duma canção popular, então em voga, aproximou-se rapidamente.

— Já por aqui, caçador? perguntou Gilberto voltando-se num tom que em vão tentou parecer alegre.

Júlio, precedido de dois lindos perdigueiros, atravessou a pequena ponte de cortiça, suspen-

sa sobre o lago, e veio sentar-se ao pé do seu amigo :

— Uf! sempre está um calor!

— Para quem anda atrás das perdizes pelas fragas; mas para quem estiver comodamente sentado á sombra e lendo...

E, dando pela ausência do livro, apanhou-o do chão.

— Bem se vê quanto a leitura te ábsorvia.

— Pensava em cousas que me dão cuidado e não conheço nada pior do que o mal que nos devora intimamente sem nos permitir uma queixa.

— No modo de falar pareces um romântico, disse ironicamente o morgado.

— E quem o não é, quando um sentimento sério o agita?

— Mas de que se trata?

— Da minha vida inteiramente estragada.

— Não és então feliz com tua mulher?

— Não.

— Que tens a censurar-lhe?

— Nada.

— Mas então?...

— Eu te digo: eu amava-a se...

— Se não fósse a outra?

— Sim.

— Depois, Benita é uma criatura que me irrita, porque eu sinto que ela podia dominar-me, se se empenhasse nisso; mas lê-me no fundo da alma todas as fraquezas e a custo oculta ás vezes a

repugnância e o desdem que o meu voluvel character lhe inspira.

— Pobre senhora!

— Pobre, porquê? Eu nunca tive ocasião de a repelir ou de lhe ser desagradavel.

— Mais uma razão para a lamentar. Eu sempre previ que ela não seria feliz contigo.

— Perdão! Estás enganado. Eu é que não sou feliz com ela, o que é diferente.

— Egoista!

— Talvez tenhas razão.

Calou-se um pouco e proseguiu:

— Mas o que é certo é que estou metido num bêco sem saída.

— Só para os fracos é que ha situações dessas: um forte pode sempre o que quere e só quere o que deve.

— A teoria é linda; mas queria vêr-te no meu caso para saber se a punhas em prática.

— Não tenhas a menor duvida.

— Então que me aconselhas?

— Que não tornes a vêr Florência.

— E o meu filho? perguntou Gilberto com pena.

O morgado perguntou atónito:

— E' teu o filho de Florência?

— E'.

— Tens a certeza disso?

— Tenho.

— Pois bem. Desde que renunciáste aos teus deveres de pai dos quaes nunca, por princípio

algun, poderias ter abdicado, tens por obrigação, no seu próprio interesse, de te esquecer que ele é teu. Não é, não te pode ser nada, senão um estranho, o futuro barão de Soutelinho.

— Mas é que eu não tenho outro filho. Gosto imenso dele.

— Mais uma razão para lhe assegurar a paz, a felicidade, a fortuna e talvez a vida. Tu sabes lá o que, num acesso de ciúme, poderia fazer o Soutelinho se tivesse a certeza de que o rapaz não era seu?

— E' certo : tens razão.

— Mas não basta dar-m'a. Tens de tomar enérgicas providências. Parte com Benita, vai viajar...

— Levá-la ; deixando Florência?! Como havia eu de esconder-lhe o meu desanimo e saudade?

— Então vai só, se és mais fraco do que tua mulher que todos os dias apresenta um rosto sereno tendo na alma um inferno.

— Oh ! As mulheres teem outra capacidade para o sofrimento que nós não temos.

— Não tens vergonha de o reconhecer ?

— Meu caro, acabo de ler no *Le Bon* que os homens obedecem ao sentimento e não ao raciocínio. Como queres que eu seja diferente do resto da humanidade ?

— Estou-te falando sério e não discutindo filosofias mais ou menos aceitaveis, mas que nem sempre pecam pela justeza. Conheço muito mais dum caso em que várias pessoas se teem guiado

pelo raciocínio calcando o coração muito a seu pesar. Ora, desde o momento em que um ser humano *pode*, tu, que nem ao menos tens o direito de alegar que és estúpido, podes também.

Gilberto calou-se parecendo meditar.

— Que me respondes? perguntou Júlio algum tempo depois.

— Tentarei fazer-te a vontade.

— Obrigado, tornou o morgado apertando-lhe a mão. E's um bom rapaz, mas, como o de todos os portugueses, o teu character tem um fundo perfeitamente romântico, fundo que todos cuidadosamente occultam, porque não está em moda, mas do qual, por mais que façam, não conseguem libertar-se. Casando, terminaste o romance que dantes representava para ti o impossivel. Sentes agora necessidade de forjar outro em que as situações sejam mais intrincadas e dificeis, e em vez de te assegurares a paz e a felicidade de coração encarando a vida praticamente, olhando pela tua casa com o interesse de todo o proprietario zeloso, não voltando nem reconsiderando nunca ácerca duma resolução que impõe compromissos livremente tomada; tornando-te activo e empreendedor no interesse teu e dos teus, não senhor, não te lembras de que o tempo é um capital precioso e de que, segundo o modo porque o empregamos; nos vem bem ou mal. Não te falo de lucros ou perdas, isso é o menos visto que tens de que viver; falo do teu espirito, perfeitamente

á solta, viciando-se na ociosidade de tudo que te pode ser prejudicial.

— Pareces-me o frei João, notou ironicamente Gilberto.

— Ainda bem que te lembro alguém de tal fórma superior que merece o respeito de todos, até daqueles que professam ideias diametralmente opostas ás dele. Mas eu, que me sinto tão longe como o sol da terra do grande espirito a que na tua ironia me comparáste, tenho o direito de te falar assim. Apesar de estar no campo, as minhas horas teem todas um emprego, obedecem a um regulamento que me impuz e esse é proveitoso. Não te prego com a palavra, mas sim com o exemplo. Nem sempre tenho vontade de fazer aquilo a que me obriguei; não me envergonho de t'o confessar, a volubilidade do nosso caracter de meridionais é a culpada disso, mas venço-me, obrigo-me ao que não quero, e vou para diante. Depois fico contente comigo: as vitórias que obtemos sobre nós são as que com mais razão nos devem deixar orgulhosos. Posto nesta ordem de ideias, o teu espirito e consciência dir-te-hão tudo quanto eu te poderia dizer e muito melhor de que a minha palavra amiga o faria. Não te quero massar mais. Quando partes?

— O quê! Queres que marque já o dia?!

— Decerto: as boas resoluções ganham em ser postas em prática com rapidez.

— No dia 1?

- Seja no dia 1. Agora um pedido.
- Dize.
- Não falarás a Florência em semelhante cousa. Escrever-lhe-has o que eu te indicar, obrigando-me a não te ditar nada que a possa magoar.
- Pedes de mais.
- Trata-se da felicidade de tantas pessoas, Gilberto! murmurou o morgado em tom de censura.
- Seja e não me pregues mais.
- Não digas nada a Benita senão tres dias antes.
- Mas porquê, se tem de o saber?
- Porque te faço a justiça de acreditar que não faltarás por cousa alguma ao que prometes e quero poupar-te scenas de lágrimas que te afligiriam sem necessidade.
- Vêr a mulher amada chorar por nós deve ser delicioso!

E os lábios de Gilberto sorriram com satisfação enquanto as suas cêrulas pupilas pareciam envolver no espaço com ternura uma figura invisível aos olhos do morgado.

Júlio sorriu também, mas com benevolência:

— Visionário! exclamou. Af está já o teu caracter romântico a poetisar a dor da separação. Vais desabrochar em versos doloridos e coligirás um volume de terníssimos ais que poderás vender a 700 reis. Já vez que este género poético, nascido duma sã decisão é lucrativo. Adeus.

— Troças? perguntou Gilberto formalizado no

visível intento de poder conseguir dar o dito por não dito.

Júlio percebeu-o :

— Não, dou-te a minha palavra que talei de coração aberto : quiz apenas pôr uma nota alegre num final triste.

Havia tanta sinceridade na voz do morgado que Gilberto não se atreveu a protestar.

Apertou a mão que o seu amigo lhe estendia e, vendo-o assobiar aos cães e afastar-se rapidamente de espingarda ao hombro, depois de ter consultado o relógio, pensou :

— Não ha duvida, tem toda a razão no que diz. Mas poderei eu dominar-me ?

Dominar os outros acho eu que deve ser agradável, mas a nós mesmos !

E entregou-se a mil comentários que vieram corroborar tudo que Júlio tinha dito ácerca do seu character. Atirou fóra o cigarro, ergueu-se num movimento enérgico e bradou tomando o caminho de casa a passo largo, numa inconsciente imitação do seu amigo :

— Basta de fraquezas. E' necessario ser homem !

XVII

O amor ignora sempre o que o ódio
ousa conceber.

Florência, sentada na praia num pequeno banco de tesoura, tinha em frente de si a viscondessa que, sorrindo maliciosamente, lhe dizia :

— Consegui tudo que desejavas : apaixonei por mim o teu marido, o que não foi facil, e puz o morgado do Choupal no caminho de Benita. Agora já começo a estar aborrecida de tanta praia e resolvi regressar á capital. Se queres, apanha-me então em flagrante porque te declaro que não estou para mais.

— Mas como hade ser?...

— E's uma criatura curiosa ! Tens o desejo do mal e não o sabes praticar !

Meu marido partiu hoje para o Porto e só regressa no domingo. Aproveitemos portanto estas pequenas férias para representarmos a nossa comédia.

— Mas como? Como?

— Muito simplesmente: á tarde vens á praia, como de costume, e eu recuso-me a acompanhar-te; tu vens e, no regresso, vês tudo, tudo.

— Tudo?! Não será demais? perguntou Florência incomodada, apesar do plano ser seu, com a ideia de *ter que ver*.

— E' a única maneira de conseguires os efeitos que desejas.

Vencida por esta razão, que se lhe afigurou concludente, Florência calou-se.

A viscondessa proseguiu:

— Deves perder a cabeça e dizer num tom de rainha ofendida.

— «*Saiam da minha vista e desta casa. Não quero tornar a vê-los*». O resto fica por minha conta.

— Está bem, afirmou a baroneza, no tom de uma pessoa que aceita sem discussão a opinião de quem reputa mestra.

— Aí vem teu marido. Vai tomar banho para eu poder combinar tudo socegradamente com ele.

— Pobre vítima! exclamou a baronesa num tom de compaixão irritante.

A Cete soltou uma grande gargalhada, cuja interpretação não seria facil conseguir.

Florência acenou amigavelmente com a mão a Reinaldo, e dirigiu-se para a sua barraca.

Ele veio sentar-se junto da viscondessa e beijou-lhe furtivamente a mão.

— Então? perguntou-lhe baixo e com ternura.

— Logo.

— E ela que disse?

— Quanto eu esperava. Más são todas as mulheres; mas ter talento na perversidade, só eu!

— E gabas-te disso? perguntou Reinaldo sorrindo.

— Porque não? O mal tem, como o bem, a sua superioridade, e saber usar os seus variados recursos, é um meio que não está ao alcance de todos. Por isso é muito justo que eu me orgulhe dele.

— Que extraordinaria criatura és, Lourença!

— E' isso. Preciso que te conserves na admiração da minha pessoa, para conseguir que tenhas a força necessária para a grande empreza que vamos empreender.

— E não tremes ao enceta-la?

— Eu? Já viste algum artilheiro experimentado tremer ao apontar a peça que destroi dum só tiro umas dezenas de inimigos?

— Mas que mal te fez Florência, afinal?

— Que mal me fez? A pergunta é curiosa? Tentou suplantar-me nas salas pela sua elegância e espírito: quiz que te chamasse para melhor me roubar o João Passos que eu gostava de trazer preso á borda do meu vestido não pelo menor interesse de coração, mas porque encantava-me ouvindo-lhe dizer lindos versos, quando me sentia inclinada para a poesia. Já antes dele me levára

o Nicolau da Cunha e outros, de que não vale a pena falar agora; faz gala de me tirar os *flirts* e queres tu que eu veja isso com indiferença?!

— Não digo tanto, mas ela não faz aquilo por mal. E' uma questão de temperamento.

— Sempre és um marido muito fleugmático! Excedes ainda o meu, o que, seja dito em seu abono, não julguei possível.

— Eu te digo, nestas cousas, o que custa é a *primeira certeza*: essa fez-me sofrer, confesso depois tu puzeste tanta crueldade na maneira porque ma fizeste saber!

— Meu amigo, quando se quere tirar uma venda dos olhos não ha melhor remédio do que alcançar provas irrefutaveis!

— Pois sim, mas, se eu não fôsse como sou, uma criatura pacífica, esse meio podia ter gravissimas consequências. Pensaste nisso, minha amiga?

— Pensei.

— E essa ideia não te fez recuar?

— Não. A queda da felicidade alheia não é nunca um espetáculo desolador para mim.

— Mas se eu me tivesse suicidado?

— Provarias que eras tolo. E eu, que não me resignaria nunca a ter amôr por uma criatura que o fôsse, ficaria curada da minha estúpida paixão por ti.

— A' custa da minha vida?! perguntou desconcertado Reinaldo.

— Deves confessar que não era muito caro.

E Lourença desatou a rir perdidamente.

O barão enfiou.

Vendo o efeito das suas palavras, a viscondessa apressou-se a remediá-lo :

— Vamos, não sejas parvo. Não se pode brincar contigo : tomas a sério tudo que te dizem : é um deploravel costume esse, sabes ? Se eu gostasse de scenas, tinha agora o direito de te fazer uma.

— Mas, Lourença, disseste...

— Ouve uma cousa : já viste raciocinar alguma mulher ferida pelo ciume ?

— Eu não sei, mas parece-me...

— Não viste, não podias vêr. Era isso que devias ter pensado em vez de me fazeres perguntas disparatadas.

— Mas, Lourença...

— Não me séques, meu caro, senão... abandono-te.

O barão empalideceu.

— Dize-me uma cousa, minha amiga, como obtiveste aquelas provas ?

— Facilimamente. Provoquei confidências sobre suspeitas concebidas em conversas travadas diante de mim. As meias palavras dizem sempre muito : Obtive-as, mostrando-me interessada pelo assunto, desejando vêr a correspondência trocada. Ela, vaidosa da adjectivação com que Gilberto a mimoseava, não resistiu aos meus desejos e mos-

trou-me as cartas. Vi assim onde as guardava, experimentei as minhas chaves na gaveta, e, como não servissem, mandei fazer uma a um serralheiro daqui no dia em que Florência foi a Lisboa. Horas depois, coloquei um masso de papeis brancos no lugar que as cartas ocupavam e fiquei com elas. Tive dó de ti Reinaldo, como geralmente temos sempre, daqueles que as outras férem, sem reparar que nós fazemos tanto ou pior do que elas e que apenas sentimos nojo e desprezo em vez de compaixão. Graves complicações do coração feminino do qual nem tu nem eu percebemos nada.

E riu-se.

— Sabes tudo Lourença, percebes de tudo, exclamou Reinaldo com profunda admiração.

— Consigo dar aos outros essa ideia de mim, mas está muito longe da verdade. Olha que linda conchinha! exclamou ela com entusiasmo quasi infantil, esquecida de que já completára os quarenta anos. Vou apanha-la.

E, erguendo-se, fez o que disse e seguiu em procura pela beira de agua, fugindo rapidamente quando a onda vinha bater na areia com grande violência.

Entretanto a baronesa saíra da barraca envolta numa elegante capa, entregara-a ao banheiro, recusando ser atada pela corda, como a prudência exigia, e, deixando-se levar pela furia da onda, fôra aparecer nadando a grande distância.

Mais duma vez os banheiros, experimentados e conhecedores das traições do Atlântico, lhe tinham profetisado que ela pagaria caro o seu ar-rojo. Florência ria, e continuava o seu *sport* favorito. Deixar-se arrastar pela furia das aguas dava-lhe uma sensação agradavelmente arrebatadora.

Parecia-lhe que nenhuma carícia humana se poderia igualar áquela louca, mole, e inebriante pressão das aguas revoltas envolvendo-lhe o corpo de alabastro. Em vez de meter o cabelo numa coifa de oleado, deixava-o solto ao longo das espaduas e gosava de o vêr flutuar ao sabor irrequieto e murmurante do mar.

Nadava muito tempo e, quando começava a sentir frio, deixava-se sabiamente arrastar pela agua de novo até á praia, onde os banheiros a esperavam com a capa. Envolvia-se nela e fugia a correr para a barraca.

Reaparecia em breves minutos elegante e gentilíssima como sempre, mas com o cabelo caído. Censurada pela viscondessa respondia-lhe:

— Que queres? Prefiro ser *shoking* a enrolar o cabelo molhado na cabeça ou a privar-me do prazer de o vêr tambem nadar.

E, como nesse momento estava só com Lourença, confessou-lhe:

— Quero entregar-me inteiramente ao meu melhor amante porque tenho a certeza de que será o último.

Quando eu já não puder nem souber amar, ainda terei coração para ele.

— Acredito-te, exclamou Lourença. Coração de rocha só a onda o pode atacar, suave e lentamente; mas por isso mesmo a mossa que lhe faz, perdorável como as do tempo, é indelevel.

E dirigiram-se para casa vagarosamente.

A meio caminho correu João Passos a cumprimenta-las.

Florência convidou-o a almoçar.

Ele aceitou.

Então a Cete, num tom verdadeiramente de garoto, disse:

— Era o que ele queria... economisar o almoço no hotel.

— Oh! Lourença, tens ideias! exclamou Florência vexada.

— Não se incomode, senhora baronesa. A sua amiga tem tido comigo todas as liberdades. Esta é a menor e não a prejudica.

Florência fingiu não perceber, mas Lourença, sempre inconveniente, acrescentou:

— Não me deixaram saudades: você não parece um homem: é um avestruz.

— Avestruz? Porquê?

— Gosta de andar no deserto acompanhado por duas fêmeas, mas eu não estou para lhe fazer a vontade.

E separou-se deles.

— Não faça caso, pediu Florência. Não é ela, é o despeito que fala.

— Deve concordar que é muito impertinente.

— Pelo contrário, no seu lugar eu acharia a atitude dela muito lisonjeira...

— Em fim deu-me tema para um soneto... já não é mau.

E, metendo os dedos pela longa cabeleira, começou :

Abandonei-te, sim, mas não sabia.
Que te entreguei a fundo desespero.

— Pelo amor de Deus, Passos! vai dizer-me versos inspirados por outra mulher?

— Perdõe, baronesa, o coração dum poeta...

— E' mais volúvel de que o das mulheres?

— Confesso, disse ele num tom contrito.

Florência fingiu-se amuada e até casa não lhe deu palavra.

Durante o almoço o pobre poeta não sabia já de que terra era. Elas contradiziam quanto ele afirmava e, se mostrava opinião identica á delas, passavam para a contrária.

Tomou então o partido de falar em política com Reinaldo. Não foi mais bem sucedido, porque as gargalhadas e os comentários a tudo que dizia sucediam-se. Despediu-se, logo que passaram ao gabinete de fumo e saiu furioso, pensando :

— Parecem *tudo, tudo*, menos senhoras.

E as duas ficaram rindo.

— Fômos um pouco longe de mais, disse Flo-
rência, com pena.

— Nunca se vai longe de mais quando se con-
segue fazer perder a cabeça a um homem tendo
a certeza de que ele a não pode achar.

— Cruel! murmurou o barão, lançando-lhe um
olhar ternissimo enquanto expelia para o ar ba-
foradas de fumo.

XVIII

O renascer duma esperança dá alento
nos corações.

Benita montada á *califourchon* corria á rédea solta pela estrada de Alemquer. Retomára os seus hábitos de solteira. Nunca procurava a companhia do marido. Isolava-se de tudo e de todos, quanto podia. Na intimidade era alegre e jovial dando á família a impressão de que era feliz. Gilberto sempre que procurava Benita encontrava nela uma mulher amavel e carinhosamente indiferente, que não partilhava as suas sensações. Era uma estatua animada. O seu orgulho e vaidade máscula sofreram tanto mais com isso, quanto era palpavel que não havia calculo ou premeditação na attitude da mulher. Falava com ele naturalmente, discutindo mesmo vários assuntos com animação sempre que estavam em família, mas sós, as palavras gelavam-se-lhes nos lábios. Não tinham vontade de trocar a menor ideia e sentiam uma necessidade de meter entre si alguém ou o sono,

pelo menos aparente, se já não eram horas de buscar companhia estranha. Gilberto sentia uma irritação profunda contra Benita, pensando :

— Para esta mulher era necessário um santo !

Porque olhei para outra criatura tanto bastou para não poder contar com ela.

Conquista-la não me foi muito facil : reconquista-la parece-me completamente impossivel. Demais, a cada passo que dou nesse sentido, dá-me uma vontade enorme de retroceder. É que é cem vezes pior de que fazer uma viagem ao polo norte !

— E, sem querer, achava-se a murmurar :

— Que monstro !

Depois da mais completa e cabal intimidade intellectual e fisica só esta última existia, como uma simples formalidade a que um se achava obrigado pelo contrato feito, e a outra aceitava sem protesto para evitar questões e ditos.

Como disse, nas primeiras linhas deste capitulo, Benita galopava á rédea solta pela estrada de Alemquer. Quem a visse passar com a velocidade do raio, de chapéu de aba larga, jaqueta e cinta, podia supor, vendo o magnífico murzelo, que era um reneiro rico de volta de qualquer fazenda situada nos arredores, mas que fôsse uma mulher é que ninguem pensava.

Em sentido oposto vinha outro cavaleiro, a passo, com as redeas abandonadas sobre o pescoço do cavallo que montava, cuja estampa era

soberba. Um cigarro ao canto dos lábios, e o olhar distraído, indicavam de sobra que, entregue aos seus pensamentos, ia muito longe dali. Despertado pelo enérgico galope que se aproximava levou urbanamente a mão ao chapéu, e teria passado, sem fazer maior reparo, se Benita, estacando subitamente a sua montada, lhe não perguntasse :

— Donde vem, morgado ?

— Oh ! minha senhora, peço-lhe mil perdões ! Agora não a conhecia. Não a tinha visto ainda assim...

E nas palavras do morgado havia um leve tom de censura.

— Não respondeu ainda á minha pergunta, tornou Benita pouco á vontade.

— Venho da Carvoeira : tenho ali uns parentes.

— Regressa a casa ?

— Não sei bem...

— Então voltarei consigo emquanto se não desviar do meu caminho. Eu corria sem destino, apenas para fatigar o corpo e desanuviar o espirito.

E, voltando o cavalo, colocou-se á direita do morgado, obrigando ao passo o desinquieto murzelo que continuava ainda desejoso de mais brincadeira.

— Passe-me um cigarro, se tem : pareceremos dois bons camaradas de volta duma excursão distante.

— Fuma? perguntou Júlio com pasmo e reprovação.

— Fumo, respondeu Benita, fingindo não perceber. E' um hábito agradável, e não um vício que adquiri quando era livre.

Sacrifiquei-o enquanto me durou a loucura conjugal e readquiri-o ao cair na realidade.

— Para uma senhora, permita-me que lhe diga a minha opinião, é um hábito muito feio.

— Também acho. Mas que quere?— distrai-me, não pretendo agradar a ninguém... por isso...

— Bem sei, murmurou o morgado corando, mas era em si, minha senhora, na sua vida íntima que eu pensava. Perdôe-me a indiscrição, que é filha da sincera e profunda dedicação que lhe tributei desde o primeiro instante em que a vi. Parece-me que nenhum homem, e muito menos Gilberto, gostará de vêr a mulher que ama trajar desse modo e fumar cigarros. A felicidade, minha senhora, depende ás vezes de cousas mínimas.

— E parece-lhe, perguntou Benita em tom zombeteiro, que a minha felicidade corre perigo por causa das calças, da jaleca, e do cigarro?

— Não digo tanto, mas...

— Olhe, meu caro morgado, como o tenho em alto conceito, vou ser completamente franca consigo. Desagradar-me-ia profundamente vêr-me mal julgada por uma pessoa que prezo, isso dar-se-ia mais tarde ou mais cedo, quando a verdade

lhe chegasse aos ouvidos. A felicidade do lar depende realmente de cousas minimas, tem razão. Mas o meu lar perdeu-a sem que eu tivesse a consciência de concorrer para isso.

No entanto tive a culpa e, — sabe porquê?

O morgado teve um gesto de muda interrogação.

— Amei um homem como se ele fôsse Deus. Foi um ataque de completa loucura. Mostrei-lho, deixei-o ler no meu coração, como num livro de história pátria, o que é o mais completo disparate que uma mulher pode fazer. Hoje sei, mas de que serve? Se o meu temperamento, rebelde ao menor fingimento, me priva de pôr em prática quanto a prudência e a razão me sugerem?

— Mas um amor como diz não se extingue e portanto...

Benita olhou-o com piedade:

— E' esse o seu pior mal. Isso seria muito longo, muito complicado, e até impossivel de explicar claramente a um homem. Resumirei: a culpa é minha: procedi contra o meu interesse. Não culpo ninguém. Vários efeitos tem esta minha falta; o maior é um resentimento, tanto e tão grande, com quem me não compreendeu que entre nós existe um mar de morte que nada pode desfazer.

— Como a lamento! murmurou com sinceridade o morgado.

— Não o faça que me humilha. Posso bem com os meus pezares. Mas, voltando ao assunto...

O morgado interrompeu-a :

— E'-lhe portanto indiferente que Gilberto esteja ou não em casa ?

— Completamente, não.

— Se ele quizesse empreender uma viagem, affligir-se-ia com isso ?

— Conforme. Se fôsse só ou com algum amigo estimava até. Era um alívio. Com ela não lho consentiria. Eu não sou a mulher que gosta dos papeis de vítima e, se ele tomasse essa estranha resolução, não me encontraria á volta. Dir-lhe-ia primeiro, com desassombro, qual seria o meu procedimento e não choraria por ele, porque é um ser de tal ordem que nem uma lágrima merece.

E a despeito desta confissão, o olhar de Benita era empanado por lágrimas que reprimiu por um soberano esforço de vontade.

— Não falemos mais em males irremediáveis, concluiu.

— Não creio que um pequeno desvario de Gilberto possa ser mais do que uma nuvem que passa, nuvem que servirá até para tornar mais brilhante o sol da sua felicidade futura.

— Não me conhece morgado ! O meu passado foi morto por Florência. A menor tentativa para o reviver punha-me a imagem dessa criatura diante dos olhos. Entre mim e Gilberto, ainda que ela môrra, o seu vulto ficará eternamente. Eu, desgraçadamente, talvez pela errada educação que recebi, tenho um caracter de homem e não per-

dão neles, aquilo... que os homens geralmente não podem perdoar ás mulheres.

Tinham chegado em frente de Mata-Cães. A pequenina capela do Senhor do Calvário dominava a estrada.

— Lembra-se do dia em que ali fomos? perguntou Benita impensadamente, esquecida da confissão que então recebera e á qual não ligára importância alguma.

— Se lembro! Esse dia conta entre os mais risinhos e mais tristes da minha vida. Subi o monte com a alegria da esperança a inundar-me o coração e desci-o com tanta tristeza, tanta! Compreendi a cantiga que compára o amor a uma alta montanha que se sóbe cantando e se desce a chorar.

Benita ficou silenciosa, sem bem saber que dizer, e o prolongamento daquele silêncio tornara-o mais incomodo ainda. Por fim perguntou:

— Vamos lá?

— Como quizer.

Desviando os cavalos da estrada subiram pelo ingreme carreiro que conduz ao alto do Calvário. Fizeram a subida calados talvez evocando melhor tempo.

— Que vista! que deslumbramento! murmurou Benita quando atingiram o cume do monte.

O morgado, com as faces incendidas, olhava a cadeira cavada na rocha junto da qual declarára a Benita o seu amor.

E, num instante, esqueceu tudo quanto devia a si próprio, á sua companheira e á amizade que o ligava a Gilberto, perguntando inconvenientemente :

— Diga-me, minha senhora, se soubesse então o que sabe hoje, que resposta teria dado á confissão do meu amor?

Benita era uma mulher criada fóra de todas as leis e preconceitos sociais, habituada a fazer e a dizer quanto lhe passava pela cabeça. No campo das hipóteses, o seu pudor não se alarmava. Tinha a consciência do valor dos seus actos e muito respeito por si própria para poder pensar que os outros faltassem ao que lhe deviam.

Por isso respondeu sinceramente :

— Não sei. Não gostando de ninguem, era provavel que tivesse gostado de você, tanto mais, concluiu com certa ingenuidade, que era por assim dizer, a base do seu character, que emquanto não gostei de Gilberto, o principe dos meus sonhos possuia, tinha tambem o seu rosto, a sua figura, e era tão parecido comsigo, que frei João, a primeira vez que viu o morgado, disse-me : Acabo de encontrar á porta da quinta o seu ideal na pessoa gentilíssima do morgado do Choupal.

— E quando me viu, essa semelhança não a levou a simpatisar comigo?

— Não. Achei-a extranha. Mas, como o meu zoração já estava fixado, não pensei mais nisso e é possivel que se tivesse meditado...

— E no dia em que eu, neste lugar, lhe disse que a amava?

Com muita singeleza e sinceridade Benita respondeu-lhe:

— Tive muita pena de você porque deve ser... é, com certeza, profundamente triste um sentimento não correspondido. Mas consolei-me com a ideia de que, brevemente, me esqueceria por outra.

— Não sucedeu assim. Amei-a sempre e cada vez mais, e o meu coração, vendo-a ligada a outro, sofreu todas as torturas do inferno. Hoje, a minha única ambição era sabê-la feliz. Acaba de me tirar essa esperança mostrando-me que, como a minha, a sua vida está inteiramente falhada...

A voz de Júlio traía, mau grado seu, uma grande comoção.

Benita, sem que se lhe acelerassem as pulsações do coração, estendeu-lhe a mão e disse-lhe com a maior e mais real candura:

— Sejamos amigos, quere?

— Amigos! E pensou acaso nos perigos que podem surgir de tal amizade?

— Perigos? Não vejo quais. Respeitamo-nos ambos muito para que qualquer pensamento menos bom nos possa surgir no espírito. Portanto...

— Não, não é isso que eu queria dizer. Pensava no mundo, nas ideias e comentários a que

poderia dar lugar uma forte amizade entre uma mulher da sua idade e um homem como eu.

— O quê? Preocupa-se com isso? Julguei-o muito superior a todas essas mesquinherias mundanas.

— E sou, quando se trata de mim. Mas de Benita é diferente.

— Não seja mais papista do que o papa, morgado, e, a não querer desferrar-se da recusa que recebeu então, não me negue a sua amizade: sinto que careço dela. Estou farta de sentimentos banais, egoistas, que exteriorizam tudo, que teem fontes de eloquência para exprimir ternura, e que, quando se carece deles... não se encontram nunca. Amparos que se prometem e falham logo que estendemos a mão quando precisamos d'um apoio. O meu bom frei João continua meu amigo, mas afastou-se de mim. Minha mãe, como não me deixei guiar por ela e não me convem ser franca, retraiu-se. Meu pae, que adoro, tenho de o manter a distância. Não posso ter com ele a intimidade que dantes tinha, porque receio falar demais. E de tantos, tão antigos e sinceros affectos, só posso usar o do bom D. Pedro que se me afeiçoou do fundo da alma e não hesitá entre mim e o filho. E' curioso! Como tudo na vida muda! Quem entrar hoje em nossa casa e vir a ternura de meus pais por Gilberto hão-de julgar que ele é filho deles e que D. Pedro é que é meu pai! Como as cousas se complicam e transtornam,

quando nos deixamos guiar pela única ideia de manter a paz, seja porque preço fôr!

Os cavalos escarvavam o solo com impaciência, contrariados por tão longa paragem.

Júlio apeou-se, e, apanhando um trévo que despontava por entre a porta fechada da capela, disse-lhe :

— Tem graça ! Este possui quatro fôlhas. Como o que lhe dei ha três anos.

— Ainda o tenho no meu livro de missa.

E, entalando na casa do colete a rara fôlha, continuou :

— Permita Deus, meu caro morgado, que eu leve daqui a consolação duma amisade franca, leal e forte, como ha três anos levei a cruz dolorosa e triste sob o pezo da qual vergo constantemente.

E, deixando o cavalo voltar, desceu o monte em silêncio, como subira, seguida pelo morgado.

Chegando á estrada, a mulher de Gilberto mudou prepositadamente de conversa e, como os assuntos regionais os interessavam muito a ambos, chegaram a Souto Real num minuto. Benita instou com ele para que entrasse. Júlio recusou sob o pretexto de que a mãe o esperava para a acompanhar á quinta de D. Felizarda. A verdade não era essa : é que se sentia ainda muito comovido com a conversa que acabava de ter no Calvário para poder suportar a vista de Gilberto.

Despediram-se. Júlio ficou a vê-la desaparecer na alameda da quinta.

Chegando ao fim, ela voltou-se na sela e acenou-lhe, sorrindo, com a mão. Ele agitou o chapéu e metendo esporas ao cavalo, chegou ao Choupal em menos dum *ai*, como por ali se diz quando se quiere expressar rapidez.

Era noite quasi, mas ele levava na alma uma alvorada de abril.

A desesperança não habita no coração dos homens, mesmo quando, como Júlio, são bem intencionados.

XIX

A vingança é um deleite que só conhecem as almas vis.

• • •

São dez horas da noite. Na pequena e confortável casa que reunia as famílias Cete e Soutelinho, havia luz na janela do quarto dos viscondes o que áquela hora não era costume; mas a varanda estava aberta e a cortina de cassa agitava-se brandamente ao leve sopro da brisa marítima. Penetremos no jardiminho e espreitemos para dentro.

O quarto é espaçoso e bem mobilado, mas sem luxo. Lourença, sentada junto duma carteira, escreve, com letra que todos diriam ser a da baronesa, a seguinte carta:

Minha cara Benita.

Envio-te essa criança que é filha de Gilberto e meu filho. Não sei quem — uma alma vil por certo — denunciou tudo ao barão. Estou irremediavel-

mente perdida aos olhos dele e da sociedade. Não quero arrastar essa criança na minha queda. Tu não tens filhos; sé sua mãe, certa de que eu não perturbarei o teu repouso e pedirei a Deus que te dê vida para amparares o filho que com tanta confiança te entrego. Perdôa-me, se te fiz chorar e vingate como se vingam as almas como a tua.

Florência.

Depois, fechou-a num sobrescrito e escreveu-lhe a direção com igual letra.

Retomou a pena e, sem contrafazer a sua caligrafia, escreveu:

«Não é impunemente, Florência, que me roubeste os meus escravos. Eu sei e posso converter em lágrimas os sorrisos que os triunfos sobre a minha vaidade ferida te tem trazido aos lábios.

Mandei o teu filho a Benita com a carta de que te deixo cópia e teu marido, conhecedor de tudo pela tua correspondencia, *que lhe entreguei*, vai comigo. Intentará contra ti um processo de divórcio, trazendo tudo a público á menor exigência que lhe manifestes. Querias que Reinaldo estivesse apaixonado por mim? Está. Desafio-te a rehavê-lo. Fica com os meus antigos apaixonados que te hão de servir de muito...

«Não te dou conselhos, a tua carreira está naturalmente indicada. Adeus.»

E assinou, fechando noutro sobrescrito.

Uma leve pancada soou á porta do quarto.

— Entre.

O barão assomou ao limiar, vestido para sair e de chapéu na mão.

— Então? perguntou-lhe Lourença.

— A ama já está no automovel com o pequeno e as malas.

— Bem. Entregue-lhe esta carta e fá-la partir quanto antes; não vá chegar Florência mais cedo o que poderia dar lugar a qualquer conflicto grave.

— E' já.

E pegando no sobrescrito que Lourença lhe es-tendia o barão dirigiu-se para a porta.

— Olha, chamou a viscondessa, e nós?

— As malas já estão carregadas. Podemos partir logo que queiras.

— Vou pôr o chapéu e desço.

E realmente foi pôr o chapéu em frente do espelho, atou serenamente o véu, sorrindo á própria imagem, vestiu a sua elegante capa, colocou a carta sobre a mesa, bem em evidência, e calçando as luvas, desceu os poucos degraus da escada. O barão esperava pacientemente passando em frente da porta.

— O pequeno? perguntou Lourença em inglez para não ser compreendida pelo *chauffeur*.

— Já lá vai.

— Mas eu não senti rodar o automovel?

— Mandei-o pôr a distancia para não alarmar os criados nem a vizinhança.

— Estás cauteloso !

— Vamos ? perguntou ele impaciente.

— Vamos.

Subiram para o seu *Dion Bouton*.

— Para onde ? perguntou o chauffeur.

— Para Lisboa ; a casa da senhora viscondessa.
O veiculo rodou.

— Até que enfim ! exclamou Reinaldo delirante, estreitando a viscondessa nos braços trémulos e cobrindo-a de sofregos beijos. Até que enfim !

— Agora, meu pequenino imperador, que vá surpreender-nos ! Hade vexar-nos imenso a sua presença...

E uniu a sua boca á dele com tal veemencia que se não poderia chamar aquilo um beijo.

O barão tinha o direito de se julgar amado.

— E ela amava-o ? perguntará a leitora.

Eu sei lá ! Naquele momento parecia que sim. Ha certas criaturas que julgam ter amado muito e não amaram ninguem. Dão-se a todos e não são de nenhum. Amam o amôr, o sentimento, e não as pessoas que lho inspiram ; essas, são *instrumentos necessários* que se substituem sem pena á menor desafinação. A viscondessa era uma amante do amôr e não do homem e, naquele momento, entregava-se a Reinaldo com o mesmo fogo, a mesma paixão, com que três dias antes se déra a outro. No entanto era sincera e o presente tinha nela uma influência tão funda que pa-

recia infinita! Isso fazia com que os seus muitos apaixonados imaginassem sempre (tanta é a vaidade humana!), que cada um deles era o preferido e os outros não passavam de infelizes aspirantes. A's vezes, trazida pelos ecos da malevolência, chegava-lhes aos ouvidos uma anedota alegre ácerca de Lourença. Eles duvidavam. Mas, se o caso era de tal fórma que não podia deixar incerteza, consolavam-se com a ideia: «A mim é que ela ama... aquilo não se finge... os outros são apenas uma distração, um passa-tempo. E como isso condizia com o modo de amar masculino, sempre pronto a acumulações, como os empregados do estado, parecia-lhes, visto que lhes não podiam dar o seu nome, que o caso era lógico e profundamente natural.

Ah! os homens! os homens!

XX

Só os fracos prcuram na morte o
repouso que ella lhes não dará.

Florência, regressando do Club, onde se demorára até tarde para poder surpreender o marido, sentia-se triste, só, desamparada. Um arrependimento tardio lhe invadia a alma. Ela podia pensar e conceber o mal. Era mesmo má, cínica. Mas não tinha fôrça para o pôr em execução, sentia-se covarde para o afrontar. Demorou quanto pôde a volta a casa e, ao entrar a porta, um calafrio lhe percorreu todo o corpo com uma rapidez eléctrica. Teve vontade de retroceder, mas, por um esforço supremo da sua fraca vontade, conseguiu alcançar a porta do quarto de Lourença.

Com grande espanto seu, encontrou-a aberta. Parou, hesitou, passou a mão pela testa alagada em suor, e avançou, trémula e vagarosamente, a cabeça pela abertura.

— Ninguem!

Deu alguns passos a medo no quarto, foi á janela, voltou e, olhando para cima da mesa, viu a carta sobrescritada para si.

Sem bem compreender o motivo porque Lourença lhe teria escrito, abriu a carta e leu. Ao chegar, porém, ao ponto em que ela falava do filho, a fisionomia demudou-se-lhe. Lançou-se ávidamente sobre a copia da carta escrita a Benita e, numa convulsão de choro e riso, caiu sobre o sofá onde a luz da manhã a veiu encontrar inanimada e fria.

As criadas não deram por cousa alguma. Estavam habituadas a que Florência dispensasse os seus serviços e só apareciam quando ela as chamava. A' meia noite havia ordem de apagar as luzes e de se recolherem, quando não tivessem recebido aviso em contrário, sabendo pois, pelo porteiro, que a baroneza tinha entrado, deitaram-se como de costume.

Estranhando que de manhã Florência não tocasse, e fôsse já tarde, Efigénia decidiu-se a entrar no quarto de sua ama e, vendo a cama feita, ficou espantada.

Percorreu os outros aposentos e foi encontra-la desmaiada sobre o sofá de Lourença.

— Estas amigas! murmurou a criada com aze-dume. Estou quasi a apostar que ela não sabia que o marido tinha partido com a outra!

Olhou em volta e viu as cartas caidas, não longe do sofá. Apanhou-as, passou-as rápidamentee

pela vista e guardou-as no bolso, em seguida agitou com força a campainha colocada sobre a mesa.

Correu a criada dos engomados e ajudou Efigénia a socorrer a baronesa.

Voltando a si, Florência murmurou o nome do filho.

Elisa saiu para lho trazer e, voltando, lançou á sua companheira um olhar desolado.

O sentimento da maternidade está no coração de todas as mulheres, mesmo no daquelas que nunca tiveram filhos. Os olhares das duas criadas encontrando-se, fizeram correr abundantemente o pranto pelas faces de ambas. Florência olhou-as e dos seus olhos correu apenas uma lágrima grossa e solitária.

Ergueu-se e, amparada por Efigénia e Elisa, foi para o seu quarto. Aí meteu-se na cama e, recomendando o maior silêncio, pediu uma bebida muito quente porque tremia com frio: enquanto o corpo se agitava numa comoção intensa, a alma transbordava-lhe de intraduzível amargura.

Apressaram-se a prodigalisar-lhe cuidados e a reação fez-se rapidamente. Então perguntou a Efigénia pelas cartas.

A criada, depois de ligeira hesitação, entregou-lh'as.

A baronesa pediu uma vela e consumiu-as.

— Que faz, minha senhora? exclamou inadvertidamente Efigénia.

— Lêste? perguntou Florência sem cólera.

Côrando, a rapariga respondeu :

— Afligia-me tanto o estado de V. Ex.^a... não sabia a que devia atribui-lo...

— Achas então que as não devia queimar?

— Eram provas com as quaes V. Ex.^a podia um dia confundir aquela vibora.

— Um dia!... murmurou ella ironicamente. E outra lágrima sulcou as faces da baronesa.

— Eu vou buscar-lhe o menino, quere, minha senhora? perguntou a bôa rapariga chorando e com a energia que dá ao coração da mulher a vista dum sofrimento pungente.

— Não, murmurou, Florência. Amanhã saberás porquê.

Passou o dia na cama, de olhos perdidos no vago. A' tarde, levantou-se, vestiu-se, pediu o jantar, e, quando terminou a refeição, chamou Efigénia e disse-lhe :

— Vou a casa do Dr. Abreu. Quero consulta-lo para saber como hei-de pedir o divórcio. Deita essa carta no correio, mas que vá segura e, se eu até ás dez não recolher, podem-se deitar : é porque fico em casa da D. Joséfina. Mas, se assim fôr, de manhã vai ter comigo á praia.

— Sim, minha senhora. V. Ex.^a não quere que eu a acompanhe? Olhe que seria melhor...

— E' inutil. Eu estou perfeitamente bem.

E, saiu tomando realmente a direcção da casa do conhecido advogado.

Chegando ali, retrocedeu e voltou pelo caminho da praia. Dirigindo-se ao banheiro disse-lhe alegremente:

— Não pude vir de manhã nadar: venho agora. Não quero perder um dia.

O banheiro fez-lhe vêr que a hora era adiantada, que o mar estava bravo, ele já estava vestido e tinha jantado, etc., etc. Mas, a todos os argumentos que apresentou, encontrou oposta a teimosia da baronesa.

Foi forçoso ceder.

Florência, momentos depois de entrar na barraca, saiu dela cantarolando alegremente e com um sorriso estranho nos lábios.

Eu vou dormir no teu seio
O' mar, meu último amante,
Onde não terei receio
Que me venham acordar.
Leva a praia e bem distante,
A morta que viva veiu
Nesse teu corpo ondulante
A paz eterna heide achar
O' mar, meu ultimo amante,
Só tu me deves chorar.

Esta letra, que Florência cantarolava por entre dentes e com olhar esgazeado e incerto, fôra escrita por Gilberto para umas serenatas feitas no Estoril no tempo em que eles estavam noivos. A baronesa não se lembrava disso. A mente escandecida, não evocava recordações. O seu espírito,

fraco e covarde, recuava ante a luta. Preferia a morte, essa miragem enganadora de paz, que sempre a seduzira, esse tûmulo vivo e soluçante que lamentaria eternamente a dôr duma bela e joven apaixonada. No coração desta mulher, quasi completamente depravada, um único sentimento forte existia: o amôr de mãe. Esse amôr, com a agudeza de todos os sentimentos fortes, presentira as lutas do coração de Gilberto e, desde então, afastára o filho dêle como dum perigo iminente. Sentira, com íntima certeza, que, se ele um dia o obtivesse nunca mais voluntariamente lho daria. Sabendo-o nas mãos dele, não refletiu, não pensou em o pedir, como era natural, se estivesse a sangue frio. Julgou-o perdido para si, e o delirio da febre fê-lo vêr, ainda pequenino, a desdenhar a própria mãe. Esta mulher, para quem a fortuna era tudo, foi insensível á sua perda que a carta de Lourença naturalmente lhe anunciava. Uma única cousa tinha na sua alma um eco doloroso: era a própria voz repetindo:

— Levaram-mo, levaram-mo! Nunca mais o verei!

A mulher leviana e faustosa desaparecera: ficára apenas a mãe, ferida e angustiada, diante d'um berço vazio.

O que seja esta dôr só as mulheres que tenham perdido um filho podem compreender.

Uma mulher de character varonil iria atrás da criança, arrancá-la-ia aos outros, fôsse por que

meio fôsse, e desde que se tratava do *seu filho*, não recuaria nem diante do crime. Ele seria seu embora á custa da própria liberdade e até da vida. Mas Florência, entregue ao desânimo, e cheia de febre, anciava pelo repouso eterno e desconhecia que, pelo suicidio, não o podia alcançar.

A' mente torturada vinha-lhe a idéa: «sofrerei muito?» E um arrepio de médo percorria-lhe a espinha dorsal. Depois, raciocinava com aparente clareza:

— E que vale uma ou duas horas de tormento comparadas à vida desolada? Cada ano tem 365 dias e o dia 24 horas! Em duas termino tudo: vale a pena.

Foi obedecendo a estes disparatados raciocínios de economia de dôres moraes, que Florência cantarolando, sem saber o que fazia, se lançou ao mar. Começou nadando lentamente e afastou-se muito da praia. Quando o banheiro deu por que ela estava longe, comentou comsigo:

— Aquilo não é mulher, é o diabo! Nem um peixe lhe leva a palma.

E fazendo um porta-voz com a mão, gritou-lhe que voltasse.

Florência fez menção disso, e éle, enchendo uma bacia de pés, voltou costas ao mar e, certo de que ela voltava, foi lançar-lhe á capa. Quando se aproximou da margem viu que a distância tinha aumentado imenso: ela era um pontinho impreceptível sobre o vasto azul das águas.

Ancioso, o banheiro lançou-se num barco, chamou em seu auxílio o filho, içaram a vela e fizeram-se rapidamente ao largo.

Quando chegaram ao sitio onde Florência havia desaparecido não viram nada. O tio Simão soltou uma tremenda praga. Minutos depois pareceu-lhe que alguma cousa flutuava a distância: era o corpo de Florência. O mar erguia-se em altas vagas. Pensavam em recolher a vela, sem saber como se atreveriam a fazê-lo, quando uma lufada de vento mais forte lha estilhaçou, ameaçando submergir a embarcação. Recorreram aos remos. A muito custo, e com perigo das próprias vidas, alcançaram o corpo da suicida.

Na praia a anciedade era enorme.

Toda a população alarmada pela notícia de que Florência estava em risco de morrer afogada, correria ali. A mulher do banheiro, quando viu a embarcação em que ia o marido e o filho perder a vela, caiu de joelhos na praia rezando e chorando. As mulheres presentes, por um sentimento de piedade, uniram ás dela as suas orações. Os homens descobriram-se respeitosos, não sei se ante a idéa de Deus, se ante a voz tremenda da tempestade. Efigénia Floripes, de pé na praia, com o cabelo solto, e o olhar desvairado, chorava convulsamente. A pobre rapariga tinha a intima certeza de que não fôra um desastre inesperado, mas sim previsto e meticulosamente calculado. Nem um instante teve esperança de

que a baronesa voltasse com vida. E não se enganára. Foi um cadaver que horas depois ela deitou na cama da sua ama.

Contra o que é vulgar ninguém devassou os segredos desta morte. O barão e a viscondessa prevenidos por telegrama do acidente vieram naturalmente tomar os seus logares. Os criados que não queriam perder os seus optimos ordenados não se atreveram a fazer comentários. Efigénia tambem os não fez. Mas, quando o corpo da baronesa tomou o caminho do túmulo, despediu-se daquela casa e, triste, de quanto tinha presenciado, foi pôr um anuncio no *Diario de Noticias*.

Em vão instou Reinaldo com ela para que ficasse ao seu serviço. A boa rapariga tinha ao *chalet* o horror que se tem ao teatro dum crime e via no barão um assassino.

XXI

Pagar o ódio com amor é privilégio
dos que sabem viver.

Pouco passaria da uma da manhã quando um automovel entrando pela alameda de Souto Real, aberta a toda a hora da noite, foi parar à porta de casa. Todos dormiam menos Benita que, sentada em frente da secretária, anotava os Evangelhos. Sentindo parar o veículo, ergueu-se e correu à janela. Supoz que era frei João que qualquer acaso, trouxesse ali a hora tão adiantada da noite. Ficou muito admirada quando uma voz de mulher lhe respondeu:

— E' uma carta urgente para a senhora D. Benita de Castende.

— Donde vem? perguntou a mulher de Gilberto.

— Da Ericeira.

— Deixe vêr.

E, debruçando-se da janela, recebeu a carta que o *chauffeur* lhe estendeu pondo-se em pé no assento do auto.

— Espere um instante, recomendou Benita, e

aproximando-se da secretária leu à luz do candieiro a carta da viscondessa.

Quando a terminou recomeçou-a de novo e acabando finalmente de a lêr, pegou no candieiro e dirigiu-se para a porta da rua. Todos estavam no primeiro sono e ninguém deu por isso, a não ser o caseiro que, andando a rondar, veio vêr de que se tratava.

— Quer que chame alguém, minha senhora? perguntou ele a Benita quando a viu abrir a porta.

— Não, João, não é preciso.

E, voltando-se para a ama, disse-lhe:

— Apeie-se, faça favor.

— E' que ha malas... respondeu tímidamente a mulher.

— Olhe, João, tornou Benita em voz baixa, chame então um dos criados da quinta. Não quero que acorde ninguém de casa. Transportem sem rumor as malas para o quarto dos hóspedes.

Voltando-se para a recém-chegada disse-lhe:

— Vamos.

Depois, acrescentou para o *chauffeur*:

— Eu volto já.

Instalou a ama no quarto e voltando ao seu sentou-se à secretária e escreveu:

«Florência,

Desempenhar-me-hei do encargo de que me julga digna com toda a dedicação e ternura de

que um coração de mulher é capaz. Como, escrevendo-lhe, não vejo em si senão uma mãe afflicta, juro-lhe, por tudo que ha para mim de sagrado no mundo, que, para todos os efeitos, a criança que acaba de me entregar, será sempre o *meu primeiro filho* e que, se algum dia os tiver próprios, a minha conduta será igual para todos. Escuso dizer-lhe mais. Bem sabe que nunca falto ao que prometo. Deus lhe perdõe e a faça feliz. E' com desejos assim que se vinga,

Benita.»

Ia a escrever de Castende, mas a sua alma, essencialmente delicada, não quiz juntar ao nome próprio o apelido que usava para nem de leve ferir a vista e o coração de Florência.

Desceu, entregou a carta ao *chauffeur* e, fechando a porta, voltou para junto da ama. Viu a criança, beijou-a, ameigou-a, e depois de ter ensinado à mulher a maneira por que devia chama-la, se precisasse de alguma cousa, voltou ao seu quarto, ajoelhou-se no seu genuflexório e rezou chorando por muito tempo.

— Benita! chamou Gilberto do leito; não te vens deitar?

Ela ergueu-se e dirigiu-se para o quarto.

— Que horas são? perguntou Gilberto.

— Quasi três.

— Estás passando as noites de véla e isso não te faz bem.

Benita acendeu uma palmatória e Gilberto, vendo-lhe o rosto desfigurado e os olhos chorosos, perguntou:

— Que tens?! Porque choraste?

— Uma surpresa muito desagradavel para mim, porque me veio provar, mais uma vez, que o coração do homem é incapaz duma íntima franqueza. Como és diferente do Gilberto que eu idealisei!

— Mas a que vem tudo isso?

Benita, sem lhe responder uma única palavra, pegou na carta que recebera e estendeu-lha. Ele devorou-a com a vista e, quando terminou a leitura, perguntou desvairado de ansiedade:

— Que lhe respondeste? O pequeno?

— Respondi-lhe isto.

E Benita estendeu-lhe a cópia da carta.

Então, alvoroçado, rindo e chorando, Gilberto lançou-se nos braços da mulher, repetindo:

— O meu filho, o meu querido filho. Quero vê-lo... onde está êle?

— No quarto dos hóspedes, respondeu-lhe Benita com voz extinta.

Gilberto ergueu-se, vestiu à pressa um roupão e precipitou-se para o corredor.

Benita não teve força de o seguir. Caiu de novo de bruços sobre o genuflexório e num soluço murmurou:

— Meu Deus! Como ele gosta do filho dela!

Não interprete mal o leitor a frase escapada á infeliz Benita. Não era inveja. O seu coração era muito elevado e nobre para a poder sentir. Era uma dôr, intensa e funda, desse laço, que, apesar de todas as leis, ligaria eternamente Florência a Giberto. Ah! se ela tivesse sabido!

O marido, voltando, prodigalisou-lhe mil carícias, confundiu-se em agradecimentos, mas, no fundo dos seus olhos claros, Benita leu uma mortal inquietação.

Não se enganava, Gilberto daria tudo naquele momento para poder correr ao encontro de Florência. Um presentimento horrível da verdade lhe torturava o espírito. Sabia que ela era extrema pelo filho e, com o conhecimento que tinha do seu character, aquele acto era verdadeiramente incompreensível.

Benita lia os pensamentos do marido. Ele tentou beijá-la. Ela pediu-lhe tristemente num tom de amargura intraduzível:

— Deixa-me dormir!

— Gilberto afastou-se bruscamente. Sem um lamento, as lágrimas seguiram umas após outras ao longo das faces de Benita até que o sono, único lenitivo que, na terra, Deus concede aos seres verdadeiramente desgraçados lhe cerrou finalmente as roxeadas pálpebras.

Era manhã.

Gilberto não pôde dormir: estava inquieto, febril. Mil idéas lhe assaltavam a mente. Que diria

seu pai ao vêr o neto? E seus sogros que até então o tinham julgado um santo?

Gilberto era um fraco. Não sabia como havia de afrontar a surpresa dos seus. Tinha desejos de fugir.

Depois olhava o rosto macerado da mulher e não podia deixar de pensar: Para que infelicitei eu esta pobre criatura que era tão ditosa quando eu a conheci? Pobre rapariga! Voltava-lhe depois a anciedade de saber de Florência. As horas pareciam-lhe séculos.

Ai! como o tempo cresce para as consciências torturadas!

XXII

No peito humano pulsa, por vezes,
um coração feroz.

A viscondessa conversava com o barão na própria casa, no seu elegante e rico toucador. Os criados estavam habituados a vê-la entrar sem o marido e a receber visitas masculinas nos sítios mais impróprios. Sabiam que a menor indiscrição era punida com vêrem-se desempregados e, como o passadio era bom e os ordenados largos, não tinham senão gabos para a dõna da casa. Mas, se acontecia sêrem despedidos, então é que era oüvi-los arrastá-la pela lama sem a mais leve piedade, não se limitando a contar a verdade, o que já não era pouco, mas inventando-lhe uma longa série de calunias sem necessidade alguma, porque, para a rebaixarem era desnecessário mentir. E as senhoras das casas onde eles se ajustavam de novo, escutavam-nos complacentes, soltando grandes «Oh! Oh!» contentes de ouvirem esfarrapar, por uma testemunha, a honra da

sua amiga ou simples conhecida, sem se lembrarem de que, por seu turno, pelas bôcas de taes criaturas, podiam ter sorte igual.

Misérias, sim, mas que todos os dias estamos vendo.

O barão, ajoelhado aos pés da viscondessa, repetia-lhe uma por uma todas as frases d'amor que lera num dos diálogos ternos dum célebre autor parisiense e que fazem o triunfo do heróe do livro.

A viscondessa sorria. Sabia demais que aquilo não era dele, mas era bem dito. E ela, que costumava também usar sem escrúpulo de todas as idéas e pensamentos alheios, pensáva :

— Não sabia que havia entre mim e este parvo um tão notavel ponto de contactol

Depois, em voz alta, concluiu :

— Sabes o que estou pensando, meu querido Reinaldo?

— Dize, minha rainha.

— Olhe que o *ma reine* em francês, é toleravel direi mesmo gracioso, mas o minha rainha não se pode ouvir, barão. Ha frases que são verdadeiramente intraduziveis, ou melhor, não são bem.

— Estou desolado de te desagradar.

— Não exagères... mas sabes o que eu pensava?

— Que era?

— Que darias um literato português de primeira ordem.

- Eu? Um literato!!
- Sim, assimilas perfeitamente todas as idéas estranhas e não as exprimes mal. E' quanto basta para deslumbrar a maioria do nosso povo. Quantas linguas falas?
- As mais conhecidas: francês, inglês e alemão, mas traduzo tambem o sueco e o russo.
- Então, meu amigo, vou tornar-te célebre. Será mais um motivo para me seres fiel. Eu quero ser a musa do maior literato português.
- Mas eu sou apenas um homem.
- Para te tornares célebre não é preciso mais. Traduze cousas do norte ou antes escreve livros originais com as idéas dos outros. Eu serei o teu censor, a Beatriz desse Dante.
- Versos? Pois podes pensar que eu faça versos? Eu que não tenho a menor noção da métrica!
- Isso é um disparate que não quer dizer nada. Os antigos é que se prendiam com isso. Hoje em se alinhavando palavras de modo a não ficar uma escrita compacta e dando-lhe uma certa cadência, é quanto basta. No reclamo é que está tudo. E' preciso carregá-lo de adjectivação, recortar das cartas de agradecimento os elogios que nos fazem, por simples cortezia, e impingi-los ao público com gaudio dos editores, contrariedade muda dos que os escreveram, que prometerão a si próprios ser sóbrios daí por diante vendo os seus nomes servirem para uma habil especulação. «Caros livros e mal empregada cortezia!» pensa-

ram os tais. Mas se deles se tirou o proveito desejado, que importa?

E teve uma gargalhada cínica que o outro acompanhou com estupidez.

— Parece-te então que eu?...

— Não ha a menor duvida. Não te dou um ano para que sejas objecto da admiração dos teus compatriotas... e o meu orgulho porque vais ser uma obra minha.

Estavam as cousas neste pé quando uma forte campainhada sobresaltou Lourença.

— Será o visconde? perguntou Reinaldo pouco à vontade.

— Meu Deus! mas que idéa fazes de Emilio? Não regressa nunca sem avisar. E' uma medida cômoda e prudente...

Riram ambos.

Um criado perguntou á porta:

— V. Ex.^a dá licença?

— Entre.

Era um telegrama que ele estendia ao barão numa linda salva, dizendo:

— Trouxe-o o guarda-portão de V. Ex.^a

Reinaldo leu e soltou um grito horrivel, apertando a cabeça nas mãos:

— Ai! que desgraça, meu Deus, que grande desgraça!

E café aniquilado junto da viscondessa escondendo o rosto nas mãos, deixando tombar sobre o tapete o papel amarfanhado com desespero.

Lourença apanhou o telegrama e, tendo-o lido, disse com indiferença:

— E' como nos *Palhaços*: *La comédia é finita*.

Agora está em moda o suicídio você deve ter reparado, que os crimes também teem uma voga especial. O ano passado era o assassinato: era muito mais racional. Este ano é o suicídio; devemos concordar que é muito mais estúpido.

E voltando-se para o criado:

— Mande vir um auto, temos de partir já.

— E que digo ao guarda-portão, minha senhora?

— Que está entregue.

Quando o criado desapareceu, a viscondessa ergueu a cabeça de Reinaldo, beijou-o nos olhos, e disse-lhe num tom frio que incomodou a exigua sensibilidade do impedernido barão:

— Foi o único acto sensato da vida de tua mulher!

— Oh! Lourença, isso é revoltante! A pobre rapariga estimava-te tanto!

— Era mais uma prova da sua toleima.

— Não continues, se não queres que eu pense de ti o mesmo que toda a gente.

— E que pensam todos?

— Que és uma víbora.

— Isso encanta-me. Mas previno-te, meu amigo, que não me trates por tu. Não gosto... é muito burguês.

O barão, irritado, procurou as luvas para saír.

— Espera aí, não sejas tonto. Lembra-te de

que, por causa do mundo, temos de salvar as aparências.

O barão atirou-se de novo sobre o sofá com profundo desalento e chorou infantilmente soluçando muito.

Não era um mau.

Ela tocou para a criada de quarto e, passando ao compartimento contíguo, voltou daí a pouco elegantemente vestida de preto e pronta para sair. Olhando com desdem para o seu novo amante, Lourença disse-lhe num tom, que em vão tentou tornar consolador:

— Vamos, não se apoquente, nada remedeia com isso.

O barão seguiu-a em silêncio e com um olhar rancoroso murmurando:

— Vibora!

Ela fingiu não ouvir.

O automovel seguia com velocidade aterradora. A viscondessa ia despeitada com a atitude do barão. De repente deu uma gargalhada.

— De que se ri? perguntou Reinaldo com voz surda.

— De si e dela, porque parece estar apaixonado pela morta que desdenhou em vida; e dela que me disse ainda hontem de manhã...

— O quê?

— Que o mar seria o seu último amante.

— E com muito veneno:

— Foi-lhe infiel até ao fim.

— Isso consola-a?

— Enormemente.

Horas depois, a viscondessa recebia a visita das pessoas das suas relações que iam testemu-nhar-lhes o pezar com que se condoiam de tão triste desastre que atribuíam a uma imprudência de nadadora apaixonada. Lourença, chorosa, mostrava-se inconsolavel. O barão olhava-se espantado. Quando após o enterro, ficaram sós com o visconde, que regressára presuroso para diri-gir o funeral, Lourença disse ao marido:

— Parte já para Lisboa e manda preparar o quarto verde para Reinaldo. Neste primeiro tempo não o podemos deixar só.

— Mas porque não vamos todos?

A viscondessa mostrou-se impaciente e, cha-mando-o ao vão da janela, declarou:

— E's duma falta de perspicácia única: Um ho-mem não chora à vontade defronte de outro. E' necessário que ele chore.

— Seja, respondeu o obediente visconde. Eu não gosto de scenas lúgubres.

E partiu adiante.

Duas horas depois Reinaldo regressavà a Lis-boia, meio deitado no automovel, com a cabeça apoiada ao hombro de Lourença que, emquanto lhe calculava mentalmente a fortuna, lhe dizia piéguices tolas, chamando-lhe o seu Dante em perspectiva.

Parece mentira, mas não é.

XXIII

Um desgosto nunca vem só!

No dia seguinte a ter recebido o estranho encargo, Benita ergueu-se cedo, enfiou uma bata depois de ter tomado banho, passou ao seu toucador e aí, sentada em frente dum lindo cristal veneziano, pensou em remediar os estragos que aquela noite de cruel sofrimento lhe havia deixado no rosto. Todas as mulheres, que realmente o são, sabem fazer desaparecer os vestígios duma noite de insómnia. Benita não se importava de que Gilberto verificasse os efeitos da sua obra. O que não queria era que nem D. Pedro nem os pais pressentissem que ela sofria. Sabia que os seus corações, já gastos, sentiriam como próprias as suas dôres e não queria isso. Passando pois nas faces uma leve camada de *crème Simon*, cobrindo-a de pó de arroz apropriado á sua côr, que depois tirou, e retocando a fisionomia em varios pontos notou que tinha um parecer mais juvé-

nil do que habitualmente. Esboçou um sorriso e ficou satisfeita da expressão alegre e contente da máscara que tão bem lhe disfarçava as agruras morais.

Entrou no escriptório, onde o marido passeava dum lado ao outro antevendo os irritados olhares do pai e dos sogros, e disse-lhe naturalmente, passando-lhe os dedos pelos cabelos anelados, num gesto de maternal carinho:

— Não saias daqui sem que eu te venha buscar, querido.

Ele envolveu-a num olhar reconhecido, vendo que do seu rosto tinham desaparecido os vestígios do pranto de que ele receiava o efeito no coração do pai, que sabia excessivo na sua ternura pela nóra.

Benita entrou no quarto do pequeno Pedro que dormia com as mãositas aváramente fechadas ao colo da ama.

Envolveu-o cuidadosamente num chale e disse à mulher que se dispunha a segui-la:

— Fique aqui. Eu vou mostrá-lo aos avós e já o trago.

Dirigiu-se aos aposentos do sogro e perguntou no tom mais alegre e satisfeito que pôde conseguir:

— Dá licença, meu pai?

— Entra, Benita, entra.

— Olhe o que lhe trago. Já viu nunca uma figurinha mais encantadora?

E mostrou-lhe triunfantemente o pequeno ajuntando:

— Apresento-lhe seu neto e homónimo D. Pedro de Castende. Agrada-lhe?

— Meu neto? Que nova criancice é essa, Benita? perguntou-lhe o sogro sorrindo paternalmente. Compreendo que a idéa de não ter um filho a desole, mas é ainda cedo para adoptar um estranho, e se...

— Perdão, meu pai, não é um estranho, é um neto. Gilberto tinha-me confessado esta falta da sua mocidade quando casei, e eu, no empenho de cumprir um dever, que reputava sagrado, quiz logo trazê-lo; mas opunha-se a isso a natural ternura da mãe pelo seu filho. E' esta uma razão que se impõe a todo coração sensitivo. Mas esse poderoso motivo desapareceu. Foi ela própria que me escreveu 'confiando-mo. Eu fiquei contentissima, como pode supôr, mas o pobre Gilberto é que está receiando o modo, por que V. Ex.^a receberá esta notícia. E' tonto! Eu bem sei que está encantado. Qual é o avô que resiste a uma carinha destas?

E Benita aproximava o pequenino do velho.

Ele ergueu-se na cama sobre um cotovelo e olhou demoradamente o rosto do pequenino. Depois pegou-lhe numa das mãositas e levou-a aos lábios, murmurando:

— Pobre inocente! Não é ele que tem culpas!
Em seguida olhou fixamente Benita.

Ela desviou o olhar.

— Ainda me não disse quem é a mãe dele, minha filha...

— Não é melhor ignorá-lo?

— Ignorar quem é a mãe de meu neto?! E' então um ente tão desprezível essa criatura, que se lhe afigura necessário esconder-me o seu nome?

— Oh! não. Eu desejava evitar-lhe maior desgosto, a mãe é... é Florência.

— Florência! Pois ele ousou?!

E lágrimas de dôr e indignação rolaram pelas faces de velho.

Então Benita, sentando-se junto do leito, contou-lhe o caso, deminuindo tanto quanto possível, a falta do marido e conseguiu arrancar ao sogro a promessa de que diria ao filho uma frase consoladora, e que cortasse entre eles toda a possibilidade de penosas explicações.

Depois, quando Benita se dispunha a sair, o pequenito acordou e, sem chorar, por uma destas estranhas atracções que as crianças teem para os velhos, começou a rir, a papaguear e a estender-se para D. Pedro.

O avô estava seduzido, mas o homem, que conhecêra, como poucos, os corações de mulher, sofria da dôr que Benita lhe ocultava e admirava-lhe os sentimentos com desvanecimento de pai.

A mulher de Gilberto sangrava sentindo adivinhada.

Beijando-lhe a mão, que ela não teve tempo de retirar, o bom do velho disse-lhe comovido :

— Obrigado por tudo, minha filha. O avô agradece o que o neto inda não sabe nem pode.

Com seus pais Benita fingiu melhor.

Entrou-lhes pelo quarto dentro numa tal explosão de alegria que eles ficaram entusiasmados com aquele neto postiço, e, quando o almoço reuniu à mesma mesa os habitantes de Souto Real, todos estavam alegres e felizes à excepção de Benita. Os pais desta tinham, a seu pedido, ido aos próprios aposentos do genro louvar a sua conducta e D. Pedro, ao entrar na sala de jantar, quando Gilberto se curvava a beijar-lhe a mão murmurando não sei que frase ininteligível, carregou o sobrolho e respondeu-lhe em tom severo :

— Não careço de explicações. Todos aqueles que usaram o seu nome raras vezes erraram ; mas se alguma vez o fizeram, apressaram-se a reparar a falta. Foi o que fez. Não tem portanto nada que me dizer nem eu que lhe ouvir : não se fala mais nisso.

A cadeira de Gilberto quando era criança, foi colocada junto de Benita e o pequeno sentado nela. A ama, de pé, junto do seu menino dava-lhe a pápa a que estava habituado. Mas ele, enlevado na barba branca de D. Pedro, estendia-lhe os bracitos, balbuciando :

— Dá cá dá cá... num esforço vago e sorridente para se aproximar.

Foi necessário pôr-lhe a cadeira ao pé do avô que fez todo o dia um grande estudo para disfarçar o júbilo que lhe ia na alma e guardar um aspecto severo e digno, que lhe era habitual. Ao erguer-se da mesa D. Pedro hesitou, mas, não podendo conter-se, pegou no pequeno ao colo e disse secamente à ama:

— Venha comigo.

Rosalina, com a mania que todas as mulheres teem de ensinar graças aos pequeninos, disse ao risonho bebé:

— Diga adeus, meu menino, diga.

E ele começou a agitar as mãositas enquanto gritava:

— Adeu... adeu...

Todos riram com muito gosto e D. Pedro correu a fechar-se no quarto para poder, sem espectadores incómodos, fazer falar a ama e dar largas ao seu paternal affecto.

Aquele dia pareceu ao bom velho o mais alegre de toda a sua vida.

E' que não ha na terra carinho igual ao que encerra um coração de avô.

XXIV

A morte não termina a vida.
É inútil querer fugir à dor.

Na manhã seguinte Gilberto lia o jornal, quando deparou com a notícia da morte de Florência. Ergueu-se, entrou no seu quarto, meteu o revólver no bolso e, saindo, dirigiu-se ao cemitério. Chegando junto do mausoleu da sua família, descobriu o peito e, apoiando nele o cano da arma, disparou-a.

Ao tiro acudiu um guarda que andava perto, chamou uns pedreiros que construíam próximo um jazigo. Transportaram Gilberto para casa onde chegou cadaver.

O jornal que Benita viu dobrado sobre a mesa no sítio da notícia e que lera, antes de lhe trazerem o cadaver do marido, tinha-a feito temer aquele desfecho. A carta em que Florência lhe anunciava a sua fatal resolução, e que às dez horas o correio lhe trouxe encheu-a dum receio enorme.

O seu instinto de mulher dizia-lhe que a tragédia iria mais longe.

Dos olhos da jovem viuva não brotaram lágrimas, mas, nesse dia, envelheceu anos.

Quando na tarde imediata, voltando do cemitério se abraçou ao enteado dando então largas ao pranto que lhe transbordava do coração, murmurou:

— Agora só te tenho a ti!

Frei João que a seguiu a passo e passo naquela crise dolorosa, retorquiu-lhe:

— Quem sabe? Os designios de Deus são insondáveis.

EPILOGO

As lágrimas transformaram-se em sorrisos.

Se passados cinco anos às sete horas da tarde, entrarmos em Souto Real, na casa de jantar, encontraremos ali uma surpresa: o lugar de Gilberto não está desocupado. Senta-se nele o morgado do Choupal. Junto de D. Pedro um rapazito de seis anos, que é o mimalho de todos, fala sem cessar, impacientando-se sempre que lhe cortam a palavra.

— Porque não virá hoje o frei João? pergunta o pequeno ao avô.

— Não lhe foi possível.

— E amanhã?

— Amanhã não faltará: são os teus anos.

— E que me dará ele?

— Isso é que eu te não posso dizer.

— E tu?

— Muita cousa.

— E o pai? perguntou ele ao morgado.

— E' segredo.

— Lembra-se do que me prometeu?

— Perfeitamente. E, como as festas têm vésperas, aconselho-te a que olhes para a porta do fundo quando eu chamar o João.

— Então chame.

— Depois da sobremesa.

O pequeno não discutiu. Sabia que, com o morgado, era inutil.

— Já pode vir o café, disse D. Pedro para satisfazer os olhares suplicantes do neto.

Júlio, percebendo a intenção, sorriu e chamou:

— João!

O reposteiro abriu-se e o velho criado entrou trazendo um grande cavalo de molas e uma caixa com prédios para construir.

O pequeno, soltando um grito jubiloso, pendurou-se ao pescoço de Júlio beijando-o e exclamando:

— Ai! paisinho que bom! que bom tu és!

Todos partilharam a alegria da criança e D. Pedro, depois de ter examinado o cavalo e as construções a efectivar, disse ao morgado:

— Uma bela idéa! Só lamento não ter sido eu que causásse tão grande alegria ao Pedro.

— E' porque V. Ex.^a ainda não chamou o João.

— Não chamei o João?

— O' João, o avô chamou-te, exclamou Pedrinho com sobresalto.

E o velho servidor entrou de novo, trazendo uma grande caixa na tampa da qual se lia gravado em grandes letras:

O PRESENTE DO AVÔ

Era um verdadeiro exercito com regimentos de infantaria e cavalaria, com um pequeno Napoleão a cavallo seguido do seu estado maior, com carros de ambulancia, feridos, vivandeiros, etc.

D. Pedro levantou-se a dar um abraço ao morgado, com uma alegria quási igual à do neto e disse-lhe comovido:

— Você, homem, tem idéas captivantes!

Minutos depois, D. Pedro formando os soldados sobre a mesa, contava ao neto as campanhas de Napoleão, e Benita pagava num olhar ao marido o jubilo que causára aos seus dois filhos — era assim que ela considerava o sogro e o enteado.

Realmente Julio com aquele brinquêdo, que não estava em harmonia com as suas idéias educativas, presenteára mais o avô do que o neto.

Frei João, de novo satisfeito por vêr a alegria

espiritual de Benita, dizia-lhe no dia seguinte depois de lhe abraçar o marido:

— Eu bem lhe afirmava, minha filha, que podia ainda ser feliz na terra. Este Júlio é um anjo! Só tenho um desgosto, é que, desde o seu casamento, não voltasse ao confessionário nem à igreja. Se o fizesse rejubilaria.

Benita, ouvindo-o, sorriu, mas não respondeu.

Pobre velho! Estava convencido de que ela tinha podido esquecer um tão doloroso passado!

Não tinha. E, se o pudesse, seria inteiramente feliz.

A' felicidade humana falta sempre um *senão*.

A viscondessa cumpria a promessa feita ao barão: tornára-o realmente um escritor célebre, pelo menos, na opinião pública da actualidade. Reinaldo encantado com a sua personalidade, estava cada vez mais apaixonado pela viscondessa, que aumentava a fortuna do marido, à medida que diminuia a do barão. Ela dizia-lhe depois, num tom de vítima:

— Não tenho remédio senão fazer as minhas extravagancias à sua custa para não prejudicar o futuro dos meus filhos: é o dever de toda a boa mãe. E você, Reinaldo, com o seu superior talento, compreende isso perfeitamente.

Desde o momento em que lhe era elogiado o talento, o *bote* à bolsa não andava longe; mas o barão tornára-se filósofo: sabia que todos os

prazeres se pagam dum modo ou doutro, portanto...

A sua celebridade consolou-o da morte da mulher.

Quando soube do suicídio de Gilberto perguntou à viscondessa:

— Não tem escrúpulo disto, minha querida?

— Porque hei de ter?

— E' que, afinal, a morte da pobre Florência e a dele foram obra sua...

— Ora não seja parvo! Foi assim porque tinha de ser. Mas, se se dêsse o caso contrário, não tinha remorso algum: foi um acto meritório: tornei-o célebre e meu. Confesse que é feliz.

— Não posso negar, respondeu ele submisso.

Lourença continuou:

— Tornei feliz o D. Pedro com o neto, os pais de Benita com a ventura da filha, e ela, com o morgado do Choupal e a eles, aos desaparecidos, dei-lhes a imortalidade de Julieta e Romeu, Paulo e Virginia, Heloïsa e Abelardo, emfim de todos os amantes célebres. Você hade, ocultando-lhes os nomes, cantá-los num poêma lírico. E estamos quites. Parece incrível, exclamou com convicção, ainda depois de tudo isto ha pessoas que me chamam vibora!

E esta última palavra foi pronunciada no tom de quem não esquecia as ofensas através do tempo.

O barão côrou e, beijando-lhe a mão, murmurou confuso :

— E' um anjo, um anjo caído!...

— Ignaro! Nem sabe fazer um elogio! No entanto deve reconhecer que eu domino a vida.

— Não ha dúvida, minha querida, não ha dúvida. Mas quando se não têm escrúpulos, não me parece que seja difícil.

— Pois a sua mulher tambem não lhe abundavam escrúpulos, Reinaldo. Quer queira quer não, tem de reconhecer que é preciso sêr-se superiormente inteligente para conseguir ser nociva ou para fazer bem, como eu fiz, quando o remédio a empregar é o mal. Demais é um axioma : é com venenos que as doenças se curam.

— Nesse caso chamar-lhe vibora não poderá nunca ser ofensa.

— E não é. Para mim, o único insulto, consiste em me julgarem nula ou inútil.

O barão concordou. Era forçoso porque tinha de mandar para a imprensa um adjectivado reclamo à sua grande obra.

Momentos depois, a viscondessa sustentava na mão, carregada de brilhantes pagos pelo barão, a que ela, nos seus momentos dôces, chamava *ais de amor*, a elegante caneta de malaquite e escrevia um bombástico elogio que lhe devia valer mais um soberbo *ai* que de manhã vira na joalheria do Leitão.

E no entanto Reinaldo, convencido de que ela o

tinha feito célebre, elegante, feliz, vivia no enlevo da sua musa.

Não se admirem, leitores, o mundo encerra cousas muito mais extravagantes; algumas lhes contarei num próximo volume, que tem por título:

O COLEAR DUM RÉPTIL

FIM



1870
A. 10000

1870
A. 10000

1870
A. 10000

G. COLLEGE FROM REPTIL

TIM

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — A queda de Cesar, por John R. Carling.
- 2 — A força do habito, por Adolphe Belot.
- 3 — Para o abysmo, por C. Dickens.
- 4 — Paulo e Virginia, por B. de Saint-Pierre.
- 5 — Diário de uma mulher, por Octavio Feuillet.
- 6 — Contos do Natal, por C. Dickens.
- 7 — A marquiza de Vale Negro, por Maria O'Neill.
- 8 — O espectro, por C. Dickens.
- 9 — A inundação, por Emilio Zola.
- 10 — O anão feiticeiro, por Walter Scott.
- 11 — A Mantilha de Beatriz, por Pinheiro Chagas.
- 12 — A princesa dos dollares, por J. W. Marden.
- 13 — A viuva alegre, por F. Spielhagen.
- 14 — Aventuras de Arthur Gordon Pym, por Pöe.
- 15 — A mascara vermelha, por Pinheiro Chagas.
- 16 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
- 17 — O juramento da duqueza, por Pinheiro Chagas.
- 18 — Os guerrilheiros da morte, por P. Chagas.
- 19 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
- 20 — O couteiro alsaciano, por Erckman Chatrian.